

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

CAIO FERREIRA ROMANO

**A NATUREZA E A FUNÇÃO DA MASTURBAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM A
PORNOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE**

BELO HORIZONTE

2024

CAIO FERREIRA ROMANO

**A NATUREZA E A FUNÇÃO DA MASTURBAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM A
PORNOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientadora: Profa. Dra. Cassandra Pereira França

BELO HORIZONTE

2024

150	Romano, Caio Ferreira.
R759n	A natureza e a função da masturbação e suas relações com a
2024	pornografia na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Caio Ferreira Romano. - 2024.
	1 recurso online (174 f.): pdf.
	Orientadora: Cassandra Pereira França.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Masturbação - Teses. 3. Pornografia -
	Teses. 4.Fantasia – Teses. I. França, Cassandra Pereira.
	II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e
	Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE CAIO FERREIRA ROMANO

Realizou-se, no dia 20 de dezembro de 2024, às 15:00 horas, Online via Zoom, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *A NATUREZA E A FUNÇÃO DA MASTURBAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM A PORNOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE*, apresentada por CAIO FERREIRA ROMANO, número de registro 2022688176, graduado no curso de MATEMÁTICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Cassandra Pereira Franca - Orientador (UFMG), Prof(a). Paulo Roberto Cecarelli (UFMG), Prof(a). Pedro Luiz Ribeiro de Santi (ESPM).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Cassandra Pereira Franca, Professora do Magistério Superior**, em 18/03/2025, às 19:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Roberto Ceccarelli, Usuário Externo**, em 03/04/2025, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Luiz Ribeiro de Santi, Usuário Externo**, em 03/04/2025, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 4024944 e o código CRC 892C8DAA.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Cassandra Pereira França pelo acolhimento da proposta de pesquisa;

Ao Paulo Roberto Ceccarelli e Pedro de Santi por fazerem parte dessa trajetória, contribuindo enormemente tanto na banca de qualificação quanto na banca de defesa;

Ao professor Flavio Ferraz por contribuir com ideias que foram decisivas para o desenvolvimento da dissertação;

Aos amigos Claudio Junio Patricio e Luca Anaruma Ribeiro, que fiz em Belo Horizonte e que ficarão para a vida toda. Nossas conversas foram vitais para o desenvolvimento dessa dissertação;

Aos amigos Christiana Paiva de Oliveira, Dirce Martins Morra, Eduardo Fragoaz, Jasmim Sedie Drigo e Vanessa Chreim, por revisarem, conversarem, palpitarem e me aguentarem nessa trajetória. Sem cada um deles esse trabalho teria sofrido enormes prejuízos.

"Sexo é como um jogo de cartas: se você não tem um bom parceiro, é melhor que tenha uma boa mão"

Woody Allen

“O homem não é o único animal que faz sexo, mas é o único que precisa de manual de instrução”

Luis Fernando Verissimo

RESUMO

Esta dissertação investiga as relações entre a masturbação e a pornografia na contemporaneidade, analisando suas implicações a partir de uma perspectiva psicanalítica. A pesquisa examina o desenvolvimento da temática da masturbação na obra de Sigmund Freud, explorando desde os conceitos de neurastenia, sexualidade infantil e fantasias masturbatórias até o impacto das práticas masturbatórias na construção psíquica do sujeito. Posteriormente, discute-se a relação entre masturbação e o consumo de pornografia, com especial atenção ao fantasiar. Explora-se como a elaboração de fantasias masturbatórias e a dificuldade ou ausência de fantasiar atuam como mediações fundamentais na relação entre masturbação e pornografia; sendo que ambas as práticas operam de maneiras distintas na busca pela satisfação pulsional. Essa análise se aprofunda no exame das elaborações psíquicas envolvidas, considerando os mecanismos de equalização/articulação entre pulsões e defesas, especialmente no cenário da pornografia digital. Por meio de uma revisão bibliográfica e na articulação teórica com autores contemporâneos, conclui-se que a convergência entre masturbação e pornografia reflete aspectos fundamentais das dinâmicas psíquicas que moldam a subjetividade contemporânea. Essa relação revela modos de descarga libidinal que têm implicações significativas para a compreensão das formas de organização psíquica na atualidade.

Palavras-chave: masturbação; pornografia; fantasia; contemporâneo.

ABSTRACT

This dissertation investigates the relationship between masturbation and pornography in contemporary times, analyzing its implications from a psychoanalytic perspective. The research examines the development of the topic of masturbation in Sigmund Freud's work, exploring everything from the concepts of neurasthenia, infantile sexuality and masturbatory fantasies to the impact of masturbatory practices on the psychic construction of the subject. Subsequently, the relationship between masturbation and pornography consumption is discussed, with special attention to fantasizing. It explores how the elaboration of masturbatory fantasies and the difficulty or absence of fantasizing work as fundamental mediations in the relationship between masturbation and pornography; both practices operate in different ways in the search for drive satisfaction. This analysis delves into the psychic elaborations involved, considering the mechanisms of equalization/articulation between drives and defenses, especially in the scenario of digital pornography. Through a bibliographical review and theoretical articulation with contemporary authors, it is concluded that the convergence between masturbation and pornography reflects fundamental aspects of the psychic dynamics that shape contemporary subjectivity. This relationship reveals modes of libidinal discharge that have significant implications for understanding the forms of psychic organization today.

Keywords: masturbation; pornography; fantasy; contemporary.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A MASTURBAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA TEORIA FREUDIANA	19
Neurastenia e Vício (1893 - 1900).....	22
Sexualidade Infantil (1905).....	34
Fantasias e Complexo de Édipo (1908 - 1912).....	42
O Debate de 1912 e o Complexo de Castração (1912 - 1939).....	63
Conclusão - Tipos de masturbação em Freud	84
3. FANTASIAS MASTURBATÓRIAS E PORNOGRAFIA	86
Fantasia em Freud	86
Fantasias masturbatórias e Pornografia.....	100
Pornografia e Defesas	110
4. MASTURBAÇÃO NEURASTÊNICA E PORNOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE.....	129
Neurastenia e Contemporaneidade.....	129
Masturbação neurastênica.....	145
Pornografia na contemporaneidade.....	145
Os Excessos e o Fantasmar	148
5. CONCLUSÃO	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166

1. INTRODUÇÃO

Ao longo das décadas, a questão da sexualidade na psicanálise, tão cara a Freud, encontrou em seus seguidores variadas interpretações e um lugar que reflete as mudanças culturais e científicas de cada época. Em uma conferência em homenagem a Sigmund Freud, realizada em abril de 1995, André Green propôs uma reflexão que toca o âmago de nossa prática: *Sexualidade tem algo a ver com a psicanálise?* No texto assim intitulado, Green questiona porque a sexualidade genital parece ter perdido espaço no campo teórico da psicanálise de sua época, e pondera se ela ainda tem importância. Entretanto, embora o tema não seja mais tão explorado, Green nota que a sexualidade permanece presente nos consultórios e relatos clínicos (GREEN, 1995, p. 217). Ele nos convida a observar um paradoxo, uma presença e ausência da sexualidade, ora teorizada, ora experienciada.

Green aponta que, revisitando a obra de Freud, a noção de sexualidade se liga à complexificação e perpetuação da vida e, no indivíduo, possui uma importância comparável às funções somáticas (GREEN, 1995, p. 221). Ela é, na formulação freudiana, um alicerce para a constituição do sujeito. É anterior à linguagem e aos processos secundários, e configura um aspecto formador e definidor do humano, independente das vicissitudes culturais de cada época (GREEN, 1995, p. 223/224).

Segundo Green, “sexo e vida” (GREEN, 1995, p. 224) continuam a orientar nossas ações, ainda que a sexualidade hoje exija uma reavaliação e um olhar que leve em conta as transformações do tempo e da cultura:

Tem a sexualidade algo a ver com psicanálise? Pelas minhas idéias, vocês podem pensar que para mim a resposta é, obviamente, sim, e não estarão totalmente equivocados. Mas isso implica em uma lista de ressalvas que precisam ser incluídas na resposta completa. (GREEN, 1995, p.226)

Ao concluir sua reflexão, Green observa que a sexualidade de seu tempo, noventa anos após a escrita de *Três ensaios sobre a teoria sexualidade* (1905), não é a mesma que a de Freud. Ele não se refere apenas à evolução dos padrões morais, mas ao avanço do conhecimento biológico e à diversidade cultural que nos confronta com expressões de sexualidade muito além do contexto europeu ocidental do século XIX. Nas palavras do autor:

A sexualidade de hoje não é a de Freud. (...). Estou aludindo, principalmente, a um conhecimento mais profundo das descobertas da biologia e das variantes

que se pode presenciar em civilizações diferentes da nossa, sociedades primitivas etc. E também ao modo como suas manifestações foram ajustadas em outros períodos da história. Este exame (...) nos impelirá a pensar sobre a natureza da sexualidade como um agente muito poderoso que estimula a imaginação e cria modos de lidar com essa assim chamada função natural, do modo mais antinatural. E nos impelirá a ligar mais estreitamente o estudo da sexualidade às nossas concepções do tempo. (GREEN, 1995, p. 226/227)

Quase trinta anos depois da publicação desse texto de Green, observamos muitas transformações tecnológicas e um aumento exacerbado da presença da temática da sexualidade na cultura e no cotidiano. Ela está na televisão, nos celulares, nas conversas, permeando quase toda a contemporaneidade.

Muitas dessas mudanças se iniciaram na segunda metade do século XX. Nela a repressão sexual começou a ser amplamente contestada, especialmente no contexto de movimentos sociais como o feminismo, a contracultura e a luta pelos direitos LGBTQIA+. Contudo, mesmo em um período de maior aparente liberdade sexual, Cassandra Pereira França (2013) aponta que essa libertação foi acompanhada por novas formas de controle e normatização, particularmente por meio da valorização exacerbada da imagem e do corpo ideal. Segundo a autora, embora os discursos culturais tenham incentivado uma sexualidade livre, os corpos e desejos individuais foram moldados por padrões midiáticos e mercadológicos. Isso criou novas formas de repressão velada, deslocando a normatividade da esfera moral-religiosa para um controle mais sutil e estético.

França (2013) destaca que a sexualidade, nesse contexto, foi progressivamente atravessada pela ditadura da estética, na qual a imagem corporal passou a ser um parâmetro central para a aceitação social e a construção da autoestima. Sob essa perspectiva, o desejo sexual deixou de ser uma expressão íntima e singular para se submeter às exigências de um corpo idealizado, gerando novas formas de ansiedade e alienação. Essa busca pela conformidade estética, segundo a autora, reforça uma alienação do próprio corpo e do desejo, dificultando a construção de uma sexualidade “autêntica”. Para França (2013), a aparente liberação sexual do século XX não eliminou a repressão, mas a ressignificou, inserindo-a em discursos que demandam não apenas liberdade, mas também conformidade aos padrões idealizados de imagem.

Essas reflexões sobre a repressão sexual ressignificada ao longo do século XX e sua relação com a ditadura da estética nos levam a pensar nos desafios contemporâneos que emergem no campo da sexualidade. A pornografia, por exemplo, tornou-se um elemento central

nas discussões atuais sobre desejo e prazer. Inserida em uma cultura marcada pela imagem e pela espetacularização do corpo, a pornografia é atravessada pelos padrões de desejo, e também envolta em tabus e moralismos.

Nesse sentido, ao refletir sobre a sexualidade em nosso tempo, podemos nos perguntar: *Masturbação e pornografia também têm algo a ver com psicanálise?* Essa questão nos convida a explorar como esses fenômenos contemporâneos dialogam com as teorias psicanalíticas e o que revelam sobre os impasses e as vicissitudes do desejo na sociedade atual.

Ceccarelli assim define a pornografia: “trata-se, pois, de qualquer material que contenha descrição explícita de atividade sexual destinado a excitação erótica” (CECCARELLI, 2011, p. 25). Ou seja, qualquer representação erótica reproduzida em quadros, estátuas, livros, filmes, etc., pode ser considerada pornográfica. Com a popularização da internet (1990/2000), a pornografia sofreu transformações radicais. Hoje, ela integra o cotidiano, é muito mais acessível, imediata e onipresente, e abordada de forma menos velada e mais explícita na cultura.

O nascimento da pornografia é incerto. Ainda hoje são descobertos artefatos, nos mostrando que a pornografia é quase tão antiga quanto a humanidade: “A chamada *Adônias von Zschernitz* é considerada a mais antiga estátua pornográfica do mundo: com cerca de 7200 anos, foi encontrada por arqueólogos na Alemanha em abril de 2005.” (CECCARELLI, 2011, p. 26). Além de ser antiga, a pornografia sempre acompanhou suas épocas: “O aparecimento de fotos artísticas e/ou pornográficas explícitas é concomitante à invenção da fotografia.” (CECCARELLI, 2011, p. 26).

Antes do surgimento da moral judaico-cristã, a pornografia fazia parte do cotidiano, apresentando-se como pinturas em lugares públicos. Não sofria repressões, ela era considerada banal e desprovida de uma conotação moralista. Entretanto, essas religiões introduziram a concepção de pecado, conferindo à sexualidade um novo significado. Após essa transformação, a pornografia passou a ser repudiada. No Ocidente, essa mudança causou uma divisão: “(...), o uso da pornografia como uma expressão da sexualidade, caiu no crivo da moral sexual que, como sabemos, tem rígidas posições quanto ao uso da libido.” (CECCARELLI, 2011, p. 27). Apesar de toda sua rejeição, ela continuou a ser produzida, embora enfrentando oposições.

Nesse contexto de tensões psíquicas e sociais, com transformações ao longo dos tempos, a pornografia sempre se adaptou às inovações tecnológicas de modo pioneiro. Ela é uma das primeiras formas de produção a fazer uso dos recursos midiáticos da época. Com a invenção da filmadora (1893), logo surgiram os primeiros filmes pornográficos (1896), que seguiram evoluindo com as melhorias de som e cor nas produções. Nesse período, ainda era necessário ir a cinemas especializados em filmes eróticos para assistir a esse conteúdo.

Com a chegada do vídeo cassete e das fitas VHS, tornou-se possível assistir a filmes pornográficos no conforto do lar. Nessa época, além de revistas e livros, a pornografia também era distribuída em vídeos, que eram encontrados em bancas de jornais e locadoras. Esse modelo prevaleceu ao longo dos anos 1980, 1990 e 2000, mas tudo mudou com o advento da internet.

Atualmente, por meio de notebooks e celulares, temos acesso a uma vasta quantidade de vídeos pornográficos gratuitamente e em quase qualquer parte do mundo. A internet propiciou à pornografia um acesso imediato. Alberto Ribeiro Neto afirma que três fatores resultam desse avanço: *a facilidade de produção, o aumento da quantidade de vídeos e a facilidade de acesso*. Sobre a facilidade de produção, ele diz: “na rede qualquer consumidor é um produtor, pois basta uma câmera ou até uma webcam para ter o necessário para produção de um vídeo ou de uma ‘sex tape’ (...)” (RIBEIRO NETO, 2017, p. 18). Essa facilidade impulsionou uma outra transformação na pornografia, resultando no aumento da quantidade de vídeos e do “cardápio pornográfico”. Por causa da facilidade de produção, mais vídeos são desenvolvidos, com inúmeras opções de roteiros e modalidades de fetiches, expandindo as formas de representações de prazer e tornando possível encontrar qualquer subtipo de pornografia. O terceiro fator provido pela internet é a facilidade de acesso. Há alguns anos era necessário ir a videolocadoras, bancas de jornal ou locais especializados para comprar revistas ou vídeos pornográficos. Atualmente, as pessoas têm acesso a uma vasta quantidade de vídeos e imagens pornográficas, seja no celular ou no computador.

A análise de Ribeiro Neto é semelhante à de Claudia Spadazzi, que também discute a disponibilidade e acessibilidade da pornografia, adicionando, porém, um fator de extrema importância: o anonimato (SPADAZZI, 2023, p. 20). Esses quatro fatores (*facilidade de produção, aumento da quantidade de vídeos, facilidade de acesso, anonimato*), culminam no gigantesco número de vídeos pornô encontrados na internet. Os números de acessos aos sites pornô mais comuns como *Pornhub* e *Xvideos*, nos mostram que assistir pornografia é “uma prática que, atualmente, é considerada parte da cultura contemporânea, (...)” (SPADAZZI, 2023, p. 28)¹. Esses fatores são cruciais para explicar como se formou a pornografia digital.

Essas diferenças mostram que a relação do ser humano com o uso da pornografia sofreu mudanças profundas, embora ainda seja pouco explorada na teoria psicanalítica. Em seus trabalhos, Benilton Bezerra Junior reflete que a subjetividade e a sexualidade estão

¹ Em 2015, uma pesquisa divulgada pela revista *The Week* mostrava que 35% de todos os *downloads* no mundo eram de conteúdo pornográfico; 25% das pesquisas feitas na internet estavam relacionadas à pornografia, totalizando 68 milhões por dia; e 28 mil usuários de internet assistiam a vídeos pornográficos por segundo (THE WEEK, 2015). Em 2018, o canal *Sexy Hot* apontou que, no Brasil, 22 milhões de pessoas se diziam consumidoras de pornografia, sendo 24% mulheres e 76% homens; na grande maioria dos casos, jovens. (MURARO, 2018).

profundamente entrelaçadas com o contexto sociocultural atual. Ele aborda de que modo a tecnologia influencia a sexualidade, promovendo uma cultura de consumo imediato e diversificado do prazer (BEZERRA JR, 2019). Bezerra Jr também discute como, na contemporaneidade, a noção de sexualidade tem se tornado um processo mais autônomo e singular, descolando-se das normatividades e dos padrões tradicionais, permitindo que o sujeito crie formas únicas de expressão. Essa perspectiva de individualização está associada a uma flexibilização dos papéis e expectativas, que permite a cada pessoa vivenciar a sexualidade como um aspecto íntimo, mais alinhado aos seus próprios desejos e ao contexto de vida (BEZERRA JR, 2008). Essas ideias se relacionam diretamente com o consumo de pornografia, ligando-o ao contexto cultural e à dinâmica econômica que rege a produção e distribuição de vídeos pornográficos. Dessa maneira, as transformações sociais promovem uma visão mais personalizada e diversificada das experiências sexuais e afetivas.

Freud sempre nos ensinou a refletir sobre a cultura de cada época. Imagino que, se ele tivesse acesso aos dados pornográficos dos dias atuais, com certeza abriria uma série de questões: Qual é a fantasia sexual mais procurada pelos consumidores, em diferentes países? Quais seus efeitos no desenvolvimento psicosssexual infantil e adolescente? Como a pornografia digital se relaciona com a repressão sexual? E como ela ecoa nas relações? Por esses motivos, nos perguntamos: O que a pornografia pode revelar sobre a sexualidade da nossa época? Quais são as influências que a explosão da pornografia digital pode ter no processo de subjetivação?

Para responder a essas perguntas, é preciso explorar o que faz a pornografia ser assistida: a masturbação. Pornografia e masturbação são, na maioria das vezes, inseparáveis na experiência de quem consome esses materiais. Freud escreveu consideravelmente sobre o tema, incluindo um texto que leva o termo no título: *O debate sobre a masturbação* (FREUD, 1912/2010), fruto de longos debates na Sociedade Psicanalítica de Viena.

Até os dias atuais, a masturbação continua sendo crucial no desenvolvimento infantil, ganha intensidade na adolescência e permanece ao longo da vida adulta. E como ela se associa à pornografia? Minha proposta de pesquisa é explorar as vicissitudes da relação entre masturbação e pornografia na contemporaneidade. Iniciei a pesquisa percorrendo o tema da masturbação ao longo da obra de Freud, compreendendo suas implicações psíquicas, para posteriormente relacioná-las com a pornografia e a atualidade. A questão central que guia o estudo é: Quais são as ideias de Freud sobre a masturbação e como elas se relacionam com a pornografia digital da contemporaneidade?

Este estudo se estrutura em três partes principais: No primeiro capítulo da dissertação será explorado cronologicamente o tema da masturbação genital ao longo da obra de Freud. Ao destringir o desenvolvimento do tema, dois tópicos se sobressaem: o das *fantasias masturbatórias* e o da masturbação imoderada vinculada à *neurastenia* (neurose atual). Cada um deles será explorada e relacionado à pornografia nos capítulos seguintes.

O segundo capítulo, intitulado *Fantasias Masturbatórias e Pornografia*, é dividido em três partes. Na primeira parte, investigaremos o conceito de fantasia na obra freudiana, explorando suas origens e formações. A partir do desenvolvimento desse conceito, podemos ver as fantasias masturbatórias como resultado de um conflito entre desejos e defesas. Elas são uma expressão do reprimido, onde desejos edípicos e defesas egóicas se harmonizam, resultando em uma fantasia “suportável”, na qual excitação libidinal e resistências se equalizam.

Na pornografia, as fantasias masturbatórias imaginadas são encenadas, ou seja, através da atuação das fantasias masturbatórias vemos a realização dos desejos (conscientes ou inconscientes) sendo buscados nos filmes, revistas, sites, etc. Entretanto, essa teorização já é comum ao pensamento psicanalítico e por isso, na segunda parte do segundo capítulo, faremos um percurso teórico do que já foi desenvolvido e, ao mesmo tempo, atualizaremos essas reflexões para a era digital.

Para aprofundar o entrelaçamento entre pornografia e fantasias masturbatórias, utilizaremos os desenvolvimentos do psicanalista Robert Stoller. No livro *Observando a imaginação erótica* (1998), Stoller compreende que as fantasias masturbatórias são roteirizadas para “solucionar traumas da infância, conflitos e frustrações através da conversão das antigas experiências dolorosas em triunfos (fantasiados) presentes.” (STOLLER, 1998, p. 7), e que esses mesmos roteiros são adaptados nos filmes pornográficos. A importância clínica dessas ideias é ressaltada pelos psicanalistas Wermer e Levin:

Se estudarmos as fantasias masturbatórias, (...), torna-se óbvio que elas refletem não só as pulsões e as suas fixações particulares, mas também um conjunto de defesas do ego, tais como a regressão, o deslocamento, a condensação e a reversão. Sob a influência do ego, certos impulsos podem ser excluídos da consciência ou ser disfarçados de tal forma que a sua verdadeira natureza só pode ser revelada através de uma análise passo-a-passo do conteúdo manifestado. Se isso for feito, a análise das fantasias masturbatórias pode se tornar uma estrada real para o inconsciente, tal como a análise de um sonho ou de um ato sintomático. Por “inconsciente” entendemos não apenas as pulsões, mas também as defesas inconscientes do ego e os aspectos

inconscientes do superego. (WERMER; LEVIN, 1967, p. 316, tradução nossa)²

Na terceira e última parte deste capítulo, analisaremos as defesas psíquicas possibilitadas pela pornografia, indo além das construções internas das fantasias masturbatórias. No texto *Um paradoxo vital: ódio e respeito à realidade psíquica* (2008), Luiz Meyer apresenta uma perspectiva instigante ao considerar a pornografia não apenas como uma expressão de fantasias masturbatórias, mas também como uma forma de defesa psíquica. Na era digital, onde a tecnologia possibilita crescente autonomia, as defesas também se ampliam. Compreenderemos que a pornografia na atualidade, para além de expressão das fantasias masturbatórias, também permite ao sujeito se distanciar, controlar e recusar essas fantasias, culminando em uma defesa maior dos desejos inconscientes.

Finalmente, no terceiro capítulo da dissertação, intitulado *Masturbação Neurastênica e Pornografia na Contemporaneidade*, o tema da masturbação e da neurastenia será explorado para posteriormente ser vinculado à pornografia. A neurastenia é considerada por Freud (1912/2010) como uma neurose atual, que é caracterizada por um funcionamento psíquico em que a função de representação está prejudicada. Freud compreende que diante dessa impossibilidade de lidar com as tensões do aparelho psíquico, a masturbação se torna a única possibilidade de descarga e alívio; culminando na ideia de masturbação como uma via de descarga primária.

Esse capítulo é dividido em quatro partes. Na primeira parte, explorando o tema da neurastenia, estabeleceremos um paralelo entre as neuroses atuais e os quadros clínicos com que frequentemente a psicopatologia da clínica psicanalítica contemporânea, costuma nomear como quadros de não-neurose. Essa perspectiva de “atualização das neuroses atuais” é desenvolvida no livro *Neuroses atuais e patologias da atualidade* (2017) de Paulo Ritter, que discute como tanto nas neuroses atuais quanto nas patologias contemporâneas há uma problemática envolvendo a função de representação e simbolização. Nesses funcionamentos psíquicos, os processos primários são privilegiados e, portanto, acontecem descargas pulsionais brutas (não-simbólicas) e imediatas, sendo que uma dessas vias é o ato masturbatório.

² No original: “If we study masturbation fantasies, (...), it becomes obvious that they reflect not only the drives and their particular fixations but also a mosaic of ego defenses such as regression, displacement, condensation, and reversal. Under the influence of the ego certain impulses may be excluded from consciousness or be disguised to an extent that their true nature can be brought out only through a step-by-step analysis of the manifest content. If this is done, the analysis of masturbation fantasies can become a royal road to the unconscious, as the analysis of a dream or a symptomatic act is. By "unconscious" we mean not only the drives but also the unconscious defenses of the ego, and the unconscious aspects of the superego.”

Na segunda parte, definiremos a masturbação com finalidade exclusivamente de descarga, fruto de uma dificuldade em representar, como *masturbação neurastênica*. Veremos que ela é um modo de descarga primária, como definiu Freud, e um modo de descarga via ato, segundo Ritter. Diferente da masturbação em que a excitação sexual e as fantasias são centrais, a masturbação neurastênica tem especificamente a finalidade de alívio frente a uma tensão, uma descarga bruta com um fantasiar empobrecido, onde a excitação sexual é secundária ou inexistente.

Após definir e aprofundar esse conceito, vincularemos a masturbação neurastênica à pornografia. Para isso, na terceira parte, abordaremos a especificidade da pornografia da era digital, para, enfim, na quarta parte, fazermos essa articulação entre as formas de organização do aparelho psíquico, a masturbação e o consumo da pornografia na contemporaneidade. Nesse desenvolvimento, observamos uma inversão da direção de nossas interrogações. No início da dissertação, questionamos: Quais as influências que a explosão da pornografia digital pode causar nos processos de subjetivação? Entretanto, na quarta parte, surge uma pergunta anterior: Por que a oferta e o consumo da pornografia atualmente são abundantes? Uma resposta possível para essa pergunta surge na relação entre a masturbação neurastênica e a pornografia digital.

Nessa reflexão, procuramos relacionar aspectos culturais e singulares do funcionamento psíquico de subjetivação. Dessa forma, ao entrelaçar interno e externo, a pesquisa não se limita ao acesso facilitado da pornografia, mas considera também os aspectos psíquicos de quem consome. Alguns trabalhos da atualidade focam em aspectos externos, sociais, culturais, mas negligenciam o ponto de vista dos processos de subjetivação³. Com isso, tudo parece se resumir à facilidade de “injeções de dopamina”, ou seja, ao acesso do sujeito contemporâneo a formas artificiais de excitação, como se o meio externo fosse o único elemento que influencia o consumo de pornografia, sem se considerar os aspectos internos, próprios ao sofrimento psíquico singular. Propomos, então, uma investigação que relacione a pornografia à vida psíquica, compreendendo-a além da facilidade de acesso.

Para delimitar o estudo, trataremos apenas dos espectadores do material pornográfico e não de produtores, atrizes, performers, ou de qualquer um de “dentro das câmeras”. Para destacar a questão cultural da pornografia digital, serão privilegiados os sites pornográficos de fácil acesso e os vídeos mais acessados. Como a cultura pornográfica é majoritariamente

³ DUFOR, D. *A cidade perversa - liberalismo e pornografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. HAIDT, J. *A geração ansiosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. LEMBKE, A. *Nação dopamina*. Belo Horizonte: Vestígio, 2022.

direcionada e assistida pelo público masculino, a pesquisa se centrou neles e não abordou a masturbação feminina⁴.

A plataforma *Onlyfans*⁵ também não será abordada, pois, apesar de extremamente popular, seu alcance é consideravelmente menor que os sites pornográficos mais comuns. Por exemplo, no Brasil, em agosto de 2024, o *Xvideos* teve 536,92 milhões de acessos, o *Pornhub* teve 227,5 milhões de acessos, enquanto o *Onlyfans* teve 11,27 milhões de acessos (SEMRUSH, 2024).

Com esse percurso de pesquisa, buscamos compreender o que o consumo de pornografia digital e a prática da masturbação revelam sobre as fantasias e defesas do sujeito contemporâneo, conectando a psicanálise às novas configurações da sexualidade em tempos de mudanças tecnológicas e de imediatismo.

⁴ Os homens são a maioria dentre os espectadores de pornografia (76% do total), em sua maioria jovens (58% têm menos de 35 anos) (MURARO, 2018). Sobre as mulheres: “Os números sobre pornografia são menos úteis neste caso [das mulheres], pois muito menos mulheres assistem a pornografia, tomando a amostra menos representativa” (STEPHENS-DA VIDOWITS, 2018, p. 115).

⁵ O *OnlyFans* é uma plataforma de mídia social que permite a criadores de conteúdo compartilhar materiais exclusivos com seus seguidores mediante pagamento. Fundada em 2016, a plataforma ganhou destaque por possibilitar que artistas, influenciadores e profissionais de diversas áreas monetizem seu trabalho por meio de assinaturas mensais ou vendas avulsas de conteúdo. Embora seja amplamente associada ao compartilhamento de conteúdo adulto, o *OnlyFans* também é utilizado para a divulgação de materiais relacionados a música, culinária, fitness e outras áreas de interesse (MAGALHÃES, 2022).

2. A MASTURBAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA TEORIA FREUDIANA

Um breve contexto da época em que Freud estudou a masturbação é fornecido pelo livro *Elogio da masturbação* (1998) de Philippe Brenot, psiquiatra, antropólogo e professor de sexologia. O contexto começa pela palavra onanismo, que provém de Onã, personagem bíblico, encontrado em *Gênese*, capítulo 38, onde se lê:

Judá tomou uma mulher para Er, seu primogênito. Seu nome era Tamar. Porém Er, o primogênito de Judá, desagradou a Javé, e Javé o puniu com a morte. Então Judá disse a Onã: "Vai até a mulher de teu irmão e cumpre em relação a ela teu dever de cunhado, faz um descendente para teu irmão!". Mas Onã sabia que esse filho não seria dele. Assim quando Onã voltou após estar com a mulher de seu irmão, lançou no chão seu sêmen, a fim de não dar um filho ao irmão. O que ele fez desagradou a Javé que também o puniu com a morte. (BÍBLIA SAGRADA apud BRENOT, 1998, p. 29/30)

Essa é a primeira menção na história de um coito interrompido, porém, masturbação e coito interrompido são práticas diferentes, apesar de em ambas ocorrer o desperdício de sêmen. Todavia, na concepção da igreja judaico-cristã, o método empregado não faz diferença, o pecado está na não-utilização do sêmen. Essa prática exige punição rigorosa, tal como ocorreu com Onã, condenado à morte.

Através da bíblia, a masturbação assume a conotação de ato pecaminoso. Entretanto, "(...) no século anterior [XVII], a masturbação não era condenada pela igreja nem pelo corpo social, que só denunciava os excessos de libertinagem." (BRENOT, 1998, p. 16). A ideia de pecado somente ganha força quando, em 1677, Leeuwenhoek descobre o espermatozoide, inicialmente denominado *animúnculo*. Nessa época, ele é tido como um ser suficiente: "É preciso dizer que o espermatozoide era considerado um pequeno ser completo que necessitava apenas crescer" (BRENOT, 1998, p. 33).

Essa concepção de espermatozoide, reaviva a ideia de pecado contido no desperdício do sêmen, pois se tratava da preservação da vida. Nas palavras de Brenot, a descoberta "sacudiu os sábios e os filósofos da época, pois tiveram de repensar a moral sexual em vista dessa nova e surpreendente perspectiva." (BRENOT, 1998, p. 16)

Com isso, se inicia um "complô médico-religioso destinado a preservar a fecundidade da espécie." (BRENOT, 1998, p. 16). A união das ideias religiosas às médicas se intensificam com a publicação em 1710, de uma brochura anônima, intitulada *Onania ou o Pecado Infame da Desonra de Si Mesmo e Todas as Suas Terríveis Consequências nos Dois Sexos, com*

Conselhos Morais e Físicos Endereçados Àqueles que Já Sofreram os Prejuízos desse Hábito Abominável. Esta brochura, posteriormente atribuída ao Dr. Bekkers, foi uma “obra de sucesso considerável, pois Voltaire registra 24 edições dela, alguns anos após sua aparição.” (BRENOT, 1998, p. 16/17). Essa obra criou a vinculação do onanismo ao ato masturbatório, pois até o presente momento, onanismo era o desperdício do sêmen, que poderia incluir o coito interrompido.

Esses acontecimentos levaram ao principal marco fundador do pensamento pecaminoso. Em 1758, o renomado médico suíço Samuel Auguste David André Tissot escreveu um trabalho sobre masturbação, que, segundo ele, seria capaz de provocar a loucura. Escrito em latim, a obra se intitula *Ensaio sobre as doenças decorrentes da masturbação (Testamen de morbis ex manustupratione)*. Nas palavras de Brenot: "Este livro-símbolo, constantemente reeditado, será o sinal da maior repressão sexual que a Europa conheceu e que perdura até hoje" (BRENOT, 1998, p. 14).⁶

Samuel Tissot já era conhecido antes do lançamento do livro. Ele era famoso por sua habilidade terapêutica e, “ao mesmo tempo Tissot publica numerosas obras que obtêm sucesso considerável, porque, pela primeira vez, um médico escreve para o povo e registra seu saber em linguagem popular.” (BRENOT, 1998, p. 14). Após estudar medicina, Tissot se instalou em Lausanne, “onde a Europa inteira vem consultá-lo.” (BRENOT, 1998, p. 15).

No livro de Tissot, as enfermidades físicas atribuídas à masturbação incluíam: lassidão, debilidade, enfraquecimento do movimento, espasmos, devastação, esterilidade, febre, dores de cabeça, embotamento dos sentidos e a deterioração da medula espinhal. As ideias de Tissot permaneceram aceitas como uma verdade científica até o início do século XX. Ele é considerado o disseminador dos malefícios da masturbação, e, por causa de sua popularidade e modo não-científico de abordar o assunto, suas ideias ganharam o mundo.

Dois anos após o lançamento de Tissot, em 1760, um pastor francês de grande influência, chamado Dutoit-Membrini escreveu um livro chamado *Onanisme ou Discours philosophique et moral sur la luxure artificielle et sur tous les crimes relatifs* (Onanismo ou discurso filosófico e moral sobre a luxúria artificial e sobre todos os crimes relacionados). Este foi o prego final para selar o pensamento da condenação, calcado tanto na medicina (saúde) quanto na religião (moral e bons costumes):

⁶ A importância histórica do livro de Tissot é tão grande que seu livro ainda é editado: Edição alemã da editora Legare Street Press de 2022; Edição francesa da editora Prodinova de 2019 e Edição espanhola da editora Asociación Española de Neuropsiquiatria de 2003.

Este duo infernal premeditou claramente o crime [da preservação da vida contra da masturbação]: “escrevo sobre as doenças produzidas pela masturbação e não sobre o crime da masturbação”, diz-nos Tissot. “Tentarei vislumbrar o aspecto moral dela e fazer ver todo o seu horror”, precisa, então, Membrini. A cruzada contra o sexo está lançada. (BRENOT, 1998, p. 17)

Nos anos seguintes a repressão só cresceu, na medicina, na religião, e, conseqüentemente, na cultura. A possibilidade inicial para evitar a masturbação era a abstinência. Em seguida, houve a fabricação e venda de artigos que impediam a masturbação: “Como tudo era propício para condenar, tudo será adequado para curar. A imaginação será fértil para a cura do pecado da fraqueza.” (BRENOT, 1998, p. 49).

Foi utilizado desde plantas até artefatos como cinto de castidade, todos com o propósito de se evitar o mal que era a masturbação: “Virão, em seguida, poções, unguentos, medicamentos, regras higiênicas, e depois aparelhos, armaduras preventivas, sistemas protetores, preservativos, grades. Enfim, grandes meios. E quando nada mais surtir efeito, a cirurgia, a extração, a ablação.” (BRENOT, 1998, p. 14). O grande impulsionador desse movimento não foi a saúde e sim os ganhos financeiros: “A possibilidade de enriquecer com o tratamento foi quase certamente a causa indireta dessa caça às bruxas, a partir do aviso de Tissot.” (BRENOT, 1998, p. 49).⁷

Dr. Bekkers (que não era realmente médico) foi um dos que mais lucrou com esse movimento, ele vendia poções que prometiam eliminar o mal hábito da masturbação: “O pretexto do onanismo rendeu-lhe dinheiro, e ele fez fortuna, pois a Europa inteira veio a Londres tratar-se com a “tintura revigorante” ou o “pó prolífico”, que se compravam junto com o *Onania* na sua livraria habitual pela importância bastante módica de doze *shillings!*” (BRENOT, 1998, p. 49).

Os médicos também aproveitavam o momento: “Diante do tamanho da onda repressiva, os remédios brotam à porfia: calmantes, tranquilizantes, antitérmicos, antiespasmódicos, ou tido como tais. Prescrevem-se narcóticos, hipnóticos e soníferos, que, dopando o corpo, adormecem também o amor.” (BRENOT, 1998, p. 49). Nos anos seguintes, chegou-se a eletroterapia, circuncisão, castração, cauterização na região genital a ferro quente ou

⁷ "Entre 1856 e 1919, o Escritório de Patentes dos Estados Unidos registrou 498 aparelhos antimasturbação, um deles dava choques se houvesse uma ereção." (DUARTE; BOUER, 2008, p. 104). “O Dr. John Harvey Kellogg [1852-1943], famoso pela criação dos cereais que hoje levam seu nome, defendia o celibato mesmo sendo casado. Segundo ele, a abstinência sexual ajudava a garantir uma boa saúde. Kellogg atacava sobremaneira a prática da masturbação. Ele escreveu um livro detalhando 39 sinais para pais que quisessem detectar o "vício secreto do autoabuso", como vontade de comer barro e o surgimento de acne.” (DUARTE; BOUER, 2008, p. 104).

eletricidade, secção dos nervos venéreos internos que comandam a ereção e a sensibilidade genital, e clitoridectomia (amputação do clítoris). (BRENOT, 1998, p. 51). Tudo para impedir esse hábito mortífero.

Somente no século XX, a ideia da masturbação como geradora de doença, deixou de ser uma verdade. Krafft-Ebing, Havelock Ellis, Alfred Kinsey e Sigmund Freud foram estudiosos da sexualidade que refutaram os pensamentos vigentes até então: “Enfim, foram Freud e os primeiros psicanalistas que estabeleceram os fundamentos de uma nova moral sexual numa dança de hesitações, que testemunha a persistência dos preconceitos e a continuidade da interdição da masturbação.” (BRENOT, 1998, p. 53).

Nesse contexto histórico, entre o pecado e renovação, Freud inicia seu pensamento. Mesmo sendo uma época de repreensão, Freud explora a temática da masturbação de modo extremamente frutífero. Seus avanços de uma nova moral sexual desassocia a masturbação de doenças e a colocam como uma característica natural humana. O pensamento religioso se mantém, mas sem a mesma força que havia anteriormente.

Graças às contribuições de Freud e de outros, a masturbação atualmente é menos reprimida, e seu hábito é mais facilmente admitido. Após essa contextualização, podemos perguntar: Quais foram os desenvolvimentos de Freud, especificamente sobre a masturbação?

Vamos iniciar explorando o tema da masturbação, de modo cronológico, na obra de Sigmund Freud. Ao longo da teoria freudiana, o desenvolvimento da temática da masturbação pode ser dividido em quatro subcapítulos: 1. Neurastenia e Vício; 2. Sexualidade infantil; 3. Fantasias e Complexo de Édipo e 4. Debate de 1912 e Complexo de castração. Essa trajetória nos esclarecerá sobre os aspectos psicanalíticos da masturbação, para, posteriormente, os relacionar à pornografia.

Neurastenia e Vício (1893 - 1900)

Iniciaremos a pesquisa sobre masturbação examinando os escritos de Freud de 1893 até 1900. Utilizarei os artigos do início de sua carreira, porém o ponto de destaque teórico desse período são as cartas de Freud a Wilhelm Fliess. Nelas, o tema da masturbação é destacado algumas vezes e, na conversa entre os dois, as teorias são “gestadas” para “ganharem vida” nos artigos e textos.

No início, o tema da masturbação é longamente discutido por Freud por sua teoria de que a masturbação é a causa da neurastenia. Na teoria freudiana, as neuroses são divididas em dois tipos: *psiconeuroses* e as *neuroses atuais*. As classificadas como *psiconeuroses* são a

histeria e a neurose obsessiva, e sua etiologia é a sexualidade infantil. No grupo das neuroses atuais, existe a *neurastenia* e a *neurose de angústia* (e posteriormente a hipocondria), e sua etiologia se baseia na sexualidade da atualidade, não relativa à infância; sendo assim, as neuroses atuais não poderiam ser tratadas através do processo psicanalítico. No *Vocabulário de Psicanálise*, temos a definição de neurose atual:

Tipo de neurose que Freud distingue das psiconeuroses:

- a) A origem das neuroses atuais não deve ser procurada nos conflitos infantis, mas no presente;
- b) Nelas, os sintomas não são uma expressão simbólica e superdeterminada, mas resultam diretamente da ausência ou da inadequação da satisfação sexual. Freud inclui inicialmente nas neuroses atuais a neurose de angústia e a neurastenia, e propôs posteriormente incluir também a hipocondria. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 299)

A distinção das neuroses atuais em relação as psiconeuroses é que as primeiras se referem a algo do presente, da atualidade e não são relativas a uma questão infantil. A problemática *atual* da sexualidade provém da “ausência ou da inadequação da satisfação sexual”.⁸

Um tipo de neuroses atual é a neurastenia, definida pelo *Dicionário de Psicanálise* como: "Termo introduzido em 1879 pelo neurologista norte-americano George Beard (1839-1883), para designar um estado de fadiga psicológica e física acompanhada de diversos distúrbios funcionais e própria da sociedade industrial do Novo Mundo." (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 534). Ou, nas palavras de Freud:

A neurastenia propriamente dita, ao destacarmos dela a neurose de angústia, tem um aspecto clínico muito monótono: fadiga, pressão intracraniana, dispepsia flatulenta, constipação, parestesias raquidianas, fraqueza sexual etc. Sua única etiologia específica é fornecida pela masturbação (imoderada) ou pelas emissões espontâneas. (FREUD 1896/1996, p. 151)

Após a contextualização, a trajetória do tema da masturbação em Freud se inicia com sua teorização sobre as neuroses atuais. Nas circunstâncias em que o indivíduo está muito ansioso poderia ser a *neurose de angústia*, causado pelo bloqueio sexual, como o coito

⁸ Além dessas classificações, Freud acreditava que muitas neuroses eram combinações das neuroses atuais e das psiconeuroses, as quais ele denominava *neuroses mistas*.

interrompido. Nas situações em que o indivíduo está muito fadigado, poderia ser a *neurastenia*, causada pela masturbação. Em ambos os casos se tratam de situações causadas por problemáticas sexuais da atualidade, por esse motivo, Freud acreditava que não havia tratamento psicanalítico para esses casos de neuroses atuais. Uma carta a Fliess em 8 de fevereiro de 1893 mostra o seu pensamento na época:

A neurastenia masculina é adquirida na época da puberdade e se manifesta quando o homem atinge a casa dos vinte anos. Sua fonte é a masturbação, cuja frequência é completamente paralela à frequência da neurastenia masculina.
(MASSON, 1986, p. 40)

A citação acima é a primeira menção de Freud à temática da masturbação. Ele escreve especificamente dos homens, porque a neurastenia era mais comum neles. Em relação às mulheres, também poderia ocorrer a neurastenia, mas era mais raro:

Normalmente, as moças são sadias e não neurastênicas; e isso também se aplica às mulheres casadas, apesar de todos os traumas sexuais dessa época/da vida/. Em casos mais raros, a neurastenia em sua forma pura aparece em mulheres casadas e mulheres solteiras mais velhas; deve então ser encarado como tendo surgido espontaneamente e da mesma forma. ((MASSON, 1986, p. 41)

Ainda em relação às mulheres, Freud diz que: "Com frequência muito maior, a neurastenia numa mulher casada decorre da neurastenia no homem, ou é simultaneamente produzida. Nesse caso, existe quase sempre uma combinação com a histeria e deparamos com a corriqueira neurose mista das mulheres." (MASSON, 1986, p. 41). Ou seja, nesses casos, a neurastenia feminina e a histeria são decorrentes da diminuição da potência do homem. O surgimento da histeria concomitantemente, ocorre porque: "O componente da histeria resulta diretamente do refreamento da excitação do ato" (MASSON, 1986, p. 41).

Freud considerava a neurastenia mais comum nos homens, e a neurastenia feminina consequência da masculina; ou seja, os homens se utilizavam da masturbação e as mulheres, como consequência da ausência dos homens, faziam o mesmo. Em ambos os casos sua origem era a masturbação, entretanto, Freud não considerava que a neurastenia feminina surgisse na puberdade (como a neurastenia masculina), mas apenas tardiamente. Essa teoria surgiu porque Freud considerava que as mulheres se masturbavam menos e sem o ápice da excitação masturbatória na puberdade, provavelmente por uma repressão sexual cultural mais forte que a exigida dos homens.

Para confirmação de suas hipóteses, Freud analisava as exceções observadas na clínica. Em uma carta de 30 de maio de 1893, Freud escreve a Fliess: “Sem dúvida, existem casos de neurastenia juvenil sem masturbação, mas não sem as preliminares usuais de poluções superabundantes – ou seja, precisamente como se tivesse havido masturbação” (MASSON, 1986, p. 50). Essa ideia de “substitutos de masturbação” será um dos motivos de um desafeto com Breuer:

(...), e consegui pelo menos entender porque ele [Breuer] fazia uma opinião negativa da etiologia das neuroses: por causa de minha afirmação de que alguns fatores nocivos triviais podem produzir neuroses em pessoas que, na verdade, nunca se masturbaram, mas que, mesmo assim, exibem desde cedo um tipo de sexualidade que tem a mesma aparência da que é adquirida pela masturbação. Em minha mente, sempre tive dúvidas quanto a presumir que tais casos se devessem à hereditariedade ou, em vez disso, às experiências infantis.” (MASSON, 1986, p. 176).

Em 1895, em uma carta a Fliess, Freud escreve sobre a melancolia surgir a partir da neurastenia: "A melancolia se desenvolve como uma intensificação da neurastenia através da masturbação." (MASSON, 1986, p. 98). Nesse mesmo ano, Freud publica o artigo *Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a “neurose de angústia”*. Algumas ideias apresentadas até 1895, através das cartas, estão presentes nesse texto. Vemos também uma expansão da etiologia da neurastenia:

Dessas considerações resulta que é preciso também distinguir entre as precondições etiológicas para a incidência da neurose e os fatores etiológicos específicos dela. As primeiras – o *coitus interruptus*, a masturbação, a abstinência, por exemplo – são ambíguas e podem, cada uma delas, produzir diferentes neuroses; apenas os fatores etiológicos delas abstraídos, como *desafogo suficiente, insuficiência psíquica, defesa com substituição*, têm uma relação inequívoca e específica com a etiologia das grandes neuroses separadamente. (FREUD, 1895/2023, p. 113)

Nessa passagem, Freud relaciona a masturbação à “insuficiência psíquica”. A origem da neurastenia não é a masturbação em si, mas a impossibilidade psíquica de substituí-la como forma de descarga libidinal. Trata-se da incapacidade de transferir a pulsão sexual para outra atividade prazerosa. Assim, sendo a masturbação o único modo de descarga, ela é praticada excessivamente.

Em 1896, no texto *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud ainda teorizava que o trauma era resultado de um abuso real (teoria da sedução). Nesse trabalho, ele especula que a etiologia da histeria seria um trauma sexual *passivo* e, juntamente com o abuso, iniciar-se-ia a masturbação: “Embora seja encontrada muito frequentemente ao lado da histeria, isso se deve à circunstância de que a própria masturbação é uma consequência muito mais frequente do abuso ou da sedução do que se supõe.” (FREUD, 1896/1996, p. 167). Ou seja, nessa época Freud não concebia a masturbação infantil como algo natural.

No ano seguinte, Freud abandona a hipótese de que o abuso seria a etiologia das psiconeuroses e, também não há referências posteriores em sua obra à ideia de que a masturbação seria decorrente de um abuso ou sedução. Tudo indica que essa teoria é abandonada juntamente com a teoria da sedução e depois reestruturada na teoria da sexualidade infantil, onde a masturbação é comum a todas as crianças. Destacamos que até essa época (1896), Freud não escreveu sobre o autoerotismo, nem sobre a masturbação infantil.

Em 21 de setembro de 1897, Freud escreve a famosa carta que muda o rumo do pensamento freudiano. Nela, ele abandona a hipótese de que o abuso sexual era o causador das neuroses. Ocorre a passagem da teoria da sedução para a sexualidade infantil. Ele nota que a sexualidade é espontânea nas crianças, que relatam suas fantasias sexuais em relação aos pais. O título desse capítulo, no livro das correspondências entre Freud e Fliess é *A Teoria Transformada*. Logo no início da carta, Freud escreve: “(...), o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica (teoria das neuroses).” (MASSON, 1986, p. 265). Isso trará uma mudança significativa na construção das hipóteses posteriores. A partir da teoria da sexualidade infantil, a fantasia ganha destaque e surgem novas ideias em relação a masturbação.

Na carta de 27 de outubro de 1897, Freud escreve sobre o esquecimento das atividades sexuais que ocorre com a repressão. Antes da repressão, a masturbação é praticada de forma espontânea na infância, juntamente com a construção de fantasias. Com esse desenvolvimento teórico é abandonada a hipótese anterior que vinculava a masturbação a um abuso sofrido pela criança.

Esse caráter infantil [recalcamento] se desenvolve durante o período de “anseio”, depois de a criança ter sido afastada das experiências sexuais (...). Durante essa mesma fase de anseio, formam-se as fantasias e a masturbação é

praticada (regularmente?) depois cedendo lugar ao recalçamento. Quando ela não cede, a histeria também não aparece; a descarga da excitação sexual afasta, na maioria dos casos, a possibilidade de histeria. Tornou-se claro para mim que vários movimentos compulsivos representam substitutos dos movimentos abandonados da masturbação. (MASSON, 1986, p.275/276)

Nesse trecho, vemos surgir a ideia da masturbação e das fantasias masturbatórias na tenra infância. As atividades masturbatórias agora estariam diretamente ligadas à sexualidade infantil, pois, com o abandono da teoria da sedução, a sexualidade do infante surge naturalmente e não de um abuso⁹. A histeria surgiria com a repressão da sexualidade infantil. Essa repressão provocaria um bloqueio ao livre fluxo da descarga sexual gerando a neurose.

No trecho acima também vemos o início de um pensamento que será desenvolvido depois. A ideia dos sintomas neuróticos como substitutos da masturbação. Essa ideia culminará nas convulsões histéricas, no caso de histeria, e nos movimentos compulsivos, no caso da neurose obsessiva, ambos como substitutos da masturbação e das fantasias masturbatórias.

Ampliando o tema da repressão, em uma carta a Fliess datada de 14 de novembro de 1897, Freud especula o porquê ocorre a repressão nas psiconeuroses e não nas neuroses atuais. Ele teoriza que, se as experiências infantis afetarem somente os genitais e mais nenhuma zona erógena/corpórea (boca, ânus, etc.), não haverá repressão. A repressão, e seus correlativos simbólicos, surgem quando há uma dupla inscrição na infância. Se as experiências se limitarem somente aos genitais, surgirá uma neurose atual. Esse pensamento que vemos nessa carta é o germen da construção teórica que será apresentada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905):

E agora, quanto às neuroses! As experiências infantis que afetam apenas os órgãos genitais [que não incluem anus, boca, garganta, etc.] nunca produzem neurose nos homens (nem nas mulheres masculinas), mas tão-somente

⁹ No texto *Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* de 1906, Freud escreve sobre essa mudança teórica: “O Material ainda escasso daquele tempo me trouxe um número desproporcionalmente grande de casos em que a sedução sexual por parte de um adulto ou de outras crianças maiores tinha relevante papel na infância do indivíduo. Superestimei a frequência desses acontecimentos (inquestionáveis, de resto), pois também não estava em condições, naquela época, de distinguir seguramente entre as enganosas recordações infantis dos histéricos e os traços dos eventos reais, e desde então aprendi a explicar muitas fantasias de sedução como tentativas de se defender da recordação da própria atividade sexual (masturbação infantil). Com esse esclarecimento descartou-se a ênfase no elemento “traumático” das vivências sexuais infantis, e restou a compreensão de que a atividade sexual infantil (espontânea ou provocada) prescreve a direção que será tomada pela vida sexual após o amadurecimento.” (FREUD, 1906/2016, p. 353)

compulsão à masturbação e libido. Contudo, uma vez que, em regra geral, as experiências da infância afetam também as duas outras zonas sexuais, permanece em aberto também para os homens a possibilidade de que a libido, ao ser despertada por ação retardada, leve ao recalçamento e à neurose. (MASSON, 1986, p. 281)

Pelo fato de não haver outras regiões corpóreas ligado à genitalidade, culminaremos nas neuroses atuais, na neurastenia (citada no trecho acima como “compulsão a masturbação”) ou na neurose de angústia (citada no trecho acima como “libido”). E, em que ambos os casos, os meios de descargas são limitados.

Nas neuroses atuais, também não ocorre os efeitos morais e a vergonha. Como não há repressão, a moralidade ficava enfraquecida ou inexistente. Conclui-se que, se houver uma experiência infantil não ligada ao ânus, boca, etc. não haverá simbolismo, não haverá repressão e não haverá repulsa.

A experiência de prazer infantil em regiões além das genitais é o que possibilita a simbolização do prazer genital em outras áreas do corpo. Caso ela não ocorra, a capacidade de simbolizar não acontece, culminando na masturbação como única possibilidade de defesa (neurastenia/insuficiência psíquica). Esse desenvolvimento fará Freud considerar, em uma carta a Fliess, em 22 de dezembro de 1897, que a masturbação é o vício primário, e todos os outros vícios são sucedâneos e substitutos dele. Para ele, portanto, a masturbação reprimida levaria a busca de prazeres substitutivos, podendo gerar outros vícios. Não havendo sucedâneos simbólicos, a masturbação se manteria de forma compulsiva, tornando o indivíduo um neurastênico.

Despontou em mim a descoberta intuitiva de que a masturbação é o grande hábito, o “vício primário”, e de que é apenas como substitutos e sucedâneos dela que os outros vícios – o álcool, a morfina, o fumo e coisas parecidas – passam a existir. (...). E nesse ponto, é claro, surge a dúvida entre saber se um vício dessa espécie é curável, ou se a análise e a terapia devem deter-se nesse ponto e contentar-se em transformar a histeria em neurastenia. (MASSON, 1986, p. 288)

O trecho acima foi extraído de uma carta, em que Freud está relatando o tratamento de um vício na histeria. Dúvidas sobre a cura começam a serem postuladas, se realmente seria possível, ou se, ao liberar a energia sexual em uma histérica, ela passaria a empregar a masturbação, tornando-se neurastênica.

A universalidade da masturbação infantil começa a ser teorizada nessa época, a questão é a possibilidade (ou não) de deslocar, de substituir, essa fonte de prazer. Por esse motivo vemos o questionamento de Freud em relação a cura no vício. Pois, ou nos tornamos masturbadores e, por consequência, neurastênicos ou substituímos o vício por algum sucedâneo e nos tornamos histéricos viciados. A questão seria encontrar um modo de descarga, no qual, não houvesse danos psíquicos ou morais e que o objeto da descarga pudesse também ser substituível.

Apesar do vício ser discutido, o que devemos frisar no “vício primário” é mais o *primário* do que o *vício*. Freud teoriza que a masturbação é o meio de descarga primário, ou seja, é o método de descarga mais primitiva que existe. Frente a insuficiência psíquica, a impossibilidade de simbolizar e transferir métodos de descarga, a masturbação é uma saída (compulsiva) para tentar equilibrar a energia libidinal.

Concluimos que nas psiconeuroses a pessoa tem uma repressão de sua sexualidade, porém quando a quantidade libidinal excede as forças defensivas, há um "vazamento" que pode resultar em um sintoma, tal qual a conversão histérica ou os movimentos obsessivos. Nas neuroses atuais não há repressão, a sexualidade é estritamente genital e não possível de simbolização; seu tratamento seria a busca da substituição, da masturbação ou do coito interrompido, pelo coito natural.

A Sexualidade Na Etiologia Das Neuroses (1898)

A maioria das ideias sobre masturbação, que estão contidos nas cartas a Fliess, são concretizados no artigo *A Sexualidade Na Etiologia Das Neuroses (1898)*. Esse artigo tem um caráter crítico aos médicos que evitam o tema da sexualidade. Freud diz que no consultório devemos conversar sobre temas como anticoncepcionais, vida conjugal, masturbação, etc. Esse artigo foi destinado a desestabilizar as ordens.

Freud inicia o artigo com suas teorias sobre a neurastenia:

A neurastenia sempre pode ser reportada a um estado do sistema nervoso como o que é adquirido pela masturbação excessiva ou decorre espontaneamente de emissões frequentes; a neurose de angústia revela sistematicamente influências sexuais que têm em comum o fator da continência ou da satisfação incompleta – como o coito interrompido, a abstinência ao lado de uma libido viva, a chamada excitação não consumada, e outros. (FREUD, 1898/1996, p. 258)

A neurastenia é uma neurose atual e, como tal, não poderia se beneficiar do tratamento psicanalítico, que era voltado às questões da infância. A possibilidade de cura seria através do cessar da masturbação, porém os médicos não sabiam disso:

Os médicos não acostumados a traduzir a neurastenia em masturbação explicam o estado patológico do paciente reportando-o a algum rótulo como anemia, subnutrição, excesso de trabalho etc., e esperam então curá-lo aplicando uma terapia projetada para se opor a esses estados. (...). Se os médicos soubessem que o paciente estava lutando contra seu hábito sexual, e que estava em desespero por ter sido mais uma vez obrigado a ceder a ele, se compreendessem como extrair dele esse segredo, torná-lo menos grave a seus olhos e apoiá-lo em sua luta contra o hábito, o êxito de seus esforços terapêuticos bem poderia ser assim assegurado. (FREUD, 1898/1996, p. 264)

Devido à falta de compreensão dos médicos em relacionar a neurastenia à masturbação, os pacientes tendiam a sempre retornar ao hábito. Após um primeiro momento de abstinência da masturbação, os médicos deveriam reconduzir o paciente ao “contato sexual normal”. Pois, como a pulsão sexual não conseguia ser simbolizada, a melhor maneira de cura seria deslocá-la para uma relação sexual:

Arrancar o paciente do hábito da masturbação é apenas uma das novas tarefas terapêuticas impostas ao médico que leva em conta a etiologia sexual dessa neurose; e parece que precisamente essa tarefa, tal como a cura de qualquer outro vício, só pode ser efetuada numa instituição e sob supervisão médica. Entregue a si mesmo, o masturbador está acostumado, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retornar a sua cômoda forma de satisfação. O tratamento médico, nesse caso, não pode ter nenhum outro objetivo senão o de reconduzir o neurastênico, que agora recobrou suas forças, ao contato sexual normal. Pois a necessidade sexual, uma vez despertada e satisfeita por algum tempo, não pode mais ser silenciada; só pode ser deslocada por outro caminho. (FREUD, 1898/1996, p. 264)

O conceito de cura da neurastenia está explícito: cessar a masturbação e voltar a ter relações sexuais. Devido à impossibilidade de simbolização, esse parece ser o único deslocamento possível. É interessante salientar que a dificuldade de passar do autoerotismo à uma relação com objeto não é teorizada por Freud.

Ainda no trecho acima, Freud diz que a cura da neurastenia é como a cura de qualquer vício. Então, a cura de todo vício seria a relação sexual, ou algum substituto simbólico. Essa correlação foi feita primeiro nas cartas a Fliess e no trecho seguinte é retomada:

Aliás, o mesmo se aplica a todos os tratamentos para romper com um vício. Seu sucesso será apenas aparente enquanto o médico se contentar em privar seus pacientes da substância narcótica, sem se importar com a fonte de que brota sua necessidade imperativa. O “hábito” é uma simples palavra, sem nenhum valor explicativo. Nem todos os que têm oportunidade de tomar morfina, cocaína, hidrato de cloral etc. por algum tempo adquirem dessa forma “um vício”. A pesquisa mais minuciosa geralmente mostra que esses narcóticos visam a servir – direta ou indiretamente – de substitutos da falta de satisfação sexual; e sempre que a vida sexual normal não pode mais ser restabelecida, podemos contar, com certeza, com uma recaída do paciente. (FREUD, 1898/1996, p. 264)

O tratamento dos vícios deveria se deter nas substituições da satisfação sexual, e não na abstinência da substância narcótica. Trata-se da simbolização e da substituição, que estão presentes no trecho acima. O foco do tratamento não deveria ser o de privar o viciado de seu objeto, mas de conseguir um substituto que gere igual satisfação, igual descarga.

De modo que, na neurastenia o prazer sexual não pode ser substituído, fazer o paciente ter relações sexuais é única meta terapêutica; esse pensamento é reafirmado no trecho:

Se a masturbação é a causa da neurastenia na juventude e se, mais tarde, ela adquire importância etiológica também para a neurose de angústia, devido à redução de potência que acarreta, então a prevenção da masturbação em ambos os sexos é uma tarefa que merece mais atenção do que tem recebido até agora. Quando refletimos sobre todos os danos, dos mais graves aos mais insignificantes, que provêm da neurastenia – distúrbio que, segundo dizem, está se tornando cada vez mais freqüente -, verificamos que, positivamente, é de interesse público que *os homens ingressem nas relações sexuais com toda a sua potência.* (FREUD, 1898/1996, p. 266, *itálicos originais*)

A relação entre vício e masturbação retorna 30 anos depois no texto *Dostoiévski e o Parricídio* (1928), no qual Freud relata o vício em jogo de Dostoiévski. Ele escreve que não havia motivos para seus atos, como o de querer possuir mais dinheiro: “Sabia que o importante era o jogo em si, *le jeu pour le jeu* [o jogo pelo jogo]” (FREUD, 1928/2014, p. 357).

Por causa de seu sentimento de culpa: “Ele não descansava enquanto não perdia tudo. O jogo também era um meio de castigar a si próprio.” (FREUD, 1928/2014, p. 357). Freud também escreve que somente através dessa autopunição ele conseguia se desinibir a trabalhar e criar. O “caráter irresistível da tentação” (Freud, 1928/2014, p. 361) está presente em ambos os casos (masturbação e jogo).

Aprofundando a análise sobre o vício em jogo de Dostoiévski, Freud utilizou o conto *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher* (1927) de Stefan Zweig. Nele, é narrada a história de uma mulher que se apaixona por um jovem viciado em jogo e com ideias de suicídio. Ela tenta salvá-lo, porém sem sucesso, o conto termina com a morte do jovem. No conto, é visto claramente que:

O "vício" da masturbação é substituído pelo do jogo, a ênfase na apaixonada atividade das mãos é reveladora quanto a isso. De fato, a febre do jogo é um equivalente da antiga compulsão de masturbar-se, a palavra "brincadeira" [*Spielen*] é justamente aquela usada para designar a manipulação dos genitais pela criança. (FREUD, 1928/2014, p. 360/361)

Freud analisa que a história se baseia em uma fantasia da puberdade, onde “a própria mãe inicia o jovem na vida sexual, para salvá-lo dos temíveis danos causados pela masturbação”. (FREUD, 1928/2014, p. 360). Porém, na novela de Zweig, há uma compensação na fantasia, pois ela é relatada pelo olhar da mulher e não do jovem. É como se o autor pensasse: “se minha mãe soubesse dos perigos que a masturbação me traz, sem dúvida me salvaria deles, permitindo-me fazer todas as carícias em seu corpo.” (FREUD, 1928/2014, p. 361).

Freud finaliza o texto com uma suposição a Dostoiévski:

Se o vício de jogar, com os vãos esforços para superá-lo e os ensejos de autopunição, for uma repetição da compulsão de se masturbar, não nos surpreenderá que tenha sido um espaço tão grande na vida de Dostoiévski. Pois não encontramos casos de neurose severa em que a satisfação autoerótica na infância e na puberdade não tenha desempenhado um papel, e os laços entre o empenho de suprimi-la e o medo do pai são por demais conhecidos para requerer mais que uma simples menção. (FREUD, 1928/2014, p. 362)

O texto *Dostoiévski e o Parricídio* é publicado em 1928, porém, Freud continuou o assunto em uma carta a Theodor Reik em resposta a resenha crítica de seu texto. A carta, que data de 14 de abril de 1929, responde a crítica sobre a dissonância de utilizar Stefan Zweig em

um texto essencialmente sobre Dostoiévski, porém Freud argumenta que Zweig é citado por sua relação com masturbação-neurose. Ele também diz que a estrutura do texto foi direcionada ao público interessado em Dostoiévski e não ao público psicanalítico; caso isso não ocorresse, teria escrito de modo diferente:

Se não tivesse de levar em conta o local de publicação, eu certamente teria escrito: “É de esperar que a luta contra a masturbação tenha um papel especial na história de uma neurose com tão forte sentimento de culpa. Essa expectativa é plenamente confirmada patológica mania de jogar de Dostoiévski. Pois, como nos mostra uma novela de Zweig etc.”. Ou seja, o espaço dado a essa novela não corresponde à relação Zweig-Dostoiévski, mas a outra, à relação masturbação-neurose. Mas isso não foi expresso de forma adequada. (FREUD, 1929/2014, p. 363/364)

Nessas passagens sobre Dostoiévski, o sentimento de culpa aparece em relação à masturbação. Essa relação será aprofundada mais à frente, por enquanto, notemos que o substituto do vício em masturbação aparece atrelado à culpa. Já que há simbolização e repressão, também há culpa. Nos casos de vício em masturbação em si, Freud não destaca a questão da culpa, considerando que não há repressão.

A temática do vício e masturbação se encerra, mas a relação entre masturbação e neurastenia é retomada e reestruturada nos debates da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1911-1912.

Para concluir este subcapítulo, gostaria de incluir uma leve expansão da temática do “vício primário” (MASSON, 1986, p. 288). Claude Olievenstein, ao estudar os vícios, diz que a masturbação não gera a toxicomania, mas que “ela é a prática em que se situa a única fusão acessível à criança – a da concretude de seu corpo.” Assim se possibilita a anulação da “angústia da não-identidade de ser fragmentada, cindida – auge que é uma verdadeira propedêutica daquilo que a criança fará mais tarde com a droga.” (OLIEVENSTEIN, 1983, p. 27).

Olievenstein escreve que, inicialmente, a masturbação está presente em todas as crianças, porém com o tempo ele é abandonado, substituído. Nos casos toxicômanos, eles tanto não são abandonados, “como são, antes de mais nada, vividos de maneira desproporcional no brincar e através dele.” (OLIEVENSTEIN, 1983, p. 29) (relembrando o texto do Dostoiévski). Porém, como não pode “ser exercida a repressão pela aprendizagem da lei, a angústia é tal que

eles são cultivados e mantidos como as únicas maneiras de ser no mundo.” (OLIEVENSTEIN, 1983, p. 29).

Sexualidade Infantil (1905)

Freud escreve uma carta enigmática em 17 de outubro de 1899. Ele já havia terminado de escrever a *Interpretação dos sonhos*, e enviado uma edição para Fliess. Nessa época, Freud também menciona que estava pensando em escrever sobre sua teoria da sexualidade. Nesse contexto, temos essa carta, que é a última menção dessa época à masturbação:

Querido Wilhelm,

Que diria você se a masturbação se reduzisse ao homossexualismo e este, ou seja, o homossexualismo masculino (em ambos os sexos), fosse a forma primitiva do anseio sexual? (O primeiro objeto sexual, análogo ao infantil – um desejo que não se estende para além do mundo interno.) (...)

Cordialmente,

Seu,

Sigm (MASSON, 1986, p. 381)

Apesar da carta ser de 1899, preferi utilizá-la como introdução para segunda parte. Nesta carta, vemos um “delineamento” do autoerotismo. No livro *Interpretação dos sonhos*, Freud analisa sonhos que apresentam extração de dentes, e relaciona o simbolismo do estímulo dentário ao da masturbação, algo que acontece somente no homem, pois na mulher o simbolismo dentário está relacionado com o parto. Ele escreve sobre a masturbação sem objeto, “puramente autoerótica e permite reconhecer, no máximo, um leve matiz homossexual (o dentista)” (FREUD, 1900/2019, p. 437).

Esses pensamentos somente se cristalizaram no livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, lançado em 1905. Nele, vemos a essência do pensamento sobre o autoerotismo, formado através da teoria da sexualidade infantil. A apresentação estruturada de um desenvolvimento infantil psicosssexual, tornou esse livro um dos mais importantes da obra freudiana. No subcapítulo “As manifestações sexuais masturbatórias” será teorizado a maior parte do tema da masturbação dessa época.

Neste subcapítulo, Freud elucubra a *teoria do apoio*, argumentando que, no início, existem apenas instintos biológicos, que posteriormente se tornam atividades prazerosas. As atividades das zonas genitais, inicialmente, não desempenham um papel principal na

sexualidade. Os genitais são para a micção, “sendo que naquele se acha contida num saco de mucosa, de modo que não lhe faltam estímulos mediante secreções que podem avivar desde cedo a excitação sexual.” (FREUD, 1905/2016, p. 94). Posteriormente, os genitais ganham a sua centralidade na sexualidade. A anatomia é feita para se iniciar uma sensação de prazer:

A situação anatômica, o afluxo de secreções, as lavagens e fricções envolvidas na higiene corporal e determinadas excitações casuais (...) tornam inevitável que a sensação de prazer que essa área do corpo é capaz de produzir seja notada pela criança já quando bebê, e nela desperte a necessidade de repeti-la. (FREUD, 1905/2016, p. 94)

A teoria do apoio conjectura que o prazer genital se forma apoiado na base biológica. Através dos toques nas mucosas, se formam o prazer para além da necessidade biológica, que culminará na primeira fase da masturbação infantil. Nas palavras de Freud:

Se considerarmos todas essas circunstâncias, e tivermos presente que tanto medidas de limpeza como atos de sujeira devem ter efeito semelhante, não poderemos fugir à concepção de que mediante o onanismo do bebê, ao qual praticamente nenhum indivíduo escapa, é estabelecida a futura primazia dessa zona erógena na atividade sexual. (FREUD, 1905/2016, p. 94)

O “onanismo do bebê”, que é a primeira fase da masturbação infantil, resultará na primazia dos genitais em relação a sexualidade. Freud foi o primeiro a afirmar que existe masturbação na infância e que essa masturbação é universal e natural, ou seja, todos se masturbam na infância e não há nada de patológico nesse acontecimento.

A primeira fase da masturbação, que se inicia através da *teoria do apoio*, é a primeira de três fases:

Resultará em benefício da clareza afirmar que devemos distinguir três fases na masturbação infantil. A primeira delas pertence ao período de amamentação; a segunda, ao breve período de florescimento da atividade sexual, por volta dos quatro anos; apenas a terceira corresponde à masturbação da puberdade, frequentemente a única levada em conta. (FREUD, 1905/2016, p. 95)

A primeira fase é no período de amamentação (lactância). Nela, o bebê, ao sugar o leite do seio da mãe, tem uma sensação orgástica, repleta de prazer corporal. O ato da sucção,

comumente acompanhado de fricção, é a primeira fase da masturbação¹⁰. Ela é autoerótica e “parece desaparecer após breve tempo” (FREUD, 1905/2016, p. 95). Nas palavras de Freud:

A sucção deleitosa absorve completamente a atenção, e conduz ao adormecimento ou, inclusive, a uma reação motora da natureza de um orgasmo. Não é raro que a sucção deleitosa seja combinada com a fricção de algumas partes sensíveis do corpo, como o peito ou os genitais externos. Por essa via, muitas crianças passam da sucção à masturbação. (FREUD, 1905/2016, p.83)

A boca é a zona erógena principal na primeira fase da masturbação. Os genitais são acompanhados através da fricção, mas eles são coadjuvantes¹¹. O que Freud ressalta nessa fase é a sensação, a amamentação como se fosse um orgasmo. Uma clara expressão da sexualidade infantil:

Já pudemos ver, no ato de chupar ou sugar com leite, as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta surge *apoiando-se* numa das funções vitais do corpo, ainda não tem objeto sexual, é *autoerótica*, e sua meta sexual é dominada por uma *zona erógena*. (FREUD, 1905/2016, p. 87)

O termo *autoerótico* foi criado por Havelock Ellis, mas com outro significado. Freud fez questão de ressaltar a diferença entre os autores, em nota aponta: “É verdade que H. Ellis definiu o termo “autoerótico” de maneira um tanto diversa, no sentido de uma excitação que não é provocada do exterior, mas que surge no próprio interior. Para a psicanálise, o essencial não é a gênese, mas a relação com um objeto.” (FREUD, 1905/2016, p. 85).

¹⁰ Sobre a natureza sexual do ato de chupar, um parágrafo adicionado na edição de 1915 diz que: “O próprio Lindner percebeu claramente a natureza sexual desse ato, enfatizando-a sem reservas. Frequentemente, quem cuida de crianças vê o ato de chupar o dedo como uma das “traquinagens” sexuais da criança. Essa concepção foi energeticamente criticada por muitos pediatras e médicos de nervos, o que certamente se deve, em parte, à confusão de “sexual” com “genital”. Essa oposição faz surgir uma questão difícil e que não pode ser evitada: por qual característica geral devemos reconhecer as manifestações sexuais da criança? Penso que o encadeamento de fenômenos que pudemos discernir graças à investigação psicanalítica nos autoriza a ver o ato de sugar como uma manifestação sexual, e a estudar os traços essenciais da atividade sexual infantil precisamente nele.” (FREUD, 1905/2016, p.83/84)

¹¹ Nas *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud retoma a sexualidade do lactante: “E mais. Ainda que os senhores possam convencer de que o melhor é avaliar as práticas dos lactentes como não-sexuais, muito pouco terão contribuído para aquilo que desejam afirmar, ou seja, a pureza sexual da criança. E isso porque, já a partir do terceiro ano de idade, a vida sexual da criança subtrai-se a todas essas dúvidas. Por volta dessa época, os genitais começam a se fazer notar, seguindo-se um período talvez regular de masturbação infantil, isto é, de satisfação genital.” (Freud, 1917/2014, p. 432).

Enquanto Havelock Ellis afirma que *autoerótico* é a excitação que surge independente do objeto, Freud classifica o autoerotismo como uma fase em que não há objeto, na qual o investimento libidinal tem a direção para "si mesmo".

Nesse ponto, precisaremos fazer uma digressão e aprofundar o tema do autoerotismo. Na fase autoerótica não há objeto. Na masturbação, após essa fase, o objeto sempre estará incluído, mesmo que através de fantasias. O próprio Freud classificava a masturbação enquanto uma atividade autoerótica, porém, é necessário diferenciar a masturbação *como atividade autoerótica*, na qual se inclui o objeto através de fantasias, e a masturbação *na fase autoerótica*, na qual não se incluem outros objetos.

Em 1910, no texto *Cinco lições de psicanálise*, Freud acrescenta uma terceira opção à construção feita acima. No texto, o autoerotismo é conceituado por Freud como uma fase no início da vida, na qual não há direcionamento libidinal ao outro. A libido é satisfeita consigo mesma e posteriormente direcionada a um objeto externo. Nas palavras de Freud: “De outro lado, a escolha de objeto relega para trás o autoerotismo, de maneira que na vida amorosa os componentes todos do instinto sexual passam a procurar satisfação na pessoa amada.” (FREUD, 1910/2013, p. 271). O desejo de satisfação em um objeto externo, alheio à pessoa, encerra a fase do autoerotismo. Mesmo que ocorra uma masturbação solitária, essa atividade pode ser permeada de fantasias de pessoas desejadas, tornando-se diferente do autoerotismo enquanto fase.

Entretanto, pode haver uma fantasia de desejo em uma pessoa igual à desejante. Freud utiliza o exemplo da homossexualidade:

Como já mencionei, muitas vezes ocorre que o autoerotismo não é inteiramente superado, algo que as mais diversas perturbações depois evidenciam. Pode se manter a equivalência original dos dois sexos como objeto sexual, e disso resultará uma inclinação para a atividade homossexual na vida adulta, que em determinadas circunstâncias chega à homossexualidade exclusiva. (FREUD, 1910/2013, p. 272/273)

Situações como a da homossexualidade, nas quais Freud teorizou que a pessoa procura a ela mesma, podem ser atravessadas por fantasias, porém fantasias que não envolvem uma alteridade. Desse modo ocorre uma terceira opção (que pode ser vista como um gradiente), *entre a masturbação como atividade autoerótica e a masturbação da fase autoerótica*. Nesses casos, há uma fantasia sem uma alteridade, não há uma fantasia que envolva um outro que não

seja a representação da própria pessoa. Essa é uma masturbação em que o autoerotismo, enquanto fase, ainda está muito presente.

A segunda fase da masturbação ocorre “após o período de amamentação, geralmente antes dos quatro anos” (FREUD, 1905/2016, p. 95). Nela, a pulsão sexual nos órgãos genitais “costuma despertar novamente e se manter por algum tempo até uma nova supressão, ou prosseguir sem interrupção.” (FREUD, 1915/2016, p. 95). Essa segunda fase é o alicerce na construção do adulto, nas palavras de Freud:

(...) todas as particularidades desta *segunda* etapa de atividade sexual infantil deixam profundos traços (inconscientes) de impressões na memória da pessoa, determinam o desenvolvimento de seu caráter, quando ela permanece sadia, e a sintomatologia de sua neurose, quando ela adoece após a puberdade. (FREUD, 1905/2016, p. 96)

Essa fase será posteriormente teorizada como fase fálica e do complexo de Édipo. Após a segunda fase da masturbação existe o período de latência, onde a sexualidade é reprimida. No período de latência as lembranças sobre a masturbação e a sexualidade são esquecidas e deslocadas.

Freud também chamava essa fase de retorno da masturbação do lactente. Em relação a causas internas, seu retorno acontece por um “estímulo à coceira centralmente determinado, que convida à satisfação onanista” (FREUD, 1905/2016, p. 96/97) ou “analogamente à poluição da época adulta, atinge a satisfação sem ajuda de nenhuma ação” (FREUD, 1905/2016, p. 97). Ou seja, pode ser com um estímulo friccional ou um orgasmo involuntário. A segunda opção é mais frequente nas garotas, havendo um período anterior da masturbação ativa. Essa diferenciação é vista também na forma que meninos e meninas se masturbam, Freud escreve sobre isso ao definir o ato masturbatório:

A ação que elimina o estímulo e desencadeia a satisfação consiste em movimentos de fricção com a mão ou no uso de pressão (certamente conforme um reflexo preexistente) através da mão ou das coxas. Esta última medida é, de longe, a mais frequente entre as meninas. Nos garotos, a preferência pela mão já indica a importante contribuição à atividade sexual masculina que o instinto de apoderamento virá a prestar um dia. (FREUD, 1905/2016, p. 94/95)

O reaparecimento da atividade masturbatória, “depende de causas internas e motivos externos”. (FREUD, 1905/2016, p. 97). As causas internas foram mencionadas acima. Em relação aos motivos externos, eles “adquirem importância grande e duradoura nessa época.” (FREUD, 1905/2016, p. 97). Freud escreve que há uma sedução vinda dos adultos ou de outras crianças:

Em primeiro plano está a influência da sedução, que trata a criança como objeto sexual prematuramente e a faz conhecer, em circunstâncias de forte impressão, a satisfação das zonas genitais, que ela, então, é geralmente obrigada a renovar pela masturbação. (FREUD, 1905/2016, p. 97)

Nesse caso, diferente da fase masturbatória anterior, ela não é autoerótica. A criança já possui um reconhecimento de algo para além dela mesma. O externo (normalmente os pais) seduz a criança, o que a leva ao reavivamento da masturbação. Freud reconhece que em períodos anteriores ele havia superestimado a importância da sedução, porém nesse texto ele escreve que: “É evidente que não se requer a sedução para despertar a vida sexual da criança, que esse despertar também pode ocorrer espontaneamente, por causas internas.” (FREUD, 1905/2016, p. 98)

Retornando e aprofundando às causas internas, a criança já possui uma predisposição polimorficamente perversa. Elas possuem uma predisposição a serem perversas de várias formas, podendo sentir prazer de diversas maneiras:

(...) ela é constitucionalmente apta para isso; a realização [das perversões] encontra poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais – vergonha, nojo e moral – ainda não foram erguidas ou se acham em construção, segundo a idade da criança. (FREUD, 1905/2016, p. 98)

Por isso, “torna-se impossível não reconhecer algo universalmente humano e primordial nessa predisposição uniforme a todas as perversões.” (FREUD, 1905/2016, p. 99).

A terceira fase da masturbação infantil ocorre na puberdade. Um resumo sobre as mudanças ocorridas nessa época são: “Tomamos duas delas como decisivas: a subordinação de todas as demais fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo de achar o objeto. As duas já estão prefiguradas na infância.” (FREUD, 1905/2016, p. 160).

Na puberdade os genitais são centralizadores da sexualidade e o processo de “descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta” (FREUD, 1905/2016, p. 143). O objeto de desejo é

moldado na segunda fase da masturbação, e, posteriormente, será buscado na puberdade e fase adulta.

A única referência sobre a masturbação na puberdade, nos *Três ensaios*, está em um subcapítulo intitulado *Diferenciação de homem e mulher*. Nele, Freud escreve que é, somente na puberdade que “se estabelece a nítida separação entre caracteres masculinos e femininos” (FREUD, 1905/2016, p. 138).

Apesar disso, “a predisposição masculina ou feminina já é facilmente reconhecível na infância” (FREUD, 1905/2016, p. 138). Observamos que “as inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre, na menina, mais cedo e com menor resistência do que no menino”. (FREUD, 1905/2016, p. 138). Isso ocasiona em uma primazia do masculino: “Considerando as manifestações sexuais autoeróticas e masturbatórias, é possível sustentar que a sexualidade das garotas pequenas tem um caráter completamente masculino.” (FREUD, 1905/2016, p. 138/139). Esse caráter masculino da masturbação se manifesta pela masturbação clitoridiana:

Na criança do sexo feminino, a zona erógena diretriz está localizada no clitóris; é homóloga, portanto, à zona genital masculina da glândula. Tudo o que pude verificar sobre a masturbação de garotas pequenas dizia a respeito ao clitóris, não às partes do genital externo, relevantes para as funções sexuais futuras. Até mesmo duvido que uma menina possa chegar, sob influência da sedução, a outra coisa que não a masturbação clitoridiana, a não ser de forma inteiramente excepcional. (FREUD, 1905/2016, p. 140)

Posteriormente, na puberdade, enquanto no menino ocorre o crescimento da libido, na menina há uma “nova onda de repressão, que atinge justamente a sexualidade clitoridiana.” (FREUD, 1905/2016, p. 141). Sendo o clitóris correlativo ao masculino, ocorre um processo de crescimento da sexualidade feminina. A nítida diferenciação dos caracteres masculinos e femininos faz com que ocorra uma internalização da feminilidade e uma expansão da excitação vaginal.

Quando o clitóris é ele próprio excitado, no ato sexual enfim permitido, tem o papel de transmitir essa excitação adiante, às partes femininas vizinhas, mais ou menos como uma lasca de madeira resinosa é utilizada para pôr fogo numa lenha mais dura. (FREUD, 1905/2016, p. 141)

A transmissão da excitação clitoridiana para a excitação vaginal está relacionada, em Freud, com a “transformação da menina em mulher” (FREUD, 1905/2016, p. 141). O orgasmo clitoridiano é um orgasmo reprimido, no qual a menina não aceita a sua sexualidade feminina. Nas palavras de Freud:

Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina foi realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretriz de sua atividade sexual futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância. Nessa mudança das zonas erógenas diretrizes e na onda de repressão da puberdade, que, por assim dizer, descarta a masculinidade infantil, acham-se as condições principais para a maior propensão das mulheres à neurose, (...). Portanto, essas condições se ligam intimamente à natureza da feminilidade. (FREUD, 1905/2016, p. 142)

Caso não ocorra essa passagem, essa nova repressão ocorrida na puberdade pode gerar uma anestesia local: “Elas são anestésicas na vagina, mas de maneira nenhuma são incapazes de excitação a partir do clitóris ou mesmo de outras zonas. A essas causas erógenas da anestesia se juntam as psíquicas, igualmente determinadas pela repressão.” (FREUD, 1905/2016, p. 141/142).

Freud encerra o desenvolvimento do pensamento sobre a masturbação nos *Três ensaios* com uma breve colocação: “As manifestações sexuais [infantis] revelaram-se de natureza principalmente masturbatória.” (FREUD, 1905/2016, p. 159/160). Essa colocação traz a importância do tema da masturbação em relação a teoria do desenvolvimento. Apesar da masturbação ser um tema pouco explorado na psicanálise, vemos que as repressões, as explorações corpóreas, as expressões, as representações, os sintomas, etc. são todos construídos e formados, atravessados pela masturbação ao longo do desenvolvimento.

Vinte e oito anos após os *Três ensaios*, Freud continuava a pensar da mesma maneira. No trecho, tirado das *Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933)*, vemos como Freud ressalta a importância da masturbação infantil:

Vocês todos conhecem a imensa importância etiológica que os nossos neuróticos dão à sua masturbação. Eles a responsabilizam por todos os seus problemas, e despendemos muito esforço para fazê-los acreditar que estão enganados. Na verdade, deveríamos admitir que estão certos, pois a masturbação é o agente executivo da sexualidade infantil, e eles sofrem do desenvolvimento falho desta. Os neuróticos culpam geralmente a masturbação do período da puberdade; a maioria deles esquece a da primeira infância, a que

na realidade importa. Eu quisera ter a oportunidade de mostrar-lhes demoradamente como vêm a ser importantes, para a posterior neurose ou o caráter do indivíduo, todos os detalhes factuais da masturbação infantil: se ela foi descoberta ou não, como os pais a combateram ou permitiram, se ele mesmo conseguiu suprimi-la. Tudo isso deixa traços permanentes no indivíduo. Mas, por outro lado, estou contente de não precisar fazer isso. Seria uma tarefa difícil, trabalhosa, e vocês terminariam por me embarçar, pois certamente me pediriam conselhos práticos de como pais ou educadores devem lidar com a masturbação das crianças pequenas. (FREUD, 1933/2010, p. 282/283)

Freud conclui, enfatizando: “A resolução do onanismo da infância não é, verdadeiramente, algo simples ou indiferente.” (FREUD, 1933/2010, p. 284).

Caso Dora

O caso Dora foi escrito em 1901, mas publicado somente em 1905. Sabendo disso, percebemos o quanto ele foi uma base para as teorias construídas nos *Três ensaios*. Nele, vemos a masturbação infantil relatada em Dora, principalmente na interpretação do primeiro sonho.

Não há nenhuma novidade teórica sobre masturbação na análise do caso, mas é em Dora que vemos a concepção e a busca pela existência da masturbação infantil, que posteriormente será teorizado nos *Três ensaios*. Freud questiona Dora, ao longo das páginas, sobre uma confirmação a essa ideia: “Na época em que Dora relatou o sonho, encontrávamo-nos numa linha da investigação que conduzia diretamente à admissão da masturbação infantil.” (FREUD, 1905/2016, p.259)

Testemunhamos no caso Dora, o rascunho que antecede a obra, na qual a comprovação da masturbação infantil é construída, testada e verificada. Nas palavras de Freud: “Basta, para este caso, chegarmos à convicção de que a masturbação infantil pode ser provada, de que não é algo acidental nem irrelevante na configuração do quadro clínico” (FREUD, 1905/2016, p. 268)

Fantasias e Complexo de Édipo (1908 - 1912)

A partir de 1907, o tema da fantasia ganha destaque. Freud escreve *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1907), *O escritor e a fantasia* (1908), *As fantasias históricas e sua*

relação com a bissexualidade (1908), entre outros. Esses textos têm o tema da fantasia como central, demonstrando a importância que Freud deu ao assunto na época.

O desenvolvimento do tema da fantasia se unirá ao tema da masturbação, através das *fantasias masturbatórias*. A temática das fantasias masturbatórias na obra freudiana começa em 1908 no texto *As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade*. O destaque do tema acontece entre 1908 e 1912, depois, de modo enfraquecido, o tema continua até os textos finais da vida de Freud.

Optou-se nessa parte por abordar separadamente cada texto, pois, ao contrário dos subcapítulos anteriores, em nenhum deles Freud se dedica extensa ou exclusivamente ao assunto. Desse modo, foi necessária uma busca minuciosa às temáticas da masturbação e das fantasias masturbatórias.

As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908)

No texto *As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade*, Freud explora a formação e as origens das fantasias nos psiconeuróticos. As fantasias podem ser geradas no próprio inconsciente ou, podem ser primeiro consciente, e depois reprimidas para o inconsciente:

As fantasias inconscientes foram desde sempre inconscientes, formadas no inconsciente, ou - o que sucede com maior frequência - um dia foram fantasias conscientes, devaneios, sendo então propositalmente esquecidas, caindo no inconsciente graças à “repressão”. (FREUD, 1908/2015, p. 342)

As fantasias inconscientes são originalmente fantasias masturbatórias: “A fantasia inconsciente tem um nexos muito importante com a vida sexual da pessoa: ela é idêntica à fantasia que serviu a esta para obter satisfação sexual num período de masturbação.” (FREUD, 1908/2015, p. 342). Essa parte deve ser ressaltada, as fantasias masturbatórias são a origem e delas derivam o desejo e as fantasias inconscientes. A fantasia matricial é uma fantasia masturbatória. Por conseguinte, o desejo é calcado numa fantasia masturbatória.

Apesar dessa construção, os temas do desejo e das fantasias inconscientes são intensamente explorados na psicanálise, enquanto o tema das fantasias masturbatórias aparecem muito pouco. Freud, entretanto, concebeu grande importância às fantasias masturbatórias. No trecho a seguir, ele une o ato masturbatório em si, as fantasias que os acompanham: “O ato masturbatório (no sentido mais amplo) compunha-se então de duas partes, da evocação da

fantasia e da operação concreta de autossatisfação no auge daquela. Tal composição é, sabidamente, o resultado de uma soldagem.” (FREUD, 1908/2015, p. 342).

Em retrospecto, a masturbação se inicia como atividade autoerótica. Posteriormente, cria-se um interesse à um objeto externo. Através desse objeto se criará uma fantasia, essa fantasia será sexual e acompanhará a atividade masturbatória:

Originalmente, a ação era uma medida puramente autoerótica, para a obtenção de prazer de determinada parte do corpo, que denominamos erógena. Mais tarde, esta ação fundiu-se com uma representação de desejo da esfera do amor objetal e serviu para a realização parcial da situação em que culminou essa fantasia. Quando, depois, a pessoa renuncia a tal espécie de satisfação masturbatória-fantasiada, a ação é omitida, mas a fantasia consciente se torna inconsciente. Se não houver nenhuma outra forma de satisfação sexual, se a pessoa ficar em abstinência e não conseguir sublimar sua libido, isto é, desviar sua excitação sexual para uma meta mais elevada, estarão dadas as condições para que a fantasia inconsciente seja reavivada, cresça e, com toda a força da necessidade amorosa, imponha-se como sintoma patológico, ao menos numa parte de seu conteúdo. (FREUD, 1908/2015, p. 342/343)

As fantasias masturbatórias se tornam inconscientes. A partir disso, elas podem ser sublimadas ou “podem também vir a ser patogênicas, ou seja, manifestar-se em sintomas e ataques.” (FREUD, 1908/2015, p. 341). No caso da segunda opção, através do retorno do reprimido, as fantasias masturbatórias inconscientes podem originar as sintomatologias histéricas:

Estes [sintomas histéricos] não são outra coisa senão as fantasias inconscientes exteriorizadas mediante a “repressão”, e, na medida em que são sintomas somáticos, frequentemente são tomadas da esfera das mesmas sensações sexuais e inervações motoras que originalmente acompanharam a fantasia então consciente. Dessa maneira, o abandono da masturbação retrocede e o objetivo final de todo o processo patológico, a obtenção da satisfação sexual primária, é alcançado — embora jamais inteiramente, sempre numa espécie de aproximação. (FREUD, 1908/2015, p. 343/344)

Há um paradoxo nessa situação, pois os sintomas histéricos ocorrem por causa da repressão da masturbação e das fantasias masturbatórias; entretanto, apesar de se reprimir o prazer, também há prazer na sintomatologia sentida. Os sintomas ocorrem por um retorno do

reprimido, tornando-os também um substituto da masturbação. Há ao mesmo tempo angústia e prazer na sintomatologia histérica.

Conclui-se que, em um processo analítico, o sintoma é explorado para se desvelar as fantasias masturbatórias inconscientes. As mesmas fantasias que precederam o sintoma, tornam-se novamente conscientes após o processo analítico. Desvendar a sintomatologia histérica é difícil, não somente pela repressão que as fantasias sofrem, mas também porque os sintomas podem ser resultado da harmonização de várias fantasias, que passaram por um processo de condensação:

Provavelmente graças às dificuldades que as fantasias inconscientes encontram em seu esforço de adquirir expressão, a relação das fantasias com os sintomas não é simples, mas complicada em vários sentidos. Em geral, isto é, no pleno desenvolvimento e após longa existência da neurose, um sintoma não corresponde a uma única fantasia inconsciente, mas a várias delas, e não de maneira arbitrária, mas num padrão regular. (FREUD, 1908/2015, p. 345)

Caminhando para a conclusão do texto, Freud faz um resumo da conjectura. Ele enumera oito itens que descrevem o desenvolvimento da sintomatologia histérica. Os itens, do quarto ao oitavo, constituem um compêndio do que foi trabalhado acima:

- 4) O sintoma histérico é a realização de uma fantasia inconsciente que serve ao cumprimento de um desejo.
- 5) O sintoma histérico serve à satisfação sexual e representa uma parte da vida sexual da pessoa (que corresponde a um dos componentes do seu instinto sexual).
- 6) O sintoma histérico corresponde ao retorno de uma maneira da satisfação sexual, que foi real na vida infantil e desde então foi reprimida.
- 7) O sintoma histérico surge como compromisso entre dois impulsos afetivos ou instintuais, dos quais um se empenha em dar expressão a um instinto parcial ou um componente da constituição sexual, e o outro, em suprimi-lo.
- 8) O sintoma histérico pode assumir a representação de diferentes impulsos inconscientes, não sexuais, mas não pode prescindir de um significado sexual. (FREUD, 1908/2015, p. 346)

A construção teórica demonstrada aqui já havia sido exposta em trabalhos anteriores (tal como *Estudos sobre a histeria* de 1895), porém, aqui ela se junta à temática da masturbação e das fantasias, tornando-se o início dos estudos sobre as fantasias masturbatórias.

Para finalização, nas últimas páginas do texto, Freud inclui os aspectos da bissexualidade na fantasia:

Tal investigação, porém, traz um resultado inesperado em alguns casos. Ela mostra que em muitos sintomas não é suficiente a dissolução numa fantasia sexual inconsciente ou numa série de fantasias, mas que a solução do sintoma requer duas fantasias sexuais, uma delas tendo caráter masculino, a outra, feminino, de modo que uma dessas fantasias se origina de um impulso homossexual. (FREUD, 1908/2015, p. 346/347)

Como escrito acima, uma pessoa pode ter várias fantasias que se condensam em apenas um sintoma. Nesse caso, haveria a “união de duas fantasias libidinais de caráter sexual oposto.” (FREUD, 1908/2015, p. 347). Posto isso, Freud inclui o nono item na sintomatologia histérica, porém, diferente dos itens anteriores, esse não se aplica a todos os casos:

9) Um sintoma histérico é expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro, de uma feminina.

Devo registrar que não posso atribuir a essa tese uma validade geral, como fiz com as outras fórmulas. Até onde vejo, ela não se aplica nem a todos os sintomas de um caso nem a todos os casos. (FREUD, 1908/2015, p. 347)

A pré-disposição bissexual dos seres humanos como parte do desenvolvimento já foi expressa nos *Três ensaios*, se acrescentarmos as fantasias masturbatórias a essa teoria, ela “ocorre quando um indivíduo que se masturba procura, em fantasias conscientes, colocar-se tanto no lugar do homem como no da mulher, na situação imaginada” (FREUD, 1908/2015, p. 347)¹².

A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908)

Nesse texto, Freud disserta sobre os atuais estados nervosos apontados pelos médicos da época. Freud expandiu o assunto trazendo o tema da sexualidade. A teoria de Freud, que não era incluída nas teorias médicas desse período, é que a moralidade exigida culturalmente na época gerava uma repressão sexual, a qual contribuía diretamente para as doenças nervosas.

¹² Mais à frente exploraremos a bissexualidade nas fantasias também na pornografia. O indivíduo que, ao assistir um vídeo pornográfico heterossexual, pode se identificar com ambas as pessoas que encenam o ato sexual; tanto de modo consciente como de modo inconsciente.

Freud descreve três estágios culturais, nos quais a pulsão sexual evolui:

O primeiro, em que a atividade do instinto sexual ultrapassa livremente as metas da reprodução; o segundo, em que tudo no instinto sexual é reprimido, excetuando o que serve à reprodução; e o terceiro, em que apenas se admite como meta sexual a reprodução legítima. Esse terceiro estágio corresponde à nossa presente moral sexual “cultural”. (FREUD, 1908/2015, p. 370/371)

Ao escrever sobre a moralidade versus a sexualidade, Freud aborda o tema da abstinência sexual. Esse tema tem uma importância específica, pois ele se conecta ao tema da masturbação. Freud afirma no texto que “a maior parte dos indivíduos que compõem a nossa sociedade não está, em sua constituição, à altura da tarefa da abstinência.” (FREUD, 1908/2015, p. 376); pois, apesar da abstinência sexual ser defendida pelos médicos, “pode-se dizer que dominar um impulso tão poderoso como o do instinto sexual por outra via que não a da satisfação é uma tarefa que talvez solicite todas as forças do indivíduo.” (FREUD, 1908/2015, p. 375).

Freud faz críticas à abstinência pois “forma indivíduos [homens especificamente] fracos e bem-comportados, que depois se tornam parte da multidão que costuma seguir, (...)” (FREUD, 1908/2015, p. 380). No caso das mulheres, elas se tornam anestesiadas, demonstrando-se frígidas.

As citações acima contextualizam as opiniões de Freud sobre a abstinência. Claramente, sua opinião é contrária aos médicos da época, que defendiam a castidade. Freud argumenta que a abstinência traria danos à saúde, por causa do esforço necessário para conter a pulsão sexual.

Após essa contextualização, Freud relaciona a abstinência sexual à masturbação. Ele aponta que existem duas formas de abstinência: “abstenção de qualquer atividade sexual e a abstenção do contato sexual com o outro sexo.” (FREUD, 1908/2015, p. 383). A segunda forma descrita se relaciona com a masturbação, pois como escreve Freud: “Muitas pessoas que se gabam de conseguir a abstinência só o fazem com o auxílio da masturbação e de satisfações similares, que se ligam às atividades sexuais autoeróticas da primeira infância.” (FREUD, 1908/2015, p. 383).

Essa possibilidade de abstinência, na qual se faz uso da masturbação, também é criticada por Freud, por causa das predisposições que ela pode gerar:

Mas justamente por causa dessa relação [às atividades sexuais autoeróticas da primeira infância] não são inócuos esses meios substitutivos para a satisfação

sexual; eles predis põem às inúmeras formas de neuroses e psicoses, que têm por condição a regressão da vida sexual a suas formas infantis. (FREUD, 1908/2015, p. 383)

A masturbação é um retorno (ou uma parada caso nunca se tenha avançado) ao autoerotismo. Caso se pratique a abstinência acompanhada da masturbação, exacerba-se o retorno a uma vida sexual infantil, que é fonte de neuroses, como a neurastenia ou, de um enclausuramento em si mesmo, como na psicose.

De qualquer modo, a masturbação não é aceita perante as “exigências ideais da moral sexual cultural” (FREUD, 1908/2015, p. 384). Dessa forma, retorna-se ao mesmo conflito (moral sexual cultural versus a satisfação dos instintos sexuais) que a abstinência evitaria, culminando novamente no “nervosismo moderno”.

Outro problema que Freud aponta ao se tentar obter a abstinência através da masturbação é o da *indulgência excessiva* (FREUD, 1908/2015, p. 384). Freud elenca dois sentidos para esse problema: “primeiro, ensinando a alcançar metas significativas sem esforço, por vias cômodas, em vez de mediante enérgica aplicação de força — conforme o princípio de que a sexualidade é *modelar* para o comportamento” (FREUD, 1908/2015, p. 384). Ou seja, o “masturbador abstinente” se tornaria preguiçoso, pois a sexualidade é a matriz do comportamento da pessoa, ela é modeladora:

O comportamento sexual de uma pessoa é, com frequência, *modelar* para todas as suas outras formas de reação na vida. Se um homem conquista energicamente seu objeto sexual, acreditamos que terá a mesma inconsiderada energia na perseguição de outras metas. Se um outro, por considerações diversas, renuncia à satisfação de seus fortes instintos sexuais, também em outras áreas ele será antes conciliador e resignado do que ativo. (FREUD, 1908/2015, p. 382)

O segundo sentido é o da idealização do objeto sexual nas fantasias. No texto anterior se construiu a soldagem do ato masturbatório à fantasia masturbatória; agora é discutido a idealização do objeto nas fantasias masturbatórias. Nas palavras de Freud:

(...); em segundo lugar, elevando o objeto sexual, nas fantasias que acompanham a satisfação, a um grau de excelência que não se encontra facilmente na realidade. Um escritor espiritualoso (Karl Kraus, na revista *Die Fackel* [A Tocha], de Viena) exprimiu essa verdade pelo avesso, afirmando

cinicamente: “O coito é apenas um sucedâneo insatisfatório da masturbação” (FREUD, 1908/2015, p. 384)

Freud conclui seu pensamento, discorrendo sobre os casos em que, após todas as ocorrências, o “masturbador abstinente” terá enfim, uma relação sexual permitida pelo casamento:

Todas essas consequências inevitáveis e indesejadas da prescrição de abstinência convergem para um só resultado: o de estragar completamente a preparação para o casamento — que, conforme a intenção da moral sexual cultural, deveria ser o único herdeiro dos desejos sexuais. (FREUD, 1908/2015, p. 385)

Ou seja, a prática sexual masturbatória, sendo exercida em exclusividade (abstinência), nos homens causa “uma potência diminuída no casamento.” (FREUD, 1908/2015, p. 385) e nas mulheres “mostram-se ‘anestésicas’ para o intercurso normal no matrimônio.” (FREUD, 1908/2015, p. 385).

A conclusão do texto é de que uma prática masturbatória exclusiva causaria danos. Ela produziria predisposição à neurose e à psicose (através da regressão)¹³. Outro possível problema apontado por Freud é a indulgência excessiva. Ela levaria à preguiça ou a comportamentos muito passivos, e também dificultaria as relações sexuais com pessoas reais por causa da idealização.

Sobre as teorias sexuais infantis (1908)

Nesse texto, Freud percorre as teorias sexuais fantasiadas na infância, porém, logo no início do texto, ele adverte que: “as comunicações seguintes dizem respeito sobretudo ao desenvolvimento sexual de um sexo apenas — o masculino.” (FREUD, 1908/2015, p.393).

A primeira teoria fantasiada é a de que ambos os sexos possuem um pênis:

A primeira dessas teorias [sexuais fantasiadas] liga-se à não consideração das diferenças entre os sexos, que destaquei inicialmente como algo característico

¹³ Nesse texto, Freud parece se opor tão fortemente à moral sexual e a abstinência, que chega a conceber (exageradamente) que a masturbação exclusiva poderia gerar uma neurose ou psicose. Ele parece inverter a balança para o outro lado, de que o sujeito precisa ter relações sexuais. Talvez esses pensamentos danosos sobre a masturbação sejam por causa do contexto da época e/ou da relação da masturbação com a neurastenia.

das crianças. Ela consiste em *atribuir a todas as pessoas, também às do sexo feminino, um pênis*, como o que o menino conhece de seu próprio corpo. Precisamente na constituição sexual que devemos ver como “normal”, o pênis é, já na infância, a zona erógena diretriz, o principal objeto sexual autoerótico, e sua alta estima se reflete logicamente na incapacidade de imaginar uma pessoa igual a si que não tenha esse constituinte essencial. (FREUD, 1908/2015, p.399)

Devido à supervalorização do pênis, a possibilidade de haver um ser que não o possua, não é concebido pela criança. Porém adicionamos a esse enredo, também a ameaça de castração, que normalmente ocorre quando um adulto vê uma criança estimulando o pênis:

O menino, dominado sobretudo pela excitação do pênis, habitualmente obteve prazer estimulando-o com a mão, foi flagrado nisso pelos pais ou a babá e aterrorizado com a ameaça de lhe cortarem o membro. O efeito dessa “ameaça de castração” é, proporcionalmente ao valor dado a essa parte do corpo, bastante profundo e duradouro. (FREUD, 1908/2015, p.400)

A ameaça de castração é proporcionalmente valorizada pela criança segundo a importância que ela atribui ao pênis. O pavor decorrente disso será a origem do complexo de castração para os meninos.

Apesar de salientar que os desenvolvimentos do texto se referem ao sexo masculino, Freud aponta o clitóris como órgão homólogo ao pênis e usado pela mulher para masturbar-se.

A anatomia reconheceu o clitóris, no interior da vulva feminina, como um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescentou que esse pênis pequenino, que jamais cresce, realmente se comporta como um pênis genuíno na infância da mulher, que ele se torna a sede de excitações que induzem a tocá-lo, que sua sensibilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, e que é necessária uma onda de repressão na época da puberdade, para que seja removida essa sexualidade masculina e surja a mulher. (FREUD, 1908/2015, p.400/401)

Essa concepção já havia sido abordada nos *Três ensaios*, mas agora ela é expandida pela teoria da ameaça de castração. No caso da mulher não há uma ameaça de castração, pois não há um pênis a ser perdido. No caso da mulher existe uma inveja, que depois será conceituada como “inveja do pênis”.

Pode-se observar, com facilidade, que a menina compartilha inteiramente o apreço do irmão. Ela desenvolve um grande interesse por essa parte do corpo do menino, interesse, no entanto, que logo é comandado pela inveja. Ela se sente prejudicada, faz tentativas de urinar na postura que é possibilitada ao menino pelo pênis grande, e, quando manifesta o desejo de que “preferia ser um garoto”, sabemos que falta esse desejo pretende remediar. (FREUD, 1908/2015, p.401)

Considerações gerais sobre o ataque histérico (1909)

Em *Considerações gerais sobre o ataque histérico*, Freud retoma uma correlação já iniciada anteriormente. A ideia de que o ataque histérico é uma representação da masturbação e suas fantasias condensadas. Ele inicia o texto retomando o assunto das fantasias:

Quando submetemos à psicanálise uma histérica que manifesta sua doença em ataques, logo nos convencemos de que esses ataques não são outra coisa senão fantasias traduzidas para a esfera motora, projetadas na motilidade, representadas em forma de pantomima. Fantasias inconscientes, é verdade, mas, quanto ao resto, do mesmo tipo das que podemos perceber diretamente nos sonhos diurnos ou desenvolver, mediante interpretação, dos sonhos noturnos. Com frequência, um sonho substitui um ataque; mais frequentemente ainda, explica-o, dado que a mesma fantasia acha expressão diversa no sonho e no ataque. (FREUD, 1909/2015, p.413)

O ataque histérico é uma representação das fantasias inconscientes. Lembremo-nos também que as matrizes das fantasias inconscientes são as fantasias masturbatórias (FREUD, 1908/2015, p. 342). Logo, o ataque histérico é uma expressão da satisfação masturbatória infantil. Nas palavras de Freud:

A investigação da infância dos histéricos mostra que o ataque histérico se destina a substituir uma satisfação *autoerótica* praticada no passado e desde então abandonada. Em grande número de casos, tal satisfação (a masturbação através do toque ou pressionando as coxas, a movimentação da língua etc.) retorna no ataque mesmo, com o alheamento da consciência. (FREUD, 1909/2015, p.416)

Algumas condições podem causar os ataques histéricos, mas aquelas que coincidem com a causa da satisfação autoerótica são:

O surgimento do ataque por elevação da libido e a serviço da tendência primária, como consolo, também repete exatamente as condições em que tal satisfação autoerótica, no passado, foi buscada intencionalmente pelo doente. (FREUD, 1909/2015, p.416)

A elevação da libido ocorre organicamente: “por razões somáticas internas e mediante influência psíquica de fora, o investimento libidinal se eleva acima de determinada medida” (FREUD, 1909/2015, p.415). A questão quantitativa é central, como um balde que transborda porque não consegue mais conter o líquido em seu interior. Mantendo a metáfora, a tendência primária é esvaziar pelo menos uma parte do balde; nas palavras de Freud: “serviço da *tendência primária*, como expressão da “fuga para a doença”, quando a realidade se torna penosa ou assustadora, ou seja, como *consolo*” (FREUD, 1909/2015, p.416). Portanto, a tendência primária é a descarga libidinal que culmina em alívio e satisfação. Isso pode ocorrer via satisfação autoerótica ou via ataque histérico.

A diferença é que a busca da satisfação autoerótica na infância, é intencional e consciente, enquanto o ataque histérico é inconsciente. Essa mudança da masturbação para o ataque histérico ocorre por causa da repressão.

A repressão primeiramente será do ato masturbatório em si, e depois da fantasia que o acompanha. Freud resume esse funcionamento da seguinte maneira:

A anamnese deste revela os seguintes estágios: a) satisfação autoerótica sem conteúdo ideativo [fantasia]; b) a mesma coisa, ligada a uma fantasia que acaba no ato de satisfação; c) renúncia ao ato, conservando a fantasia; d) repressão dessa fantasia, que então, ou inalterada ou modificada e adaptada a novas impressões trazidas pela vida, afirma-se no ataque histérico; e) eventualmente, ela chega a trazer de volta o ato de satisfação que lhe correspondia, supostamente abandonado. Um típico ciclo de atividade sexual infantil: repressão, malogro da repressão e retorno do reprimido. (FREUD, 1909/2015, p.416/417)

Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O Pequeno Hans”) (1909)

O caso do Pequeno Hans é escrito em 1909 no texto intitulado *Análise da fobia de um garoto de cinco anos*. Nesse texto, o tema das fantasias masturbatórias continua a se desenvolver, e se relaciona ao tema do complexo de castração.

Nesse caso narrado, o pai de Hans analisa o próprio filho e troca informações com Freud, que viu o menino somente uma vez. No que concerne à masturbação, Hans tinha interesse pelo seu “faz-pipi” desde antes dos 3 anos de idade. Nessa época, já havia uma excitação sexual “que toda noite se desfoga e tem satisfação na atividade masturbatória.” (Freud, 1909/2015, p. 253). Durante esse período, sua mãe lhe faz uma ameaça:

Aos três anos e meio, sua mãe o viu pegando no pênis. Ela o ameaçou: “Se você fizer isso, chamarei o dr. A. e ele cortará seu faz-pipi. Com o que você vai fazer pipi então?”.

Hans: “Com o bumbum”.

Ele responde sem consciência de culpa, mas adquire, nessa ocasião, o “complexo da castração”, (...) (FREUD, 1909/2015, p. 127)

Nesse momento, o complexo de castração ainda não foi significado, porém, é feita uma primeira marca, similar ao primeiro tempo do trauma, que somente ganhará significação quando ocorrer a descoberta de que algumas pessoas não têm pênis (*a posteriori*). É importante ressaltar que Freud, em nota de rodapé (1923), escreve estar ciente da ampliação do conceito do complexo de castração: “Embora reconhecendo todas as raízes do complexo, sustentei que o nome “complexo de castração” deve se limitar aos estímulos e efeitos vinculados à perda do pênis.” (FREUD, 1909/2015, p. 128)

No desenvolvimento do texto, Freud escreve sobre a fobia de cavalos de Hans: “Os pais lhe chamam a atenção para o fato de que o medo [que um cavalo vá mordê-lo] é consequência da masturbação, e o incitam a abandonar esse hábito.” (FREUD, 1909/2015, p. 253). O início da análise da correlação do medo de cavalo e da masturbação ocorre através de uma reminiscência:

Um pai disse à filha que partia: “Não ponha o dedo na frente do cavalo, senão ele vai mordê-lo”. A expressão que ele usa para relatar a advertência desse pai é semelhante àquela do aviso contra a masturbação (*den Fingerhingegeben* [“pôr o dedo”]). Assim, os pais parecem inicialmente ter razão em achar que Hans se apavora com sua própria satisfação onanista. Mas o vínculo ainda é frouxo, e os cavalos parecem ter adquirido casualmente o seu papel assustador. (FREUD, 1909/2015, p. 254)

No final da citação, Freud escreve que “o vínculo ainda é frouxo”. O dado que falta para fortificar a relação entre o medo de cavalos e a satisfação masturbatória é a descoberta de que

algumas mulheres que Hans pode observar não possuíam pênis. Esse dado traz para Hans a possibilidade de que ele perca o próprio pênis.

A descoberta da ausência do pênis nas mulheres ainda não foi teorizada na análise de Hans, entretanto a relação da fobia de cavalos com a masturbação prossegue:

“No dia 2 de março eu lhe digo, quando ele novamente tem medo: ‘Sabe de uma coisa? A bobagem’ – é assim que ele chama a sua fobia – ‘vai diminuir se você passear com mais frequência. Agora ela está forte porque você não saiu de casa, porque estava doente’.

ELE: Não, ela está forte porque eu estou pegando no faz-pipi toda noite.”

O médico e o paciente, o pai e o filho estão de acordo, portanto, em atribuir ao hábito da masturbação o papel principal na patogênese do estado atual. Mas não faltam indícios da importância de outros fatores. (FREUD, 1909/2015, p. 152)

Hans se esforça para abandonar a masturbação. No dia 13 de março, Hans diz que não pega mais no “faz-pipi”, e depois disso o medo de cavalos diminui. Entretanto, alguns dias depois, ele acorda as 6 horas da manhã bastante angustiado e diz:

‘Peguei só um pouco no faz-pipi. Aí vi a mamãe nua, de camisa, e ela deixou ver o faz-pipi. Mostrei à Grete, à minha Grete, o que a mamãe estava fazendo, e mostrei a ela meu faz-pipi. Aí tirei rápido a mão do faz-pipi’. Quando objetei que só podia ser ‘de camisa’ ou ‘nua’, ele disse: ‘Ela estava de camisa, mas a camisa era tão curta que eu podia ver o faz-pipi’.”

Isso não foi um sonho, mas uma fantasia masturbatória, aliás equivalente a um sonho. O que a mãe faz ali, evidentemente, serve para justificar ele próprio: “Se a mamãe mostra o faz-pipi, eu também posso mostrar”. (FREUD, 1909/2015, p. 154/155)

Nesse momento, vemos Freud expondo as fantasias masturbatórias em um caso. Na fantasia de Hans vemos a permissividade: “Se a mamãe mostra o faz-pipi, eu também posso mostrar”; e também nos atentamos à negação da castração. Devemos ressaltar nessa passagem como as defesas se incluem na formação das fantasias masturbatórias, não somente os desejos. O tema da formação das fantasias masturbatórias será aprofundado no *Capítulo 2. Fantasias Masturbatórias e Pornografia*, mas por hora, vale ressaltar que a visão da mãe com o “faz-pipi”, além de ser uma defesa, através da recusa da castração, pode provocar excitação, incluindo as defesas como fator importante na formação das fantasias masturbatórias.

Através da fantasia acima, também podemos conjecturar os fatores que mantinham frouxa a relação entre a fobia de cavalos e o medo da castração. A visão da mulher sem o pênis (na fantasia acima recusada) completa a análise da fobia de cavalos. O vínculo que une o medo (dos cavalos) e a masturbação é a possibilidade de perder o pênis, concretizada na visão dos genitais femininos. Nas palavras de Freud:

Podemos ver duas coisas nessa fantasia [da citação anterior]: primeiro, que a repreensão da mãe [dizendo que cortará seu faz-pipi] produziu um forte efeito nele na época; segundo, que o esclarecimento de que as mulheres não têm faz-pipi não foi aceito inicialmente por ele. Ele lamentou que assim fosse e apegou-se a ele na imaginação. (FREUD, 1909/2015, p.155)

A vinculação entre a ameaça de castração e masturbação já havia sido teorizada no texto *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908). No caso do Pequeno Hans essa vinculação se aprofunda e se relaciona com as fantasias masturbatórias.

Outra fantasia masturbatória que aparece mais à frente no texto, é a de Hans falando sobre uma série de crianças que ele diz serem seus filhos. Nessa parte, em nota de rodapé, Freud registra: “São crianças de fantasia, isto é, de sua masturbação” (FREUD, 1909/2015, p.227). Essa fantasia ocorre logo após a chegada de sua irmãzinha, que ocasiona privação de sua mãe e sentimentos de solidão. Ou seja, na fantasia, Hans está identificado com a mãe: “HANS: Eu era mesmo a mamãe.” (FREUD, 1909/2015, p.226). A excitação da fantasia masturbatória reside na identificação com a mãe, porém essa ideia não é aprofundada por Freud ¹⁴.

Em 30 de abril, em uma fantasia seguinte, Hans entende que meninos não podem ter filhos:

Como ele brinca novamente com seus filhos imaginários, eu lhe digo: ‘Esses filhos ainda estão aí? Você sabe que um menino não pode ter filhos’.

HANS: Eu sei. Antes eu era a mãe, agora sou o pai.

EU: E quem é a mãe das crianças?

HANS: Bom, a mamãe; e você é o vovô. (FREUD, 1909/2015, p.229)

¹⁴ A relação da masturbação com a identificação com a mãe pode ser aprofundada através de Annie Reich: “Sadger stressed that masturbation is based upon a reversal of original longings for passive gratification, received from the mother’s care during childhood, which, in identification with the mother, the masturbating adolescent later administers to himself. [Sadger enfatizou que a masturbação se baseia na reversão dos anseios originais por uma gratificação passiva, recebida pelos cuidados da mãe durante a infância, que, em identificação com a mãe, o adolescente que se masturba mais tarde administra a si mesmo.]” (REICH, 1951, p. 87, tradução nossa)

Sobre essa fantasia, Freud escreve: “Na vitoriosa fantasia final, ele faz a soma de todos os seus desejos eróticos, tanto os oriundos da fase autoerótica como os relacionados ao amor objetal. Está casado com a mãe bonita e tem inúmeros filhos, dos quais pode cuidar à sua maneira.” (FREUD, 1909/2015, p.248). Essa última fantasia masturbatória marca a superação da “bobagem”, ela é uma resolução (ou um caminho para resolução) do complexo de castração.

História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”) (1918)

Um outro caso clínico, no qual também é apresentado questões relativas à castração é o Homem dos Lobos. O texto intitulado *História de uma neurose infantil*, escrito em 1914 e publicado somente em 1918, conta a história de Serguei Pankejeff, conhecido como o Homem dos Lobos. Apesar de ocorrer um salto cronológico ao citar esse texto, acredito que seja mais proveitoso unir esses dois casos, pois ambos apresentam a ameaça de castração de modo clínico.

Freud relata que Serguei também vivenciou uma ameaça aos atos masturbatórios aos três anos de idade:

Ele começou então a brincar com seu membro diante da Nânia [babá], o que, como em muitos outros casos em que a criança não esconde o onanismo, deve ser apreendido como tentativa de sedução. A Nânia o decepcionou, fez uma cara séria e explicou que aquilo não era bom. As crianças que faziam aquilo ficavam com uma “ferida” no lugar. (FREUD, 1918/2010, p. 34/35)

Assim como Hans, os efeitos dessa ameaça reverberaram em seu crescimento. A comunicação feita pela babá desperta uma pesquisa sexual em Serguei, levando-o a notar e observar a diferença dos genitais e a pensar numa castração. Entretanto, inicialmente isso não parece assustá-lo:

Nessa época ele pôde observar duas garotas urinando, sua irmã e uma amiga dela. Com sua perspicácia, tal visão já poderia levá-lo a compreender os fatos, mas ele se comportou como sabemos que fazem outros meninos. Rejeitou a ideia de que via confirmada a ferida com que a Nânia o ameaçara, e deu a si mesmo a explicação de que aquilo era “o bumbum da frente” das meninas. (FREUD, 1918/2010, p. 35/36)

Tudo o que Serguei ouvia, ele relacionava à castração. Freud relata ao longo do texto uma série de histórias e eventos que se conectam a possibilidade da ausência do pênis, entretanto ainda não havia uma angústia relacionada: “Portanto, o pensamento da castração o ocupava, mas ele ainda não lhe dava crédito, nem sentia medo.” (FREUD, 1918/2010, p. 36)

Posteriormente, a relação entre a ameaça de castração, a masturbação e a angústia é feita pelo próprio Serguei:

Ele conta que deixou de se masturbar logo após a recusa e a ameaça da Nânia. *Sua vida sexual, que começava regida pela zona genital, sucumbiu então a uma inibição exterior, e por influência desta foi remetida de volta a uma fase anterior, de organização pré-genital.* Em consequência da supressão do onanismo, a vida sexual do garoto assumiu caráter sádico-anal. (FREUD, 1918/2010, p. 36/37)

Freud escreve que o fato de Serguei ter regredido a fase sádico-anal explicaria seus atos e fantasias cruéis e agressivas. Isso explicaria tanto a formação das fantasias sádicas quanto as masoquistas:

É de grande valor que na lembrança do paciente emergissem também fantasias contemporâneas de outro tipo, em que meninos eram castigados e espancados, recebiam pancadas especialmente no pênis; e é fácil adivinhar para quem esses objetos anônimos serviam de bode expiatório, a partir de outras fantasias que pintavam o herdeiro do trono sendo trancado num quarto estreito e espancado. O herdeiro do trono era evidentemente ele mesmo; o sadismo havia se voltado na fantasia para a própria pessoa, e se convertera em masoquismo. O detalhe de que o órgão sexual mesmo recebe o castigo permite a conclusão de que nessa transformação já participava uma consciência de culpa, referente ao onanismo. (FREUD, 1918/2010, p. 37/38)

Esse trecho encerra o tema da masturbação no caso do Homem dos Lobos. Entretanto, o tema da culpa associado à masturbação é aprofundado posteriormente na obra de Freud.

Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”) (1909)

No caso do Homem dos Ratos (1909), Freud analisa, em um longo comentário, sua concepção sobre a masturbação na puberdade. Os pacientes habitualmente atribuíam à masturbação ocorrida na adolescência à causa de seus padecimentos. Freud considera que os

neuróticos estão parcialmente corretos, mas necessitam ser interpretados, pois a masturbação da adolescência é apenas a revivescência da masturbação infantil:

A masturbação na puberdade não é senão revivescência daquela - até agora negligenciada - da infância, que geralmente alcança uma espécie de clímax na idade de três a quatro ou cinco anos e é a mais nítida expressão da constituição sexual da criança, na qual também nós buscamos a etiologia das neuroses posteriores. Portanto, os doentes culpam disfarçadamente sua própria sexualidade infantil, e nisso estão inteiramente certos. (FREUD, 1909/2013, p. 64)

Esse pensamento já havia sido teorizado nos *Três ensaios*. Porém, Freud acrescenta a essa digressão teórica, o tema das fantasias que acompanham o ato masturbatório.

Por outro lado, o problema da masturbação fica insolúvel se a vemos como uma unidade clínica e esquecemos que representa a descarga de componentes sexuais vários e das fantasias por eles alimentadas. Apenas num grau mínimo a nocividade da masturbação é autônoma, ou seja, determinada por sua própria natureza. Coincide, no principal, com a significação patogênica da vida sexual. (FREUD, 1909/2013, p. 64)¹⁵

A ampliação do tema das fantasias masturbatórias é de extrema importância. Nos *Três ensaios*, a masturbação na puberdade se conecta à masturbação infantil; nesse texto, Freud inclui as fantasias masturbatórias da infância e seu fator determinista nas fantasias masturbatórias na puberdade. Ou seja, as fantasias masturbatórias ocorridas na infância são as matrizes, para, posteriormente, na puberdade elas serem reprimidas ou adaptadas para chegarem a consciência.

Através desse desenvolvimento, vemos que inibições ou problemáticas que possam ocorrer na masturbação na puberdade, nelas se incluem as fantasias masturbatórias. E, caso ocorra uma criação que não lhes permita sublimar a sexualidade, ocorre o adoecimento:

O fato de muitos indivíduos tolerarem sem danos a masturbação — certa medida dela — mostra que neles a constituição sexual e o curso de desenvolvimento da sua vida sexual permitiram-lhes exercer esta função nas condições culturais vigentes, enquanto outros, devido a uma constituição sexual desfavorável ou a um distúrbio no desenvolvimento, adoecem por causa

¹⁵ Tudo indica que o “grau mínimo a nocividade” se trata da masturbação como causadora da neurastenia.

de sua sexualidade, isto é, não conseguem atingir a supressão e sublimação dos componentes sexuais sem que haja inibições e formações substitutivas. (FREUD, 1909/2013, p. 64/65)

No caso do Homem dos Ratos houve uma situação de repressão severa da masturbação e das fantasias masturbatórias. Ele não se masturbou na puberdade: “(...) o impulso à atividade masturbatória surgiu nele aos 21 anos, *pouco tempo depois da morte do pai.*” (FREUD, 1909/2013, p. 65). Praticou por pouco tempo a masturbação, pois a vergonha lhe era muito grande. Posteriormente, ele teve sua primeira relação sexual aos 26 anos.

Baseando-se no que havia sido apresentado até o momento sobre o caso, Freud faz uma construção:

Com base nesses e em outros indícios semelhantes, arrisquei a construção de que quando era criança, aos seis anos de idade, ele incorrera em alguma má conduta sexual relacionada à masturbação e fora então sensivelmente castigado pelo pai. Esse corretivo pusera fim à masturbação, mas também deixara um indelével rancor ao pai, fixando para sempre o papel deste como estragador do prazer sexual. (FREUD, 1909/2013, p. 65)

O que se destaca aqui é a forte repressão do pai, chegando a surrá-lo, o que se conecta ao medo da castração. A confirmação da cena, construída acima por Freud, conecta-se a um evento que é destacado pela mãe do “homem dos ratos”. Ele é surrado pelo pai, entre 3-4 anos de idade, como castigo por ter mordido alguém. A diferença é que na cena da mordida não parece haver um caráter sexual no relato, porém Freud ressalta que “(...), devemos nos lembrar, sobretudo, que as “lembranças infantis” das pessoas vêm a se estabelecer apenas numa idade posterior (em geral na época da puberdade), sendo então submetidas a um complicado processo de reelaboração” (FREUD, 1909/2013, p. 68). Freud prossegue escrevendo sobre a adaptação dessas lembranças:

Pode-se claramente perceber que o indivíduo em crescimento procura, nessas fantasias relativas à sua primeira infância, *apagar a lembrança de sua atividade autoerótica*, na medida em que eleva seus traços mnemônicos ao nível do amor objetal, como um historiador que busca enxergar o passado à luz do presente. Daí a profusão de ataques e seduções nessas fantasias, quando a realidade se limitou à atividade autoerótica e aos carinhos e castigos que a estimularam. (FREUD, 1909/2013, p. 68)

Esse texto amplia a teorização da passagem da masturbação infantil à masturbação na puberdade incluindo as fantasias masturbatórias. Freud destaca a forte repressão masturbatória sofrida no caso do “homem dos ratos”, que reverbera na supressão de suas fantasias masturbatórias na puberdade, fazendo com que ele só se masturbe aos 21 anos, após a morte do pai.

Ressaltamos o lugar de destaque dado por Freud, nesse período, às fantasias masturbatórias. As fantasias formadas na fase infantil e sua repressão demonstram que devemos explorar o tema da masturbação, do autoerotismo e das fantasias masturbatórias, tanto teoricamente quanto clinicamente.

Um tipo especial de escolha de objeto feito pelo homem (1910)

No texto *Um tipo especial de escolha de objeto feito pelo homem* de 1910, Freud utiliza pela primeira vez o termo Complexo de Édipo. Ele calcifica a teoria do direcionamento da libido a um objeto externo, sendo esse primeiro objeto os pais. Nas palavras de Freud: “Ele começa a desejar a mãe, no sentido então descoberto, e a novamente odiar o pai, como o rival que põe obstáculos a esse desejo; ele cai, segundo costumamos dizer, sob o domínio do complexo de Édipo.” (FREUD, 1910/2013, p. 342)

Esse tema já vinha sendo especulado por Freud desde 1897 nas cartas a Fliess, porém somente na passagem acima ele é conceituado e nomeado como *Complexo de Édipo*. Essa passagem tem grande importância nas fantasias masturbatórias, pois logo em seguida Freud acrescenta:

Não perdoa isto à mãe, e vê como uma infidelidade que ela tenha concedido ao pai, e não a ele, o favor do intercurso sexual. Quando não passam rapidamente, tais impulsos não têm outra saída senão esgotar-se em fantasias cujo teor é a atividade sexual da mãe nas mais diversas circunstâncias, e cuja tensão leva facilmente a buscar alívio na masturbação. Devido à persistente atuação conjunta dos dois motivos que o impelem, desejo e sede de vingança, fantasias sobre a infidelidade da mãe são suas prediletas; o amante com o qual ela comete a infidelidade tem quase sempre os traços do próprio Eu, ou melhor, de sua própria pessoa idealizada, amadurecida até a idade do pai. (FREUD, 1910/2013, p. 342/343)

No início deste subcapítulo foi enunciada a importância das fantasias que acompanham o ato masturbatório, e depois como elas se organizam através dos casos clínicos. A partir da

construção teórica do conceito do complexo de Édipo, as fantasias masturbatórias ganham uma estruturação, pois é através da fase edípica que se constroem as fantasias masturbatórias. A vivência do complexo de Édipo será a matriz para a formação das fantasias posteriores, como a fantasia do amante, citada acima por Freud.

No caso dos meninos, essas fantasias masturbatórias são muito presentes e exploradas no período da puberdade. Freud escreve que pelo fato de serem muito praticadas nessa fase, elas causam uma fixação:

O tipo de amor masculino que descrevemos carrega os traços dessa evolução e pode ser entendido como fixação nas fantasias da puberdade, que depois ainda encontraram saída para a vida real. Não há dificuldade em supor que a masturbação tão praticada durante a puberdade tenha contribuído para a fixação dessas fantasias. (FREUD, 1910/2013, p. 343)

As diversas formas de fantasias eróticas imaginadas pelos homens, mostram os caminhos possíveis das dissoluções edípicas masculinas. Na puberdade, as fantasias se formam através de uma revivescência do Complexo de Édipo, vivido aos quatro anos; portanto, as fantasias masturbatórias da puberdade são o resultado de adaptações das fantasias edípicas infantis. Freud também escreve que por serem muito praticadas no período da puberdade, podem ocorrer uma fixação dessas fantasias masturbatórias masculinas.

Após a finalização da leitura do texto, permanece uma dúvida: Por que Freud escreveu, na citação acima, que as fantasias masturbatórias masculinas são fixadas na puberdade, ao invés de serem fixadas no Complexo de Édipo aos 4 anos? Nessa época, Freud parece dar mais importância às fantasias ocorridas na puberdade do que às vivências e fantasias ocorridas aos quatro anos de idade, porém no texto seguinte isso se altera.

Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (1912)

Passados dois anos, Freud estruturou e expandiu o conceito do Complexo de Édipo. Ele retorna no texto *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa* de 1912, o pensamento iniciado no texto acima, sobre a fixação e as fantasias masturbatórias.

Ele inicia escrevendo sobre a passagem das fantasias imaginadas para um objeto externo real. Para que isso ocorra, Freud enumera duas condições:

Dois fatores serão decisivos para o malogro desse avanço no desenvolvimento da libido. Primeiro, a medida de *real frustração* que se opõe à nova escolha de objeto e a desvaloriza para o indivíduo. Pois não tem sentido voltar-se para a escolha de objeto, quando não se pode escolher ou não há perspectiva de escolher algo satisfatório. Em segundo lugar, há a medida de *atração* que os objetos infantis a serem abandonados podem exercer, proporcional ao investimento erótico que lhes foi concedido na infância. (FREUD, 1912/2013, p. 351)

Havendo uma frustração no prazer em um novo objeto e o objeto primário original sendo uma grande fonte de prazer que impede sua substituição, o desenvolvimento libidinal fica bloqueado. Sobre isso, Freud prossegue:

Sendo esses dois fatores suficientemente fortes, o mecanismo geral de formação das neuroses entra em operação. A libido se afasta da realidade, é tomada pela fantasia (introversão), reforça as imagens dos primeiros objetos sexuais, fixa-se neles. Mas o obstáculo ao incesto obriga a libido voltada para esses objetos a permanecer no inconsciente. A ocupação em atos onanistas por parte da corrente sensual, que agora é parte do inconsciente, contribui para reforçar tal fixação. Nada muda nesse estado de coisas, se então é realizado na fantasia o que malogrou na realidade, se nas situações fantasiosas conducentes à satisfação onanista os objetos sexuais originais são substituídos por outros. As fantasias se tornam, com essa substituição, capazes de chegar à consciência, e nenhum progresso se efetua na real alocação da libido. (FREUD, 1912/2013, p. 351)

A ideia das fantasias masturbatórias como contribuição para uma fixação se expande e fica mais estruturada. Freud aprofunda a fixação na puberdade e a substitui pela fixação na infância, na vivência do Complexo de Édipo. As fantasias masturbatórias ainda são um fator importante, mas a excitação causada pelo objeto primário e a dificuldade de se conseguir um substituto, tornam-se mais determinantes para Freud.

Nesse trecho, que demonstra uma mudança em relação ao texto anterior, vemos que Freud dá mais importância à parte inconsciente das fantasias masturbatórias, vinculadas diretamente à vivência edípica. A fixação se estrutura na situação edípica dos quatro anos e não na puberdade. A demonstração desse aprofundamento teórico baseia-se no fato das fantasias masturbatórias poderem se tornar conscientes, através da substituição dos primeiros objetos

sexuais, porém, no mundo interno, a libido não avançaria, ela continuaria fixada nos objetos edípicos. Isso determina o papel coadjuvante das fantasias masturbatórias em relação a fixação.

Para finalizar o texto, Freud descreve o que acontece em casos extremos: “(...) pode ocorrer que toda a sensualidade de um jovem seja ligada no inconsciente a objetos incestuosos, ou, como também podemos dizer, seja fixada em fantasias inconscientes incestuosas.” (FREUD, 1912/2013, p. 351)

O Debate de 1912 e o Complexo de Castração (1912 - 1939)

O texto *O debate sobre a masturbação* poderia ser o texto de maior importância sobre o tema, mas infelizmente traz poucas novidades. Depois desse texto, o tema da masturbação perde força. Nos 27 anos finais da vida de Freud, ele somente menciona o tema da masturbação algumas vezes. O desenvolvimento teórico feito nessa época é a estruturação da masturbação com o complexo de castração.

O debate sobre a masturbação (1912)

Após os três primeiros subcapítulos, chegamos ao texto *O debate sobre a masturbação* de 1912, resultante de uma série de debates ocorridos na Sociedade Psicanalítica de Viena. As conversas incluíram os 14 membros e os encontros duraram nove noites, entre 22 de novembro de 1911 e 24 de abril de 1912.

Decorridos quase sete anos desde *Os Três ensaios* e, com a conceituação do Complexo de Édipo fortificada, alguns temas relativos aos subcapítulos anteriores são revisados. Sobre o debate, nem todas as opiniões dos associados estavam de acordo com as ideias de Freud. Logo no início, o texto contém um resumo dos pontos cruciais do debate:

Permitam-me que lhes apresente uma síntese sobre os pontos em que parecemos estar de acordo ou em desacordo:

Todos estariam de acordo em relação:

- a) a importância da fantasia que acompanha ou representa o ato masturbatório;
- b) a importância do sentimento de culpa ligado à masturbação, qualquer que seja a sua origem;
- c) a impossibilidade de indicar um determinante qualitativo para a nocividade da masturbação (nisto o acordo não é unânime.)

Diferenças de opinião não resolvidas apareceram:

- a) quanto à negação do fator somático nos efeitos da masturbação;
 - b) quanto à rejeição da nocividade da masturbação;
 - c) quanto à origem do sentimento de culpa, que alguns dos senhores acham que advém diretamente da insatisfação, e outros levam em consideração fatores sociais ou postura da personalidade no momento;
 - d) quanto à ubiquidade da masturbação infantil.
- Por fim, subsistem consideráveis *incertezas* quanto:
- a) ao mecanismo do efeito nocivo da masturbação, caso este se verifique;
 - b) à relação etiológica da masturbação com as neuroses atuais. (FREUD, 1912/2010, p. 243)

Apesar de esse ser o único texto que se propõe a tratar mais amplamente do tema da masturbação, já trazendo o tema no título, ele não traz nenhuma novidade ou aprofundamento além do que já foi feito até aqui. Nas palavras de Freud:

Não tenho nada de novo a oferecer, nenhuma nova solução, apenas algumas repetições de coisas que afirmei antes, algumas palavras em defesa dessas antigas colocações, contra ataques do meio psicanalítico, e também umas poucas observações, que ocorreriam a um ouvinte de suas comunicações. (FREUD, 1912/2010, p. 244)

Iniciando as recapitulações sobre a masturbação, Freud escreve que continua diferenciando a masturbação em três fases:

- 1) masturbação do lactente, incluindo todas as atividades autoeróticas que servem à satisfação sexual; 2) a masturbação infantil, que, originando-se diretamente da anterior, já se fixa em determinadas zonas erógenas; e 3) a masturbação da puberdade, que ou se segue imediatamente à masturbação infantil ou dela é separada pelo período de latência. (FREUD, 1912/2010, p. 244)

Essa divisão já havia sido feita nos *Três ensaios*, mas em 1905 ela não estava tão bem delimitada. Ela só aparece com mais clareza nos *Três ensaios*, após a revisão de 1915, ou seja, após a escrita desse texto.

Essa divisão em fases recebeu críticas, mas sua ausência levaria, segundo Freud, a generalizações que não abrangeriam toda a problemática teórica, a qual exige uma diferenciação do desenvolvimento masturbatório em três fases distintas.

A contraposição a esse pensamento poderia ser feita em relação à masturbação feminina, que Freud lamenta não ter desenvolvido tanto: “Também lamentei o fato de não termos podido considerar a masturbação feminina tanto quanto a masculina, e acho que ela bem merece um estudo especial, e que justamente nela há um destaque das modificações determinadas pela idade.” (FREUD, 1912/2010, p. 244/245)

Outra crítica ocorrida no debate é sobre a passagem da masturbação do lactante para a primazia dos genitais:

Passo agora às objeções, levantadas por Reitler, contra meu argumento teleológico sobre a ubiquidade da masturbação do lactente. Reconheço que esse argumento deve ser abandonado. Se os *Três ensaios de uma teoria da sexualidade* vierem a ter uma nova edição, ela não mais incluirá a afirmação criticada. Deixarei de querer adivinhar as intenções da natureza e me satisfarei com a descrição dos fatos. (FREUD, 1912/2010, p. 245)

Nos *Três ensaios*, até a edição de 1910, estava escrito: “(...), não poderemos ignorar a intenção da natureza de, mediante o onanismo do bebê, ao qual praticamente nenhum indivíduo escapa, estabelecer a futura primazia dessa zona erógena na atividade sexual. (FREUD, 1905/2016, p. 94). E, em 1915, Freud mudou para: “(...), não poderemos fugir à concepção de que mediante o onanismo do bebê, ao qual praticamente nenhum indivíduo escapa, é estabelecida a futura primazia dessa zona erógena na atividade sexual. (FREUD, 1915/2016, p. 94).

Reitler questionou a genitalidade enquanto natureza. Na primeira citação, a natureza causa a primazia dos genitais. Na segunda citação, alterada após a crítica de Reitler, a masturbação do lactante causa a primazia dos genitais. A pergunta que ecoou é: Como ocorre a primazia dos genitais? Ela é natural ou construída quando se é bebê?

Sobre as neuroses, Freud mantém a teoria de que existem as psiconeuroses e as neuroses atuais. Em relação à etiologia das neuroses atuais, a masturbação continua sendo a geradora da neurastenia. A atualização sobre esse tema está na relação que Freud faz entre neuroses atuais e psiconeuroses:

Minha concepção é ainda aquela a que cheguei mais de quinze anos atrás: de que as duas neuroses atuais - neurastenia e neurose de angústia (talvez a hipocondria propriamente dita deva ser considerada a terceira neurose atual) - demonstram complacência somática pelas psiconeuroses, fornecem o material

excitatório que é então selecionado e travestido psiquicamente, de modo que, falando em termos gerais, o núcleo do sintoma psiconeurótico - o grão de areia no centro da pérola - é constituído por uma manifestação sexual somática. (FREUD, 1912/2010, p. 246/247)

Nesse trecho, Freud correlaciona as neuroses atuais e as psiconeuroses. As neuroses atuais seriam o grão de areia e as pérolas seriam as psiconeuroses. Mantendo a metáfora, a passagem do grão de areia em pérola seriam as simbolizações. A neurose atual seria uma força bruta e a psiconeurose seria uma força fragmentada, já que incluiriam as simbolizações:

O essencial de minha teoria sobre as neuroses atuais, que formulei no passado e defendo hoje em dia, está na afirmação, apoiada em experimento, de que não podemos decompor analiticamente seus sintomas, como fazemos com os psiconeuróticos. Ou seja, que a obstipação, a dor de cabeça, o cansaço dos assim chamados neurastênicos não admitem ser referidos histórica ou simbolicamente a vivências efetivas, não podem ser entendidos como satisfações sexuais substitutivas, como compromissos entre impulsos opostos, diferentemente dos sintomas psiconeuróticos (que às vezes parecem de igual natureza). (FREUD, 1912/2010, p. 248)

A única mudança nesse texto é que Freud reconhece que uma análise psicanalítica pode trazer resultados positivos em relação as neuroses atuais:

Por outro lado, hoje admito o que então não podia acreditar, que um tratamento analítico pode ter influência curativa indireta sobre os sintomas “atuais”, ou fazendo com que os malefícios atuais sejam mais bem suportados, ou pondo o indivíduo enfermo em condição de subtrair-se a tais malefícios atuais, através de mudança do regime sexual. Estas são, sem dúvida, perspectivas desejáveis para o nosso interesse terapêutico. (FREUD, 1912/2010, p. 248)

O último tópico discutido no texto é sobre a nocividade da masturbação. Atravessado pelos pensamentos desenvolvidos até o momento, da neurastenia, da masturbação na origem da sexualidade e das fantasias que a acompanham, Freud considera que os danos da masturbação podem ocorrer de três formas:

a) *organicamente*, por um mecanismo desconhecido, em que devem ser levadas em conta as considerações acerca de imoderação e satisfação inadequada, (...);

b) pelo estabelecimento de um *padrão psíquico*, na medida em que não se tem de buscar a modificação do mundo externo para satisfazer uma grande necessidade;

c) ao possibilitar a *fixação de metas sexuais infantis* e a permanência no infantilismo psíquico. (FREUD, 1912/2010, p.251)

Freud não aprofunda em nenhum dos danos mencionados, porém podemos fazer algumas relações com o que já foi escrito. O item “a” se relaciona diretamente à neurastenia, associando-se à “imoderação e à satisfação inadequada”. O item “b” pode se relacionar ao que é desenvolvido no texto *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*, sobre a sexualidade ser modelar: “(...), ensinando a alcançar metas significativas sem esforço, por vias cômodas, em vez de mediante enérgica aplicação de força — conforme o princípio de que a sexualidade é *modelar* para o comportamento” (FREUD, 1908/2015, p. 384). Ou seja, a sexualidade é a matriz do comportamento da pessoa. Como citado anteriormente, Freud escreve:

O comportamento sexual de uma pessoa é, com frequência, *modelar* para todas as suas outras formas de reação na vida. Se um homem conquista energeticamente seu objeto sexual, acreditamos que terá a mesma inconsiderada energia na perseguição de outras metas. Se um outro, por considerações diversas, renuncia à satisfação de seus fortes instintos sexuais, também em outras áreas ele será antes conciliador e resignado do que ativo. (FREUD, 1908/2015, p. 382)

Para finalizar, tanto o item “b” quanto o item “c”, podem se vincular a uma fixação edípica incestuosa. Essa ideia é trabalhada no texto *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa*, do mesmo ano. Esse texto foi trabalhado algumas páginas acima, no final do subcapítulo *Fantasias e Complexo de Édipo (1908 - 1912)*. Nele, Freud teoriza a masturbação como um dos fatores que dificulta a quebra da fantasia pelo mundo externo. Assim como nesse texto, o tema da fantasia também é abordado no *Debate de 1912* como um “impossibilitador” de progresso:

Tenhamos presente o significado que a masturbação adquire como execução da fantasia, esse domínio que se interpôs entre a vida conforme o princípio do prazer e aquela conforme o princípio da realidade, como a masturbação possibilita realizar, na fantasia, manifestações sexuais e sublimações que não

são progressos, mas apenas compromissos nocivos. (FREUD, 1912/2010, p.251/252)

Wilhelm Stekel adverte Freud que essas condições, classificadas como danosas, podem tornar “inofensivas graves inclinações perversas e afasta as piores consequências da abstinência.” (FREUD, 1912/2010, p.252). Freud concorda que: “Uma certa diminuição da potência masculina, e do ânimo brutal a ela relacionado, é bastante útil culturalmente.” (FREUD, 1912/2010, p.252), entretanto Freud reitera a Stekel que: “em bom número de casos ela pode se revelar apenas aparente.” (FREUD, 1912/2010, p.252)

As possibilidades de danos apresentados aqui, são danos diretos da masturbação, os danos indiretos que derivam “*indiretamente* da resistência e revolta do Eu contra essa atividade sexual. Essas últimas consequências não cheguei a abordar aqui.” (FREUD, 1912/2010, p.253)

Sobre o tema da nocividade da masturbação, Annie Reich, em seu artigo intitulado *The Discussion of 1912 on Masturbation and Our Present-Day Views* (1951), escreve como a influência das neuroses atuais enturvou parte da discussão:

Sob a influência da concepção freudiana da neurastenia como resultado da masturbação, a discussão de 1912 foi em grande parte ofuscada pela ideia da nocividade da masturbação, embora o próprio Freud e outros sentissem que esse não era um ponto de partida justificável cientificamente. (REICH, 1951, p. 83, tradução nossa)¹⁶

Ainda dissertando sobre as nocividades, Annie Reich escreve sobre a questão da fixação do infantilismo ocasionando uma dificuldade de se relacionar com objetos. Suas ideias são uma extensão dos itens “b” e “c” apresentados acima, de como as fantasias podem causar fixações que impedem o desenvolvimento libidinal:

A masturbação não requer esforço; nenhuma tentativa de encontrar um companheiro precisa ser feita, nenhuma agressão precisa ser mobilizada para superar dificuldades. A agressividade normal e o ajustamento normal à realidade são retardados. Imagens de fantasia idealizadas são preservadas, contra as quais nenhum objeto real pode corresponder, e que não passam de objetos incestuosos levemente disfarçados. A passagem dos objetos de fantasia

¹⁶ No original: “Under the influence of Freud's conception of neurasthenia as resulting from masturbation, the Discussion of 1912 was to a large extent overshadowed by the idea of the harmfulness of masturbation, although Freud himself, and others, felt that this was not a scientifically justifiable starting point.”

para os objetos de realidade não é feita, e a realidade em geral não precisa ser totalmente aceita. As fixações infantis não precisam ser abandonadas. Também, desse modo, a masturbação se assemelha a um círculo vicioso: as inibições impedem que se tornem objetos reais. Por outro lado, a masturbação é um foco de infantilismo; um deslizamento para cada vez mais fantasias infantis é facilitado por isso. (REICH, 1951, p. 87, tradução nossa)¹⁷

Freud encerra as considerações finais do *Debate de 1912* mostrando a abrangência inesgotável do tema: "Mas acho melhor pararmos aqui. Afinal, todos concordamos em que esse tema é quase inesgotável." (FREUD, 1912/2010, p. 254).

A discussão completa, com os 14 membros, foi publicada no livro *Die Onanie. 14 Beiträge zu einer Diskussion der Wiener Psychoanalytischen Vereinigung* [O onanismo. 14 contribuições para uma discussão da Associação Psicanalítica de Viena], Wiesbaden, 1912. Entretanto, além do alemão, o livro nunca foi traduzido para outros idiomas. Posteriormente alguns textos contidos nessa obra foram traduzidos e publicados em revistas ou livros, por exemplo o texto de Sandor Ferenczi foi publicado em suas obras completas e o texto de Victor Tausk foi publicado na revista *The Psychoanalytic Study of the Child* N°6 (1951).

Depois do *Debate*, Freud somente retorna ao tema da neurastenia em dois momentos: no texto *Conferências introdutórias à psicanálise*, em 1917 e no texto "*Autobiografia*" de 1925.

No trecho tirado das *Conferências introdutórias à psicanálise*, na qual Freud apresenta sua teoria a um novo público de médicos, ele expõe a vinculação direta da masturbação a um tipo de satisfação incompleta:

Naquele tempo, cheguei mesmo a estabelecer relações específicas entre certas formas de neurose e determinadas práticas sexuais nocivas, e não duvido que minhas observações se repetissem hoje, caso os doentes me oferecessem material semelhante. Com bastante frequência, verifiquei que um homem que se contentava com certo tipo de satisfação sexual incompleta — a masturbação, por exemplo — padecia de determinada forma de neurose atual, e que essa

¹⁷ No original: "Masturbation requires no effort; no attempt to find a mate need be made, no aggression mobilized to overcome difficulties. Normal aggressiveness and normal adjustment to reality are retarded. Idealized fantasy images are preserved, to which no object in reality can live up, and which are but the lightly disguised incestuous objects. The step from fantasy objects to reality objects is not made, and reality in general need not be fully accepted. Infantile fixations need not be relinquished. In this way, too, masturbation resembles a vicious circle: inhibitions prevent turning to real objects. On the other hand, masturbation is a hotbed for infantilism; a gliding into more and more infantile fantasies is made easier by it."

neurose prontamente dava lugar a outra, caso ele trocasse seu regime sexual por outro igualmente repreensível. Podia, assim, depreender da mudança no estado do doente a variação ocorrida em sua vida sexual. (FREUD, 1917/2014, p. 511)

A causa da neurastenia pensada por Freud é o excesso de masturbação, porém nesse trecho, essa vinculação não é mencionada explicitamente. Desde o início, é explícita a ligação entre neurastenia e sua causa: a masturbação, porém nesse trecho, essa vinculação aparece atenuada. Freud enfatiza mais a satisfação sexual incompleta, cabendo à masturbação em si um papel intermediário. Ele destaca que a satisfação sexual incompleta leva a várias repetições das atividades masturbatórias, gerando a fadiga; motivo pelo qual, recomendava a relação sexual, onde haveria uma completa liberação da potência sexual.

Até essa passagem, a vinculação da masturbação com a satisfação sexual incompleta era opaca. Freud havia mencionado a satisfação sexual incompleta mais vinculada à neurose de angústia, sendo a masturbação relacionada à insuficiência psíquica.

Ainda nas *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud também retoma a ideia do grão de areia no centro da pérola, sendo as neuroses atuais o grão de areia e a pérola, as psiconeuroses.

Uma relação digna de nota entre os sintomas das neuroses atuais e das psiconeuroses oferece-nos outra importante contribuição para o estudo da formação dos sintomas nestas últimas. O sintoma da neurose atual é, com frequência, o núcleo e estágio preliminar do sintoma psiconeurótico. Uma relação desse tipo pode ser observada da maneira mais nítida entre a neurastenia e a neurose de transferência a que se dá o nome de “histeria de conversão”, entre a neurose de angústia e a histeria de angústia, mas também entre a hipocondria e aquelas formas que mais adiante serão mencionadas sob os nomes de parafrenia (*dementia praecox* e paranoia). (FREUD, 1917/2014, p. 517/518)

Nesse trecho, Freud relaciona a neurastenia como núcleo (grão de areia) e a histeria de conversão como a pérola, pois ambas convergem para o corpo. Freud não havia escrito essa correlação até esse trecho e infelizmente ele não aprofunda a ideia.

O último texto em que é mencionado a relação da neurastenia e da masturbação é na “*Autobiografia*” (1925). Ao repassar a história de seus desenvolvimentos teóricos, Freud escreve:

Num deles, o fenômeno central era o ataque de angústia com seus equivalentes, suas formas rudimentares e sintomas substitutivos crônicos; por isso chamei-o *neurose de angústia*. Reservei para o outro tipo a denominação de *neurastenia*. Nesse ponto foi fácil constatar que cada um deles tinha uma anormalidade da vida sexual como fator etiológico (*coitus interruptus*, excitação frustrada, abstinência sexual, num caso; masturbação excessiva, poluções frequentes, no outro). Em alguns casos particularmente instrutivos, em que houve surpreendente mudança de um tipo para outro no quadro clínico, foi possível mostrar que tinha havido uma alteração correspondente no regime sexual. Conseguindo-se pôr termo ao abuso e substituí-lo por uma atividade sexual normal, a recompensa era uma notável melhora da condição.

Assim fui levado a perceber as neuroses, de maneira bastante geral, como distúrbios da função sexual; as chamadas neuroses atuais como expressão tóxica direta e as psiconeuroses como expressão psíquica desses distúrbios. (FREUD 1925/2011, p. 100)

Na página seguinte, concluindo o tema das neuroses atuais, Freud escreve:

Depois não tive oportunidade de retomar a investigação sobre as neuroses atuais, nem outros estudiosos prosseguiram com essa parte de meu trabalho. Se hoje lanço um olhar a meus resultados de então, vejo-os como as primeiras, cruas esquematizações de algo provavelmente muito mais complicado. Mas no conjunto me parecem corretos ainda hoje. Eu bem gostaria de ter submetido ao exame psicanalítico outros casos de neurastenia juvenil pura; infelizmente não houve ocasião para isso. Para evitar incompreensões, quero enfatizar que está longe de mim negar a existência do conflito psíquico e dos complexos neuróticos na neurastenia. Afirmo apenas que os sintomas desses doentes não são determinados psicologicamente nem podem ser removidos pela análise, que têm de ser vistos como consequências tóxicas diretas do quimismo sexual perturbado. (FREUD 1925/2011, p. 101)

Essa passagem finaliza o tema da neurastenia. Freud não continua seus estudos, mas em nenhum momento nega a existência das neuroses atuais. Ele constata que se trata de um tema mais complexo, sobre o qual só havia iniciado uma teoria. Em 1925, ou seja, depois das ideias da pulsão de morte e da segunda tópica, Freud ainda pensava nas neuroses atuais, apesar de não

escrever mais a respeito. Finalizamos esse subcapítulo com uma passagem em que Paul Federn menciona que Freud ainda teorizava sobre as neuroses atuais em 1928: “Federn relatou que quando o tema da neurose atual foi rediscutido em 1928 num círculo privado em Viena, Freud observou que as neuroses atuais e psiconeuroses tinham origens diferentes” (REICH, 1951, p. 81, tradução nossa)¹⁸

Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)

Em 1914 e 1915, Freud escreve os textos metapsicológicos, mas não menciona a masturbação nenhuma vez. O tema retorna somente em 1916 nas *Conferências introdutórias à psicanálise*. Nelas, Freud retoma o simbolismo de “arrancar o dente” em sonhos, que já havia sido relacionado como significando o ato masturbatório (FREUD, 1900/2019, p. 437). Dezesesseis anos após *A interpretação dos sonhos*, ele amplia as possibilidades, considerando que a masturbação pode ser simbolizada nos sonhos como tocar piano, deslizar, escorregar, quedas e arrancar um galho (FREUD, 1916/2014, p. 211). E, o mais importante, ele amplia sua significação incluindo a castração:

A expressão “arrancar um galho” [*das Abreißen eines Astes*], como representação simbólica para a masturbação, não se revela apenas em concordância com designações vulgares para o ato masturbatório, mas possui também paralelos mitológicos. Particularmente curiosa, no entanto, é a representação da masturbação — ou melhor, do castigo para tanto: a castração — mediante a queda ou a extração de dentes, porque encontramos para isso uma contrapartida etnológica que pouquíssimos sonhadores hão de conhecer. Não me parece haver dúvida de que a circuncisão, praticada por tantos povos, é um equivalente e um substituto da castração. Relatam-nos agora que certas tribos primitivas australianas praticam a circuncisão como rito de passagem à puberdade (para festejar a virilidade do jovem), ao passo que outras, vivendo bem próximas das primeiras, substituem esse ato pela extração de um dente. (FREUD, 1916/2014, p. 223)

O simbolismo da extração de dente é ressignificada como castigo ocasionado pelo prazer masturbatório: a castração. Freud dá um exemplo de sonho em que essa simbologia ocorre. Um jovem sonha que: “*O pai está morto, mas foi exumado e sua aparência é ruim.*

¹⁸ No Original: “Federn reported that when the topic of actual neurosis was rediscussed in 1928 in a private circle in Vienna, Freud remarked that actual neuroses and psychoneuroses were of different origin”

Desde então, segue vivendo, e o sonhador faz de tudo para que o pai não o perceba.” (FREUD, 1916/2014, p. 253). Logo após o enterro do pai, o jovem começa a ter uma dor de dente. Ele vai ao dentista para extrair o dente, porém é necessário “matar” o dente e somente após três dias é que se pode arrancá-lo.

O significado desse sonho, se constrói pela hostilidade do jovem em relação pai. Essa hostilidade ocorre porque nos primeiros anos e na puberdade, o pai se opôs à atividade sexual do jovem. Nas palavras de Freud: “Em seu amor por ele misturam-se respeito e medo, vindos da intimidação sexual prematura.” (FREUD, 1916/2014, p. 256)

Freud, então, constrói a interpretação do sonho, unindo prazer e medo, desejo e castração:

O complexo da masturbação explica, então, as demais frases do sonho manifesto. Se, por um lado, “sua aparência é ruim” faz alusão a outra fala do dentista — que afirma resultar ruim a aparência quando se perde um dente naquela posição —, por outro, a frase se refere também à “aparência ruim” por meio da qual o jovem na puberdade trai, ou receia trair, sua atividade sexual exagerada. No sonho manifesto, o sonhador, não sem sentir alívio, transfere a aparência ruim de si para o pai, uma das inversões do trabalho do sonho conhecida dos senhores. “Ele segue vivendo” coincide tanto com o desejo de trazer o pai de volta à vida como com a promessa do dentista de poupar o dente. Bastante refinada é a oração “o sonhador faz de tudo *para que o pai não o perceba*”, assim construída para nos levar a complementar: não perceba “que está morto”. Mas o único complemento que faz sentido resulta, mais uma vez, do complexo da masturbação, em que é natural que o jovem tudo faça para ocultar do pai sua vida sexual. Lembrem-se, por fim, de que sempre devemos interpretar os chamados “sonhos com estímulo dentário” com referência à masturbação e ao medo do castigo decorrente dessa prática. (FREUD, 1916/2014, p. 256/257)

A única vez que Freud utiliza a expressão *complexo da masturbação* é nesse trecho. Nele, prazer sexual e medo da castração se misturam, simbolizados na extração de dente. Essa vinculação parece ser o início da união do complexo de Édipo ao complexo de castração, tornando-se quase uma só coisa.

Em seguida, ainda nas *Conferências*, Freud retorna ao tema do desenvolvimento das fases psicosssexuais e das subordinações as zonas orais, anais e genitais. Após passar pelas fases oral e anal, Freud adentra a teoria da fase genital (a fase fálica só foi desenvolvida em 1923):

Permitam-me, então, dar prosseguimento a meu sucinto quadro da sexualidade infantil. O que falei acerca de dois sistemas de órgãos [de alimentação e excreção], eu poderia complementar levando em conta os demais. A vida sexual da criança se esgota nas atividades de uma série de instintos parciais que, independentemente um do outro, buscam obter prazer em parte no próprio corpo, em parte já no objeto exterior. Entre os órgãos, a genitália se destaca rapidamente; há pessoas nas quais a obtenção de prazer com seu próprio órgão genital, sem o auxílio de outra genitália ou objeto, se estende sem interrupção desde a masturbação do lactente até a masturbação por necessidade da época da puberdade, prosseguindo ainda por tempo indeterminado. De resto, o tema da masturbação não admitiria discussão tão breve: trata-se de um assunto que demanda consideração de muitos ângulos. (FREUD, 1917/2014, p. 420/421)

Nesse trecho, não há nenhuma novidade teórica que não tenha sido apresentada nos *Três ensaios*. Apesar disso, há duas passagens que precisam ser destacadas. A primeira é a palavra “necessidade” em relação a masturbação na puberdade. Freud não aprofunda na ideia, porém verifica-se que a masturbação na puberdade é uma demanda, uma necessidade; ou seja, trata-se de algo que está além da vontade. O segundo destaque é a última frase do trecho. Nele, vemos a importância que Freud dava ao tema da masturbação, sabendo da extensão e dos vários ângulos que o assunto demanda.

"Batem Numa Criança": Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais.
(1919)

Lembremo-nos que no *Debate de 1912*, ficaram alguns pontos não resolvidos sobre o sentimento de culpa relativo à masturbação:

Permitam-me que lhes apresente uma síntese sobre os pontos em que parecemos estar de acordo ou em desacordo:

Todos estariam de acordo em relação:

(...)

b) a importância do sentimento de culpa ligado à masturbação, qualquer que seja a sua origem;

(...)

Diferenças de opinião não resolvidas apareceram:

(...)

c) quanto à origem do sentimento de culpa, que alguns dos senhores acham que advém diretamente da insatisfação, e outros levam em consideração fatores sociais ou postura da personalidade no momento;
(FREUD, 1912/2010, p. 243)

Por que a masturbação é tão conectada ao sentimento de culpa? Qual a origem da culpa? Por que a masturbação traz um sentimento mais culposo que o ato sexual em si?¹⁹ Essas questões ficaram sem explicação no *Debate de 1912*.

Somente em 1919, no texto "*Batem Numa Criança*": *Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*, Freud consegue desenvolver as respostas para as perguntas acima. Nele, Freud escreve que conseguiu "resolver um antigo enigma" (FREUD, 1919/2010, p. 315).

Recapitulando o tema das fantasias masturbatórias, elas são conscientes na infância, depois são reprimidas e se tornam inconscientes. Quando se chega na puberdade ou fase adulta, as fantasias masturbatórias são adaptadas e se tornam conscientes novamente. Entretanto, mesmo na fase adulta ou na puberdade, as fantasias inconscientes têm influência nos pensamentos. Nas palavras de Freud: "(...), inclinamo-nos a supor que a masturbação esteve primeiramente sob o domínio de fantasias inconscientes, que depois foram substituídas por conscientes." (FREUD, 1919/2010, p. 310).

Freud, então, relaciona as fantasias masturbatórias inconscientes ao sentimento de culpa e conclui:

Ainda recentemente, até mesmo Bleuler viu como notável e inexplicável que os neuróticos façam da masturbação o ponto central de sua consciência de culpa. Desde sempre supomos que ela diz respeito à masturbação da primeira infância, não à da puberdade, e que não deve ser relacionada, em sua maior parte, ao ato masturbatório, mas à fantasia que, embora inconsciente, está na base dele - vinda do complexo de Édipo, portanto. (FREUD, 1919/2010, p. 315)

A resposta para o enigma da culpa se encontra nas fantasias inconscientes que acompanham os atos masturbatórios. Eles têm como base a vivência edípica, desse modo fantasia e sentimento de culpa se conectam em uma só resposta.

¹⁹ Alexander Lowen faz um relato sobre esse fato em seu livro *Amor e Orgasmo*: "É comum nos consultórios psiquiátricos os pacientes relatarem culpa durante a masturbação, mas não durante o ato sexual." (LOWEN, 1988, p. 17)

Essa é uma das grandes descobertas de Freud, a masturbação neurótica sempre vem acompanhada de um sentimento de culpa, muitas vezes mais culpa do que na própria relação sexual. O motivo para isso não é o ato masturbatório em si, mas o fato de a masturbação vir acompanhado de fantasias inconscientes de cunho incestuoso, ou seja, o sentimento de culpa vem das fantasias e não do ato masturbatório.²⁰

A dissolução do Complexo de Édipo (1924)

Em 1924 foi escrito o texto *A dissolução do Complexo de Édipo*. Nesse texto, Freud relaciona novamente o tema da masturbação ao da castração. A novidade é que no ano anterior foi publicado o texto *A organização genital infantil* (1923), e nele é teorizado pela primeira vez a fase fálica. Nessa fase, que ocorre concomitantemente ao complexo de Édipo, para a criança só existe um genital: o pênis. Desse modo, conclui-se que os meninos têm pênis e as meninas não têm pênis (o que é diferente de terem uma vagina). Essa ideia já havia sido enunciada, porém, somente em 1923 que ela é conceituada como uma fase de desenvolvimento infantil.

No período edipiano, a criança manipula seus genitais e os adultos a reprovam por esse comportamento:

Quando a criança (o garoto) dirige seu interesse para o genital, revela isso pela frequente manipulação do mesmo, e então descobre que os adultos não aprovam seu comportamento. De modo mais ou menos claro, com maior ou menor rudeza, surge a ameaça de que lhe roubarão essa parte do corpo que ele tanto estima. Geralmente a ameaça de castração vem de mulheres; com frequência elas buscam reforçar sua autoridade invocando o pai ou o médico, que, segundo afirmam, executará o castigo. Em certo número de casos as próprias mulheres fazem uma atenuação simbólica da ameaça, ao dizer que o

²⁰ Annie Reich mostra como a culpa em 1912 não era clara, porém foi Vitor Tausk que fez prenúncios do que seria futuramente o conceito do Supereu: “In 1912, there was a general opinion that the origin and intensity of the guilt feelings could not be ascribed to the attitude of the environment alone and were not fully explainable. Only one of the authors connected the guilt feeling with the internalized figure of the father, thus anticipating Freud's concept of the superego. This was Victor Tausk, whose contribution appears in many respects the most brilliant. We still agree with his formulation, and would say that the guilt feelings are caused by the underlying oedipal fantasies. They are the expression of the conflict between the superego and infantile sexuality. [Em 1912, havia uma opinião geral de que a origem e a intensidade dos sentimentos de culpa não podiam ser atribuídas apenas ao ambiente e não eram totalmente explicáveis. Apenas um dos autores relacionou o sentimento de culpa com a figura internalizada do pai, antecipando assim o conceito de superego de Freud. Esse foi Victor Tausk, cuja contribuição parece, em muitos aspectos, a mais brilhante. Nós ainda concordamos com a sua formulação e diríamos que os sentimentos de culpa são causados pelas fantasias edípicas subjacentes. Eles são a expressão do conflito entre o superego e a sexualidade infantil.]” (REICH, 1951, p. 85, tradução nossa)

genital, propriamente passivo, não será eliminado, mas sim a mão, que pecou ativamente. (FREUD, 1924/2011, p. 206)

Até o presente momento não há novidades teóricas. Seguindo o texto, Freud amplia o pensamento da ameaça de castração. Ele escreve que ela pode ocorrer quando a criança molha o leito:

Com muita frequência o menino não é ameaçado de castração por brincar manualmente com o pênis, mas por molhar a cama todas as noites e não poder ser conservado limpo. As pessoas que dele cuidam agem como se a incontinência noturna fosse consequência e prova de uma excessiva ocupação com o pênis, e provavelmente estão certas. Em todo caso, a persistência em molhar a cama deve ser equiparada à poluição do adulto, exprimindo a mesma excitação genital que impeliu o garoto a se masturbar nessa época. (FREUD, 1924/2011, p. 206)

Nesse trecho, Freud teoriza que a ameaça de castração pode ser feita de modo indireto. De qualquer modo, a ameaça de castração, sendo ela direta ou indireta completa-se quando a criança descobre a diferença sexual, que alguns têm pênis e outros não. Nesse registro de presença e ausência do pênis, a ameaça de castração se torna real.

Essa passagem é importante, pois a teorização da fase fálica no desenvolvimento psicosssexual infantil, universaliza o complexo de castração, independentemente de haver ocorrido uma ameaça direta ou indireta. Nas palavras de Freud:

O que afirmo agora é que a organização genital fálica da criança sucumbe devido a essa ameaça de castração. Não de imediato, certamente, e não sem que outras influências contribuam para isso. Pois inicialmente o garoto não acredita nem obedece à ameaça. (...)

A observação que finalmente desfaz a incredulidade do garoto é a do genital feminino. Em algum momento, o menino orgulhoso de possuir um pênis vê a região genital de uma menina e tem de se convencer da falta do pênis, num sertão semelhante a ele. Com isso também a perda do próprio pênis se torna concebível, a ameaça de castração tem efeito a posteriori. (FREUD 1924/2011, p. 207)

A consciência do genital feminino é o principal fator para que ocorra o complexo de castração. Boa parte dessas teorizações já haviam sido enunciadas, principalmente nos casos clínicos, porém, agora, as teorizações estão mais estruturadas e universalizadas.

Nesse momento surge uma dúvida: Como o complexo de castração se une ao complexo de Édipo? E como isso ecoará na temática da masturbação?

Não podemos ser míopes como a pessoa que cuida da criança e a ameaça de castração, não devemos ignorar que a vida sexual do garoto não se esgota na masturbação nessa época [referência a ameaça de castração ser maior que uma promessa de punição a masturbação]. Pode-se demonstrar que ele se acha na atitude edípica ante seus pais, a masturbação é apenas a descarga genital da excitação sexual própria do complexo, e em todas as épocas posteriores deverá sua importância a tal relação. (FREUD, 1924/2011, p. 207/208)

A vivência edípica é o pilar central da masturbação, pois ele molda, e sempre estará na base, das fantasias masturbatórias. Porém, é a ameaça de castração que causará a repressão da masturbação infantil, juntamente com suas fantasias edípicas: “Admitir a possibilidade da castração, perceber que a mulher é castrada punha fim às (...) possibilidades de obter satisfação do complexo de Édipo.” (FREUD 1924/2011, p.208). O complexo de castração é o repressor do prazer edipiano.

A junção da ameaça de castração com o complexo de Édipo é muito importante no menino, pois a possibilidade de castração é o que determinará o início da dissolução do complexo de Édipo. Nas palavras de Freud:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo. (FREUD 1924/2011, p. 208).

Após esse conflito, inicia-se o período de latência, onde o desenvolvimento sexual da criança é interrompido. Nesse período, acontecem as identificações e introjeções das imagos parentais (Supereu). Essa estagnação no desenvolvimento sexual, assim como a formação do Supereu, reforçam a ideia sobre o papel da castração: “Eles justificam a afirmação de que o complexo de Édipo sucumbe à ameaça de castração.” (FREUD, 1924/2011, p. 210)

Conclui-se que, apesar do complexo de castração ter sido enunciado por Freud anteriormente, é através dessa estruturação final que ele se mostra como o grande “vilão” da masturbação (masculina). O prazer edípico, incluindo o fantasiar, é reprimido através da ameaça de castração. Finalizamos essa parte com uma pergunta: como o medo de castração e

culpa se entrelaçam? Como é feita a passagem do medo da ameaça de castração para a culpa pelo prazer edípico?

Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)

No texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, é destacada a masturbação feminina, que não trabalharemos nesta dissertação. Entretanto, a partir dos estudos do complexo de Édipo feminino, surgem questões sobre o complexo de Édipo masculino. No caso do menino o objeto de prazer é o mesmo desde o início (mãe), já na menina há uma passagem da mãe para o pai como objeto de desejo. Essa expansão teórica faz Freud questionar a naturalidade da passagem no menino, da masturbação genital autoerótica para o desejo pela mãe.

Freud inicia o texto com um resumo da trajetória feita até o momento, incluindo as recentes junções do complexo de Édipo e do complexo de castração:

Um outro elemento desse período [pré-história do complexo de Édipo no menino], elemento que me parece nunca faltar, é a atividade masturbatória com o genital, o onanismo da primeira infância, cuja supressão mais ou menos violenta, por parte dos que cuidam da criança, ativa o complexo de castração. Supomos que esse onanismo está ligado ao complexo de Édipo e constitui a descarga de sua excitação sexual. Não sabemos se ele tem esta ligação desde o princípio ou se aparece espontaneamente como atividade com um órgão, só depois vinculando-se ao complexo de Édipo; esta última possibilidade é a mais provável. Também discutível é o papel do hábito de urinar na cama e do combate a ele mediante a educação. Nós nos inclinamos à síntese singela de que urinar continuamente na cama é consequência da masturbação, a sua supressão é vista pelo garoto como uma inibição da atividade genital, ou seja, significando uma ameaça de castração, mas permanece em aberto se temos razão em cada um desses pontos. (FREUD, 1925/2011, p. 287)

Nesse trecho, temos um resumo sem novidades teóricas. Entretanto, em meio a recapitulação surge uma dúvida: Como se forma a junção da masturbação com o desejo edípico (primeiro objeto que não seja autoerótico)? Pois, como escreve Freud: “Em suma, a zona genital é descoberta de alguma maneira, e não parece justificado atribuir um conteúdo psíquico às primeiras atividades que a ela se relacionam.” (FREUD, 1925/2011, p. 290)

No parágrafo seguinte, Freud teoriza sobre a possibilidade de a criança haver presenciado o coito dos pais. Esse fato resolveria o enigma; porém, já sabendo a dificuldade de universalização dessa ideia, ele se apoia nas fantasias originárias/primordiais, que são transmitidas filogeneticamente (trataremos disso no subcapítulo *Fantasia em Freud*):

Por fim, a análise nos permite reconhecer vagamente que presenciar o coito dos pais, numa época muito tenra da infância, pode trazer a primeira excitação sexual e tornar-se, devido a seus efeitos posteriores, o ponto de partida para todo o desenvolvimento sexual. A masturbação, assim como as duas posturas do complexo de Édipo, liga-se mais tarde a esta impressão, subsequentemente interpretada. Mas não podemos supor que tais observações do coito sucedam regularmente, e deparamos com o problema das "fantasias primordiais". Portanto, na pré-história do complexo de Édipo do garoto há tudo isso também a ser esclarecido, a aguardar exame para decidirmos se há que supor sempre o mesmo desenrolar ou se estágios preliminares bem diferentes convergem para a mesma situação final. (FREUD, 1925/2011, p. 287/288)

As hipóteses de presenciar o coito dos pais e da transmissão filogenética, apesar de serem “saídas rasas”, como o próprio Freud indica na última frase do trecho acima, elas unem a masturbação genital ao desejo edípico pela mãe. Essas teorizações, mesmo que incipientes, permitem universalizar o complexo de Édipo e de castração

Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933)

32. Angústia e instintos

Nas *Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933)* ocorre uma repetição do que já foi dito no texto acima, 8 anos antes, sobre o complexo de castração e sobre as fantasias originárias:

Mas ainda não dissemos qual é o perigo real que a criança teme, como consequência de estar enamorada da mãe. É o castigo da castração, a perda do seu membro. Naturalmente vocês objetarão que este não é um perigo real. Nossos meninos não são castrados porque se acham apaixonados pela mãe na fase do complexo de Édipo. Mas a coisa não pode ser resolvida tão facilmente. Antes de tudo, não se trata de a castração ser realmente levada a efeito; o decisivo é que o perigo seja uma ameaça de fora, e que o garoto acredite nela. Ele tem algum ensejo para isso, pois frequentemente ameaçam cortar seu

membro durante a fase fálica, na época de seu primeiro onanismo, e alusões a esse castigo sempre devem encontrar um reforço filogenético nele. Supomos que na pré-história da família humana o pai cruel e ciumento praticava realmente a castração nos meninos em desenvolvimento, e a circuncisão, um dado tão frequente nos ritos de puberdade dos povos primitivos, seria um vestígio dela bastante reconhecível. Sabemos o quanto nos afastamos com isso da opinião geral, mas devemos insistir em que o medo da castração é um dos mais frequentes e poderosos móveis da repressão e, assim, da formação da neurose. Nossa convicção adquiriu um último grau de certeza com a análise de casos em que não a castração, é verdade, mas a circuncisão de garotos foi realizada como terapia ou castigo para a masturbação, o que não era raro na sociedade anglo-americana. (FREUD, 1933/2010, p. 231/232)

Freud atualiza sempre seus pensamentos incluindo seus novos avanços teóricos. Nesse trecho, ele reorganiza o complexo de castração, incluindo a teoria das fantasias filogenéticas. A partir dela, Freud consegue universalizar o complexo de castração. A única questão obscura nesse trecho é sobre a circuncisão ter sido usada como terapia; porém não há nenhuma outra citação sobre o assunto em sua obra.

Compêndio de psicanálise (1938)

No texto *Compêndio de psicanálise* (1938) é explicada a passagem do medo da masturbação frente a ameaça de castração para a culpa frente a desejos incestuosos. A cola que une essas etapas é feita pelas fantasias masturbatórias:

Os efeitos da ameaça de castração são múltiplos e imensuráveis, dizem respeito a todas as relações do menino com o pai e a mãe, e depois com os homens e as mulheres. Em geral, a masculinidade do garoto não suporta esse primeiro abalo. A fim de salvar seu órgão sexual, ele renuncia mais ou menos completamente à posse da mãe, com frequência sua vida sexual fica comprometida permanentemente por essa proibição. Se um forte componente feminino (como dizemos) está presente nele, adquire mais força com a intimidação da masculinidade. Ele entra numa atitude passiva ante o pai, a mesma postura que atribuí à mãe. É verdade que, devido à ameaça, ele abandonou a masturbação, mas não a atividade fantasiosa que a acompanha. Esta é cultivada mais até do que antes, por ser a única forma de satisfação sexual que lhe resta, e em tais fantasias ele ainda se identificará com o pai, mas simultaneamente — e talvez sobretudo — com a mãe. Derivados e produtos

modificados dessas primeiras fantasias masturbatórias costumam ingressar em seu Eu posterior e vão participar da formação de seu caráter. Além desse encorajamento de sua feminilidade, o medo e o ódio ao pai terão um grande aumento. A masculinidade do garoto como que retrocede para uma atitude desafiadora ante o pai, que dominará compulsivamente sua posterior conduta na sociedade humana. (FREUD, 1938/2018, p. 250/251)

Inicialmente, há uma ameaça de castração que faz o garoto suprimir suas atividades masturbatórias, porém as fantasias masturbatórias não são reprimidas concomitantemente, pelo contrário, sem o ato masturbatório, as fantasias se tornam mais fortes.

Através da renúncia da mãe e do abandono do ato masturbatório, ocorre a identificação com a mãe e com o feminino, juntamente com o período de crescimento das fantasias. Por isso Freud ressalta que as fantasias masturbatórias nessa época moldam o desejo, o Eu e o caráter.

Somente depois, com a introjeção do pai, representante do superego, ocorre uma dessexualização dos pais, o que permite que a culpa surja. Após esse desenvolvimento, o medo da castração e a culpa pelos desejos incestuosos se entrelaçam, culminando em conflitos inconscientes. Nas palavras de Freud:

Toda a experiência, com suas precondições e conseqüências — das quais nossa exposição pôde oferecer apenas algumas —, sucumbe a uma repressão extremamente enérgica, e, como admitem as leis do Id inconsciente, todos os impulsos emocionais e reações conflitantes entre si, que foram então ativados, ficam preservados no inconsciente, prontos para perturbar o futuro desenvolvimento do Eu após a puberdade. Quando o processo somático da maturação sexual reavivar as antigas fixações libidinais aparentemente superadas, a vida sexual se mostrará inibida, sem unidade, dividida em tendências conflitantes. (FREUD, 1938/2018, p. 251)

Freud finaliza esse texto quantificando a ameaça de castração: “É certo que nem sempre o impacto da ameaça de castração na nascente vida sexual do menino tem essas conseqüências temidas. Mais uma vez, dependerá de relações quantitativas a extensão dos danos causados.” (FREUD, 1938/2018, p. 252).

A cisão do Eu no processo de defesa (1938)

A penúltima menção do tema da masturbação está no texto *A cisão do Eu no processo de defesa* (1938). Nele, Freud escreve sobre uma possibilidade de defesa frente a ameaça de

castração. Essa defesa é a recusa psíquica, na qual culminará em um substituto do pênis na mulher, simbolicamente representado em um fetiche. Nas palavras de Freud:

A consequência habitual, e vista como normal, do pavor da castração, é que o garoto cede à ameaça, em obediência completa ou ao menos parcial — ao não passar mais a mão nos genitais —, imediatamente ou após uma luta mais longa, e portanto renuncia total ou parcialmente à satisfação do instinto. Mas não nos admira que o nosso paciente tenha recorrido a outra solução. Ele criou para si um substituto do pênis de que sentia falta na mulher, ou seja, um fetiche. Com isso ele recusou a realidade, é certo, mas salvou seu próprio pênis. Se não era obrigado a reconhecer que a mulher havia perdido o pênis, então a ameaça que lhe fizeram já não merecia crédito, ele não precisava temer por seu pênis, podia prosseguir imperturbado com a sua masturbação. (FREUD, 1938/2018, p. 348/349)

Através da recusa da castração, a masturbação pode prosseguir sem medo. O fetiche impede a introjeção da ideia de a mulher não ter um pênis. Culmina-se então, em duas realidades que acontecem concomitantemente (a mulher ter pênis/a mulher não ter pênis), sem que uma anule a outra. Porém, o custo dessa defesa, é uma cisão do Eu: “O êxito foi alcançado à custa de uma fissura no Eu que não se curará jamais, e que aumentará com o tempo. As duas reações opostas ao conflito prosseguem existindo como núcleo de uma cisão do Eu.” (FREUD, 1938/2018, p. 347)

A recusa da realidade e a cisão do Eu permitem a prática da masturbação, porém acompanhada de um fetiche. Outra característica que surge nesse processo é o da masculinidade exacerbada:

Esse, digamos, astucioso tratamento da realidade é decisivo para a conduta prática do menino [recusa da realidade]. Ele prossegue com a masturbação, como se ela não trouxesse perigo para seu pênis, mas ao mesmo tempo desenvolve, em total contradição com sua aparente bravura ou despreocupação, um sintoma [fetiche] que mostra que de fato reconhece o perigo. Ele ouve a ameaça de que o pai vai castrá-lo, e logo depois, simultaneamente à criação do fetiche, surge nele um intenso medo de ser castigado pelo pai, que o ocupará por muito tempo, e que somente com o uso de toda a sua masculinidade ele pode dominar e supercompensar. (FREUD, 1938/2018, p. 349)

A bravura ou despreocupação surgem como uma masculinidade exacerbada. Ela é uma supercompensação ao medo da castração.

Conclusões, Ideias, Problemas (1938)

A última menção de Freud ao tema da masturbação está no *Conclusões, Ideias, Problemas* (1938). Nele há uma anotação sua, publicada pós-morte:

03/08. A causa última de todas as inibições intelectuais e de trabalho parece ser a inibição do onanismo infantil. Mas talvez a coisa vá mais fundo, talvez não seja inibição por influências externas, mas a sua natureza insatisfatória em si. Sempre falta algo para a descarga e a satisfação plenas — *en attendant toujours quelque chose qui ne venait point* [sempre esperando alguma coisa que não vinha] — e essa parte que falta, a reação do orgasmo, manifesta-se em equivalentes de outros âmbitos, em ausências, irrupções de risada, choro (Xy), e talvez mais coisas. — A sexualidade infantil fixou novamente aqui um modelo. (FREUD, 1938/2018, p. 364/365)

Nessa última passagem, Freud menciona o tema da inibição da masturbação. Mais do que inibida por influências externas, ela é naturalmente insatisfatória. Freud não aprofundou no tema, deixando essa passagem sem explicações. Entretanto, mais do que uma resposta a essa passagem, é mais interessante saber que até o final de sua vida, a temática da masturbação ainda rondava seus pensamentos e suas teorias.

Conclusão - Tipos de masturbação em Freud

Encerrada a pesquisa cronológica sobre a masturbação, vemos que muitas questões aparecem e que o tema da masturbação é extenso e muito rico. Muitos aprofundamentos teóricos poderiam ser feitos dessa pesquisa, porém há dois tópicos que se destacam: o tema das *fantasias masturbatórias nas psiconeuroses* e o tema da *masturbação vinculada a neurastenia* (neuroses atuais).

Através dessa pesquisa, vemos que existem dois tipos de masturbação na obra de Freud. A primeira é a masturbação nas psiconeuroses, que se destacam pelas fantasias masturbatórias. Essas fantasias são a origem do desejo, e nelas estão calcadas a culpa do complexo de Édipo e o medo no complexo de castração.

O segundo tipo de masturbação na teoria freudiana é o vinculado à neurastenia. A neurastenia é uma neurose atual em que ocorre a incapacidade de representar. Frente a impossibilidade de simbolização, Freud teorizou a masturbação como uma via de descarga primária; ou seja, caso não ocorra uma representação psíquica, a masturbação se torna a única possibilidade de descarga e alívio. Conclui-se que, na neurastenia, acontecem descargas pulsionais brutas (não simbólicas) via o ato masturbatório.

A masturbação no caso das psiconeuroses é carregada de simbolismos e fantasias, já a masturbação na neurastenia são evacuações brutas sem representação simbólica com o único propósito de causar descarga e alívio. Proponho chamar essa masturbação de *masturbação neurastênica*.

Diferentemente da masturbação nas psiconeuroses, que é acompanhada de fantasias e representações, a masturbação neurastênica tem unicamente a finalidade de descarga, fruto de uma dificuldade de representar, é um modo de descarga primária. Ela tem especificamente a finalidade de alívio frente a um acúmulo libidinal, uma descarga bruta com um fantasiar empobrecido ou inexistente.

Nesta dissertação, escolhi focar nessas duas temáticas que se sobressaem. Cada uma delas será explorada respectivamente nos capítulos *2. Fantasias Masturbatórias e Pornografia* e *3. Masturbação Neurastênica e Pornografia na Contemporaneidade*, ampliando os temas e relacionando-os à pornografia.

3. FANTASIAS MASTURBATÓRIAS E PORNOGRAFIA

As fantasias masturbatórias foram um dos temas mais desenvolvidos dentro da temática da masturbação em Freud. Neste capítulo, vamos aprofundar essa temática e, posteriormente, relacioná-la à pornografia e à atualidade. Já é uma afirmação antiga, a de que as fantasias masturbatórias se conectam diretamente à pornografia, que a pornografia elabora uma eroticidade já contida no indivíduo, em suas fantasias masturbatórias. Utilizaremos o psicanalista Robert Stoller para aprofundar mais essa afirmação. Em seguida, com o auxílio do psicanalista Luiz Meyer, traremos essa junção para a atualidade, com as mudanças da tecnologia. Para explorarmos esse entrelaçamento das fantasias masturbatórias, da pornografia e da atualidade, vamos inicialmente destrinchar a temática da fantasia ao longo da obra freudiana.

Fantasia em Freud

Antes de nos aprofundarmos no tema das fantasias masturbatórias, exploraremos o tema das fantasias na obra de Freud, com o objetivo de compreender seu papel, sua origem, o trabalho do inconsciente sobre elas e o modo como influenciam a psiquê. A dissertação de mestrado de Santi, intitulada *O conceito de fantasia na obra de Sigmund Freud* (1995), servirá como base nessa análise. Nela, é desenvolvido o tema da fantasia em ordem cronológica na obra freudiana. Além disso, sempre que necessário, visito os textos freudianos em si, principalmente quando o tema da fantasia se vincula à sexualidade.

1897- 1905

O assunto da fantasia surge na obra de Freud com o estudo dos casos das pacientes histéricas. Até 1897, Freud acreditava que a causa da histeria seria o abuso sexual ocorrido na infância, ele denominou essa hipótese de teoria da sedução. Nesse período, anterior a 1897, a fantasia é teorizada como uma defesa contra a recordação. As fantasias são obstruções que impedem as lembranças sexuais traumáticas.

Na famosa carta enviada a Fliess em 21/9/1897, Freud revela não acreditar mais na teoria da sedução. Será essa mudança que colocará a fantasia no centro das teorizações psicanalíticas. Nas palavras de Santi:

A partir deste momento a fantasia, até então considerada um fenômeno secundário do psiquismo, assume um papel central na teorização de Freud. Os sintomas neuróticos não serão mais entendidos como símbolos de uma reminiscência, como registro objetivo de um acontecimento, mas como a encenação de uma fantasia reprimida. Criou-se, assim, o campo próprio da psicanálise. (SANTI, 1995, p. 18)

Em 1897, com o abandono da teoria da sedução, o pensamento do desejo sexual infantil, enquanto fantasia, começa a se impor nas ideias de Freud, ganhando força e desenvolvimentos:

No ano seguinte, boa parte das cartas [a Fliess] gira em torno da confirmação do conceito de fantasia como elemento central para a compreensão e tratamento da neurose, e mesmo como agente que permite a tradução da teoria anterior para a nova teoria geral do psiquismo. (SANTI, 1995, p. 49)

Em uma carta enviada a Fliess em 19/2/1899 podemos ver a expansão do tema da fantasia e a mudança na sua conceituação. Com o desenvolvimento dos estudos sobre a histeria, vemos que a fantasia deixa de ser apenas uma defesa contra a recordação, e passa a ser vista também como fruto de um desejo de caráter sexual:

Você sabe, por exemplo, porque X. Y. sofre de vômitos histéricos? Porque, na fantasia, ela está grávida, porque é tão insaciável que não consegue suportar ser privada de ter um bebê também de seu último amante na fantasia. Mas também se permite vomitar porque, desse modo, ficará faminta e emaciada, perderá sua beleza e não será atraente para mais ninguém. Portanto, o sentido do sintoma é um par contraditório de realizações de desejo. (MASSON, 1986, p. 346)

A fantasia deixa de ser somente uma defesa contra lembranças traumáticas e começa a se associar ao prazer. No caso acima, a encenação histérica é uma resolução de um conflito no qual se expressam desejos contraditórios. O sintoma surge como resultado de um conflito entre uma fantasia/desejo inconsciente e a impossibilidade de realização dessa mesma fantasia/desejo.

A construção inicial, das fantasias inconscientes, ocorre através de uma vivência originária: “Do jogo das impressões vividas, surgem conjuntos de fantasias que se apoiam e mantêm pontos de contato com suas representações originárias.” (SANTI, 1995, p. 56). As

fantasias inconscientes se apoiam em representações autênticas, originárias e infantis; ou seja, elas são sempre derivadas de impressões vividas.

Em 1900, no livro *A Interpretação dos sonhos*, ocorre a formalização da teoria de que a “fonte dos desejos estaria na infância” (SANTI, 1995, p. 58). Também é explorada a passagem das fantasias inconscientes para a consciência, através dos “processos pelos quais os conteúdos dos desejos são transformados nos conteúdos dos sonhos, etc.” (SANTI, 1995, p. 58)

Freud já havia mencionado nas cartas a Fliess que a origem das fantasias provém dos desejos infantis. Secundariamente, haveria uma defesa em relação a esse desejo. Nas palavras de Freud: “Quando a realização de desejos é irreconhecível e disfarçada, deve existir uma tendência à defesa contra esse desejo e, devido a essa defesa, o desejo não consegue se expressar senão como deformação.” (FREUD, 1900, p. 175/176).

A formação dos sonhos é igual à formação das fantasias conscientes. Inicialmente há uma fantasia inconsciente (correlativa ao desejo) e uma repressão a essa fantasia. Posteriormente, temos uma segunda fantasia (nesse momento consciente), que é fruto de uma adaptação. Nas palavras de Santi:

(...), o desejo inconsciente encontra expressão e satisfação. A relação com a fantasia aparece desde o início. O sonho é a realização de um desejo e de uma fantasia que "corrige" os fatos. Em vários momentos da obra, sonho e fantasia parecem ser intercambiáveis. (SANTI, 1995, p. 59)

Um exemplo que vemos na pornografia são as categorias intituladas MILF (sigla de *Mother I'd Like to Fuck*) ou Stepmom, que costumam estar entre as mais procuradas. Nelas, a fantasia inconsciente edipiana sofreu uma repressão e adaptou-se em uma fantasia consciente. O Édipo se adaptou a uma mãe possível de ser sexualizada. Essa fantasia consciente é aceitável no contexto da realidade, causando prazer e não angústia.

Ainda em *A Interpretação dos Sonhos*, a identificação se une a esse desenvolvimento, porém sem necessariamente revelar as fantasias inconscientes. Sobre essa teorização, Santi afirma:

Em fantasia podemos nos identificar com os personagens de uma representação teatral, viver sua trama sem que tenhamos que nos tornar conscientes de nossos próprios desejos, sem os quais não haveria empatia. Lembremo-nos do método "catártico" de Breuer, que já fazia uma referência direta ao teatro grego e seu efeito sobre o espectador: purgar o desejo pela identificação com o protagonista. Esta forma de experiência intermediada do

desejo permite-nos ter satisfação parcial de desejos sem a angústia que eles acarretariam ao se tornar conscientes. (SANTI, 1995, p. 64)

Essa passagem adquire mais coerência ao se pensar em teatro ou cinema, do que em relação a filmes pornográficos. Na pornografia, os desejos estão muito mais expostos, revelando mais explicitamente a identificação. Porém, há a possibilidade de que os filmes pornô não revelem algum desejo, ou particularidade do desejo. Por exemplo, um homem declarado heterossexual pode, ao assistir uma cena homem-mulher, identificar-se inconscientemente com a mulher. Nas palavras de Laplanche e Pontalis, a fantasia é: “Roteiro imaginário em que o sujeito está presente [mesmo que disfarçadamente] e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 169)

No penúltimo capítulo de *A interpretação dos sonhos*, Freud elabora como são feitas as distorções, as adaptações, das fantasias inconscientes em fantasias conscientes/sonhos.

O sexto capítulo de *A Interpretação dos Sonhos*, O Trabalho do Sonho, trata dos processos pelos quais os conteúdos inconscientes são transformados nos conteúdos dos sonhos. As estreitas relações entre o sonho e a fantasia permitem-nos tomá-los como válidos também para ela (e para todas as substituições envolvidas no retorno do reprimido). (SANTI, 1995, p.64)

Os pensamentos inconscientes são traduzidos em fantasias conscientes (ou sonhos) através do trabalho de condensação, de deslocamento e da consideração pela representabilidade, sendo esse último “a transformação dos pensamentos do sonho em imagens visuais.” (SANTI, 1995, p.65).

Esses mecanismos são inesgotáveis, pois o sonho permite várias interpretações, sem que uma anule a outra. Freud chama isso de sobredeterminação dos sonhos:

O sonho é conciso, pobre e lacônico quando comparado ao volume e à riqueza dos pensamentos oníricos. O registro do sonho ocupa meia página; a análise, que contém os pensamentos oníricos, exige um espaço seis, oito, doze vezes maior. (...). Em geral se subestima a medida da compressão realizada, tomando os pensamentos oníricos trazidos à luz como o material completo, mas o prosseguimento do trabalho de interpretação pode revelar novos pensamentos escondidos por trás do sonho. Já tivemos ocasião de mencionar que, no fundo, nunca podemos ter certeza de que a nossa interpretação do sonho é completa; mesmo quando a resolução parece ser satisfatória e não apresentar lacunas, é

sempre possível que mais outro sentido se manifeste no mesmo sonho.
(FREUD, 1900, p. 319/320)

A sobredeterminação também permite várias interpretações das fantasias. Como no exemplo anterior, em que um homem heterossexual, assiste uma cena pornô homem-mulher, ele pode se identificar com o homem, e também com a mulher, sem que uma interpretação anule a outra.

No final do capítulo VI, Freud relaciona a fantasia e o sonho como similares. Os mecanismos dos sonhos são também formadores das fantasias:

Costumo chamar de “fantasia” o elemento dos pensamentos oníricos a que me refiro; talvez eu evite mal-entendidos se acrescentar imediatamente que o análogo na vida de vigília é o devaneio. (...). Elas [fantasias diurnas] compartilham uma parte essencial de suas propriedades com os sonhos noturnos; na verdade, seu estudo poderia ter nos dado o acesso mais rápido e adequado à compreensão dos sonhos noturnos.

Como os sonhos, elas são realizações de desejos; como os sonhos, baseiam-se em grande parte nas impressões de vivências infantis; como os sonhos, beneficiam-se de certo relaxamento da censura para suas criações.
(FREUD, 1900, p. 539/540)

No capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos*, a relação da fantasia com o desejo fica melhor estruturada. O sonho é o substituto da cena infantil, na qual se busca uma repetição. Essa busca nunca será alcançada plenamente, culminando em uma formação de compromisso, que será o circuito do desejo. Ou seja, a experiência infantil de prazer causará traços de memória que serão eternamente buscados. Nas palavras de Freud:

Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo. (FREUD, 1900, p. 617/618)

O desejo inconsciente, moldado na infância, é uma busca eterna que nunca se concretizará.

É correto que os desejos inconscientes sempre estão ativos. Eles constituem vias que sempre são transitáveis, se um quantum de excitação as utiliza. O fato de serem indestrutíveis é até mesmo uma particularidade eminente dos processos inconscientes. No inconsciente nada chega ao fim, nada passa ou é esquecido. (FREUD, 1900, p. 630)

As fantasias serão, portanto, moldadas através de desejos inconscientes. E pela impossibilidade de saciamento total, serão sempre buscadas, mas nunca realmente encontradas. No Caso Dora (1905), vemos o aprofundamento do desejo em sua relação dúbia. A incapacidade de satisfação do desejo, ou seja, da realização de suas fantasias: “Eles [os neuróticos] fogem daquilo pelo qual anseiam mais vivamente nas fantasias, quando com ele deparam na realidade, e se entregam de muito bom grado às fantasias, quando já não precisam temer que elas se realizem.” (FREUD, 1905/2016, p. 305). Ou nas palavras poéticas de Oscar Wilde: "Só há duas tragédias neste mundo. Uma é não conseguir o que se quer, a outra é conseguir." (WILDE, 2011, p. 269)

No livro *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), vemos o desenvolvimento do conceito de pulsão:

Nos *Três Ensaios*, Freud considera que a pulsão sexual tem como única finalidade a obtenção de prazer. Na infância, seria perversa polimorfa, ou seja, possuiria diversas formas e fontes, podendo se satisfazer diretamente em descargas específicas, sem necessidade de um objeto externo, e seria autoerótica (...). (SANTI, 1995, p. 75)

Freud já havia escrito sobre a fantasia ser estruturada na sexualidade infantil, onde ocorrem primeiramente as experiências de satisfação. Na infância, a pulsão é extremamente plástica, ela se inicia de modo autoerótico e, posteriormente, se direciona aos objetos primários, normalmente os pais. Em decorrência da plasticidade das pulsões, temos a compreensão das transformações da fantasia no decurso do tempo, sendo possível ressignificações.

Em resumo, temos uma experiência de satisfação na infância. Essa experiência propicia a criação de um desejo. Esse desejo leva a formação de uma fantasia. Desejo e fantasia, mediante a repressão, se tornam inconscientes, constituindo-se formações de compromisso, sempre buscados e direcionando nossas ações. Essas fantasias inconscientes se adaptam a realidade através de mecanismos (condensação, deslocamento e representabilidade) e se traduzirão em fantasias conscientes (também sonhos e devaneios). A adaptação das fantasias inconscientes em fantasias conscientes é possível pela plasticidade das pulsões sexuais que

buscam prazer. Esse circuito do prazer será sempre buscado, mas pela sua impossibilidade de satisfação plena será uma busca eterna.

1906-1913

A partir de 1907, Freud destaca a relação da fantasia com as obras artísticas. Os temas das narrativas, da poesia e da pintura ganham destaque nos textos: *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1907), *O escritor e a fantasia* (1908) e *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910). Se no período anterior, Freud formulou a origem das fantasias, nesse período, ele explora seus caminhos e aplicabilidades, como as expressões artísticas, tal qual a poesia e a escrita:

O poeta consegue fazê-lo, na medida em que apreende e compartilha algo do mundo interno do espectador, (...); o poeta teria uma capacidade especial para simbolizar, ou seja, para dar uma expressão aceitável aos impulsos reprimidos. (SANTI, 1995, p. 93)

Ao captar algo do espectador, o escritor consegue fazer com que o leitor se identifique com sua obra artística. A identificação nos conduz a fantasiar o papel de protagonistas da narrativa. Por exemplo, o livro (que também foi adaptado para filme) *O Amante de Lady Chatterley* (D.H. Lawrence, 1928), recheia o imaginário de muitos indivíduos, fazendo-os se colocar na posição de protagonista. Ou para sermos mais atuais, o livro *Cinquenta Tons de Cinza* (E.L. James, 2011) que, para abrilhantar esse exemplo, é escrito em primeira pessoa, induz ainda mais o leitor a se identificar com a história. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais a trilogia vendeu mais de 100 milhões de exemplares.

Iniciando pelo texto *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1907), Freud teoriza que o romance, ou a criação artística em geral, estaria mais próxima da fantasia inconsciente do que da fantasia consciente e da realidade. Nas palavras de Freud:

O romancista faz de outro modo; dirige a atenção para o inconsciente em sua própria psique, espreita os possíveis desenvolvimentos dele e lhes proporciona uma expressão artística, em vez de suprimi-los com a crítica consciente. Assim, chega a saber a partir de si o que aprendemos em outros: as leis que a atividade desse inconsciente tem de seguir. (FREUD, 1907/2015, p. 117)

O romancista consegue simbolizar com mais facilidade, ou seja, fazer a difícil tradução dos desejos inconscientes em fantasias conscientes. Na criação artística, fantasia e verdade se

entrelaçam e criam uma representação. Nas palavras de Freud: "(...) se ergue acima do delírio e nos dá, em geral, a tradução dele na verdade inconsciente por ele representada. É um triunfo da engenhosidade poder expressar o delírio e a verdade ao mesmo tempo." (FREUD, 1907/2015, p. 108).

No texto *O Escritor e a Fantasia* (1908), Freud escreve sobre as fantasias serem plásticas e mutáveis ao longo do tempo:

Não devemos pensar nos produtos dessa atividade imaginativa, as fantasias, castelos no ar e devaneios, como rígidos e imutáveis. Eles se adaptam às impressões cambiantes que a vida nos traz, alteram-se a cada oscilação na vida, recebem a chamada “marca do tempo” de cada nova impressão eficaz. A relação da fantasia com o tempo é muito significativa. (FREUD, 1908/2015, p. 331)

A importância desse trecho é para ressaltar que “o psiquismo não é fechado à exterioridade.” (SANTI, 1995, p. 104). Ele é plástico, as lembranças são ressignificadas e as fantasias são atualizadas.

O mundo externo tem importância para as mudanças das fantasias, e também para o despertar das fantasias. Algo do momento funciona como uma fagulha inicial para o crescimento do fogo da libido:

Pode-se dizer que uma fantasia “paira” entre três tempos — os três momentos de nossa atividade ideativa. O trabalho psíquico parte de uma impressão atual, uma ocasião no presente que foi capaz de despertar um dos grandes desejos do indivíduo, daí retrocede à lembrança de uma vivência anterior, geralmente infantil, na qual aquele desejo era realizado, e cria então uma situação ligada ao futuro, que se mostra como realização daquele desejo — justamente o devaneio ou fantasia, que carrega os traços de sua origem na ocasião e na lembrança. Assim, passado, presente e futuro são como que perfilados na linha do desejo que os atravessa. (FREUD, 1908/2015, p. 331/332)

Inicialmente, há uma “fagulha inicial” que desperta a excitação; no segundo momento, essa excitação se remete a uma vivência infantil de prazer; e finalmente, forma-se uma fantasia para o futuro, harmonizando infância, momento atual e desejos futuros. Caso essa fantasia seja sexual, ela poderá ser buscada na pornografia.²¹

²¹ No terceiro capítulo, é abordada a hipótese de que, na atualidade, a pornografia também pode ser utilizada para despertar a sexualidade, sendo utilizada como fagulha inicial.

Ainda no mesmo ano, no texto *As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (1908), Freud retorna ao tema da formação das fantasias:

As fantasias inconscientes foram desde sempre inconscientes, formadas no inconsciente, ou - o que sucede com maior frequência - um dia foram fantasias conscientes, devaneios, sendo então propositalmente esquecidas, caindo no inconsciente graças à “repressão”. Seu conteúdo permaneceu então o mesmo ou sofreu alterações, de modo que a fantasia agora inconsciente representa um derivado daquela que outrora foi consciente. (FREUD, 1908/2015, p. 342)

No período anterior, a passagem das fantasias inconscientes em fantasias conscientes havia sido explorada. As fantasias inconscientes (independentemente de sua origem ter sido consciente ou inconsciente) se conectam diretamente à sexualidade, pois elas foram inicialmente fantasias masturbatórias:

A fantasia inconsciente tem um nexos muito importante com a vida sexual da pessoa: ela é idêntica à fantasia que serviu a esta para obter satisfação sexual num período de masturbação. O ato masturbatório (no sentido mais amplo) compunha-se então de duas partes, da evocação da fantasia e da operação concreta de autossatisfação no auge daquela. (FREUD, 1908/2015, p. 342)

Inicia-se nesse trecho o entrelaçamento da fantasia, da sexualidade e da masturbação, que resultará nas fantasias masturbatórias. Freud observa que tão importante quanto o ato masturbatório em si, são as fantasias masturbatórias que os acompanham.

O tema das fantasias masturbatórias é seguido pelo tema do complexo de Édipo. O texto *Um tipo especial de escolha de objeto no homem* (1910), é o primeiro de uma trilogia intitulada *Contribuições à psicologia do amor*. Nele, Freud discorreu sobre as escolhas de objetos amorosos do homem. Essas escolhas são resultado das fantasias inconscientes em confronto à realidade que culminaram em fantasias adaptadas que reinam no imaginário masculino.

A primeira fantasia trabalhada por Freud é a da mulher comprometida e do terceiro prejudicado. Ela “consiste em que o interessado nunca toma por objeto amoroso uma mulher que esteja livre, isto é, solteira ou sozinha, mas apenas uma mulher sobre a qual outro homem possa ter direitos, como noivo, marido ou namorado.” (FREUD, 1910/2013, p. 336).

A segunda fantasia é o “amor à prostituta” (FREUD, 1910/2013, p. 337). Nessa fantasia, o objeto amoroso é:

(...) apenas a mulher de alguma má fama, sobre cuja fidelidade e constância paira certa dúvida. Essa última característica pode variar numa gama significativa, da ligeira sombra na reputação de uma esposa inclinada ao flerte até a conduta abertamente poligâmica de uma *cocotte* ou artista do amor, (...). (FREUD, 1910/2013, p. 336/337).

Na terceira e quarta fantasia não são mais abordadas as condições requeridas do objeto amoroso e sim a atitude do amante para com o objeto escolhido. A terceira fantasia é a das mulheres com grande integridade sexual. Próximo de uma virgem, o objeto é visto como único e insubstituível, fantasiado como "*objetos sexuais valiosíssimos*". (FREUD, 1910/2013, p.338). A quarta e última fantasia se refere à salvação do objeto: "(...), nos amantes desse tipo, é a tendência que manifestam de "salvar" a mulher amada." (FREUD, 1910/2013, p.339).

Todas essas fantasias estão atreladas ao desejo edípico. Os objetos de amor do homem são substitutos da imago materna. Nas palavras de Freud: "Ele começa a desejar a mãe, no sentido então descoberto, e a novamente odiar o pai, como o rival que põe obstáculos a esse desejo; ele cai, segundo costumamos dizer, sob o domínio do complexo de Édipo." (FREUD, 1910/2013, p.342). É nessa passagem que é utilizado pela primeira vez a expressão Complexo de Édipo.

Na primeira fantasia vemos a mãe que é objeto de desejo e pertence ao pai, que é o terceiro prejudicado. Na segunda fantasia, o esclarecimento sexual no menino faz com que ele aceite a ideia, até então negada, de que sua mãe não era isenta das atividades sexuais. Esse conhecimento desperta nele os traços mnêmicos da sexualidade infantil. Isso culminará na reativação de certos impulsos psíquicos: "(...), tais impulsos não têm outra saída senão esgotar-se em fantasias cujo teor é a atividade sexual da mãe nas mais diversas circunstâncias, e cuja tensão leva facilmente a buscar alívio na masturbação." (FREUD, 1910/2013, p. 342/343). Essas fantasias masturbatórias transbordam na puberdade, podendo ocasionar em uma fixação:

O tipo de amor masculino que descrevemos carrega os traços dessa evolução e pode ser entendido como fixação nas fantasias da puberdade, que depois ainda encontraram saída para a vida real. Não há dificuldade em supor que a masturbação tão praticada durante a puberdade tenha contribuído para a fixação dessas fantasias. (FREUD, 1910/2013, p. 343)

Feito esse percurso "(...), não mais podemos achar contraditório e incompreensível que seja diretamente derivada do complexo materno a condição da volubilidade da mulher amada." (FREUD, 1910/2013, p. 343)

Freud já bordeava o Édipo desde 1897, nas cartas a Fliess, porém, somente em 1910, ele cunha o termo Complexo de Édipo. Esse será um dos pilares centrais da teoria psicanalítica e do tema das fantasias. Ele é a matriz na formação das fantasias e na busca de objetos posteriores:

Vemos enfim explicitado o complexo de Édipo como formação inconsciente constituída na infância a partir do qual são geradas séries repetitivas que visam o reencontro de objetos originais; busca-se na realidade objetos e situações que sirvam de suporte ao esquema proposto. (SANTI, 1995, p. 112)

O complexo de Édipo, agora teorizado, se junta à sexualidade infantil. Freud vê que mesmo na infância existe uma fase objetal e não somente autoerótica. E que esses objetos (normalmente os pais) são as matrizes para as buscas posteriores. Nas palavras de Santi: “Os caminhos da libido constituídos na infância nunca são perdidos, e os objetos novos serão escolhidos em função do modelo ou imago infantil.” (SANTI, 1995, p. 114)

No segundo texto da trilogia *Contribuições à psicologia do amor*, intitulado *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa* (1912), Freud escreve que nos primeiros anos da infância, ocorre a “*escolha de objeto infantil primária*.” (FREUD, 1912/2013, p. 349). Posteriormente, na puberdade: “(...), como vai de encontro aos obstáculos erguidos nesse meio-tempo pela barreira do incesto, envidará esforços para logo transitar desses objetos, impróprios na realidade, para outros, desconhecidos, com os quais seja possível uma vida sexual real.” (FREUD, 1912/2013, p. 350). Os novos objetos serão procurados através do molde edipiano:

Esses novos objetos ainda serão escolhidos segundo o modelo (a *imago*) daqueles infantis, mas com o tempo atrairão para si a ternura que se ligava aos primeiros. O homem deixará pai e mãe — conforme o preceito bíblico — e se apegará à mulher; (...). (FREUD, 1912/2013, p. 350)

Entretanto, se por alguma razão o desenvolvimento libidinal não ocorrer: “A libido se afasta da realidade, é tomada pela fantasia (introversão), reforça as imagens dos primeiros objetos sexuais, fixa-se neles.” (FREUD, 1912/2013, p. 351). Porém, essa fixação é inconsciente.

Concluimos que nesse período (1906-1913) não há grandes avanços teóricos na temática da fantasia, mas refinamentos e explorações da teoria já apresentada. A maior contribuição desse período é o complexo de Édipo como origem e fundamentador das fantasias, expandindo o tema da sexualidade infantil. Ele é o modelo central a ser sempre buscado: “Envolvimento

afetivo envolve séries em que os objetos podem ser substituídos; contudo, uma certa posição do sujeito é sempre repetida. Claramente o referente da repetição é o Édipo.” (SANTI, 1995, p. 124)

1914-1919

As escolhas amorosas são feitas através dos caminhos pulsionais que se formam, modelados pelo do triângulo edípico. Expandindo a teoria, o Édipo se relaciona com a cena original. Primeiramente, temos os eventos prazerosos que formaram traços mnêmicos: “O mundo psíquico organiza-se em torno da fantasia, mas esta não é autoengendrada, funda-se em eventos.” (SANTI, 1995, p. 135). Posteriormente, eles são buscados no circuito do desejo.

Nas *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917), Freud acrescenta mais uma camada teórica para o tema das fantasias. A relação entre fantasia, complexo de Édipo e cena original têm novas dosagens com a conceituação das profantasias:

Parece-me bem possível que tudo o que nos é hoje relatado em análise — a sedução da criança, a excitação sexual inflamada pela observação da relação sexual dos pais, a ameaça de castração (ou, antes, a castração) — tenha sido realidade nos primórdios da família humana, e que a fantasia da criança simplesmente preenche as lacunas na verdade individual com a verdade pré-histórica. Repetidas vezes chegamos à suspeita de que a psicologia das neuroses nos preservou mais antiguidades do desenvolvimento humano do que outras fontes. (FREUD, 1917/2014, p. 493)

Freud utiliza origens antropológicas para preencher lacunas teóricas. Através da filogenética, as fantasias passam de gerações em gerações. Similarmente ao teorizado no texto *Totem e tabu* (1913).

O complexo de Édipo é disposto em torno de fantasias originárias. Essas profantasias, na falta de uma experiência infantil, recheiam as lacunas formadoras da psiquê. Como resultado, é estruturada a teoria da universalização do complexo de Édipo.

Com essa teorização, a hipótese filogenética e complexo de Édipo se fundem, e surge a “ideia de que as lacunas da experiência são preenchidas por conteúdos pré-históricos” (SANTI, 1995, p. 154).

No caso do Homem dos Lobos²², a hipótese filogenética ganha mais força ainda. Se antes as profantasias preenchiam algumas lacunas, agora elas movem espaços para se

²² FREUD, S. História de uma neurose infantil (1918/2010)

encaixar. Ou seja, as experiências vivenciadas podem ser “corrigidas” para se adequarem aos esquemas filogenéticos das fantasias universais:

Nesse ponto o menino tem um esquema filogenético a cumprir, e chega a realizá-lo, ainda que suas vivências pessoais não harmonizem com ele. As ameaças ou alusões à castração que ele experimentou haviam partido de mulheres, mas isso talvez não adiasse por muito tempo o resultado final. Foi mesmo do pai que ele temeu por fim a castração. Aqui a hereditariedade prevaleceu sobre as vivências acidentais; na pré-história da humanidade foi certamente o pai que praticou a castração como punição, e depois a mitigou, reduzindo-a à circuncisão. (FREUD, 1918/2010, p. 116/117)

Nesse caso, Freud coloca as profantasias acima das experiências vivenciadas. Ele está tentando formalizar uma teoria e universalizá-la. Resulta-se que, de modo estruturado, três profantasias são transmitidas filogeneticamente e vinculadas ao complexo de Édipo:

As cenas de observação do ato sexual entre os pais, de sedução na infância e de ameaça de castração são indubitavelmente patrimônio herdado, herança filogenética, mas podem também ser aquisição da vivência individual. Em meu paciente, a sedução pela irmã mais velha era uma realidade indiscutível; por que não igualmente a observação do coito dos pais?

O que vemos na história primitiva da neurose é que a criança recorre a essa vivência filogenética, quando sua própria vivência não basta. Ela preenche as lacunas da verdade individual com verdade pré-histórica, põe a experiência dos ancestrais no lugar da própria experiência. (FREUD, 1918/2010, p. 129/130)

No final dessa parte, apesar do escrito, Freud ressalta que só se deve usar a filogenética quando se esgotar a ontogenética. Para finalizarmos essa parte, nas palavras de Santi: “O ensaio encerra-se com a confirmação de que o vivido pode ser modificado pela fantasia e com a consideração de que, na infância, deve haver algo que coopera, dá condições para que a criança compreenda o mundo.” (Santi, 1995, p. 168). Ou seja, para além de um ecoar do desejo, o complexo de Édipo é um organizar da experiência e da subjetividade humana.

Concluimos que as vivências e os fatores filogenéticos se harmonizam na constituição da fantasia inconsciente. Desse modo, a ideia da universalidade dos esquemas se equaliza a um evento real:

Há uma estrutura que organiza a experiência humana e garante a universalidade do complexo de Édipo. As relações afetivas entre as crianças e suas primeiras figuras de referência aparentemente já configuram o conflito que se trata de instaurar. Mesmo onde as condições particulares não sejam favoráveis, a estrutura impõe-se. A origem do sujeito recua em sua história pessoal até não poder ser mais localizada. Para dar conta do que parece ser um esquema a priori, Freud recorre ao que pode representar a infra-estrutura do psiquismo, a pré-história humana e a biologia. (SANTI, 1995, p. 169)

A hipótese filogenética dá consistência para a teoria, porém, ela é alvo de críticas e discórdias. Apesar de fortalecer a estrutura teórica que Freud estava montando, nem todos os comentadores concordam com ela:

(...), sustentamos a concepção, com a qual os comentadores em geral concordam, de que o recurso à hipótese filogenética atende à necessidade de sustentar as estruturas organizadoras da experiência, as fantasias edípicas, numa base externa, que se mostre consistente. A materialidade da hipótese, no entanto, não é aceita por eles. Para Mezan, por exemplo, a filogenia seria uma formulação que pertence à obra de Freud, sem, no entanto, ser parte do núcleo conceitual que constitui a psicanálise, como o complexo de Édipo ou o inconsciente; assim não seria imprescindível que o pesquisador em psicanálise aderisse a ela. (SANTI, 1995, p. 175)

1920-1939

Após 1920, o tema da fantasia perde força. No capítulo final do trabalho de Santi, ele escreve: “Este capítulo pretende cobrir o período final da obra de Freud, de 1920 a 1938, que não acrescenta, à primeira vista, muito ao conceito de fantasia. Não existem trabalhos que lhe sejam dedicados.” (SANTI, 1995, p. 181). Os principais destaques desse período de renovação da teoria freudiana são outros, por exemplo, o conceito de pulsão de morte, a segunda tópica, a segunda teoria da angústia e a contínua dedicação ao Complexo de Édipo.

O único destaque do tema da fantasia nessa época é sobre a compulsão a repetição e a incapacidade de fantasiar. Em *Além do princípio do prazer* (1920), a compulsão à repetição é desenvolvida. A partir disso, evidencia-se para Freud, “a existência de uma atividade psíquica que não funcionaria segundo o princípio do prazer.” (SANTI, 1995, p. 187).

Nos desenvolvimentos anteriores, a pulsão se moldava em busca de uma cena originária de prazer. Nesse caso, a pulsão também estaria ligada a cenas originárias que são

compulsoriamente repetidas, porém sem prazer na cena. O propósito da repetição é tentar dominar a causa do sofrimento.

Por causa da ausência de prazer na cena originária, não há possibilidade de representação, culminando na repetição. Na compulsão a repetição: “(...), é possível constatar uma espécie de fixação ao modelo de funcionamento psíquico primário infantil, que não passa pela elaboração secundária, ou seja, que não teve acesso à inserção no princípio do prazer.” (FERREIRA, 2018, p. 179). Por isso, ela tende a restabelecer um estado anterior, à morte.

Após o desenvolvimento do texto, a tese principal que resulta é a de que haveria outra pulsão que seria anterior à pulsão de vida. Essa pulsão equivaleria ao “impulso orgânico que visa restabelecer um estado anterior que, em última instância, seria a morte.” (SANTI, 1995, p. 187).

A pulsão de morte, nesse caso, não encontra representação, ela não é assimilada pelo Eu. A repetição é uma tentativa de constituição de representação (a constituição de um objeto interno), que possibilitaria uma simbolização de algo irrepresentável. Nesse período, o que se evidencia é a incapacidade de fantasiar. E, como resultado, a repetição é uma tentativa do psiquismo de controlar a pulsão.

Como a fantasia seria formada nas representações, nos casos de compulsão à repetição, a fantasia é, no mínimo, empobrecida. Pelo fato de a simbolização apaziguar a angústia, a pulsão de morte tenta, de algum modo, esvaziar e controlar a carga libidinal. A pulsão de morte se manifesta pela tendência de: “(...), o esforço de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna dos estímulos (o *princípio do Nirvana*, na expressão de Barbara Low)” (FREUD, 1920/2010, p.228)

Percorrido o caminho da fantasia ao longo da obra freudiana, conclui-se que o fantasiar será o que permitirá pensar, teorizar, criar, simbolizar e representar. Todas essas atividades diminuem a angústia. Albert Einstein possui uma famosa frase que diz: “A imaginação é mais importante que o conhecimento”. Apesar de ser físico e não psicanalista, acredito que Freud concordaria com ele.

Fantasias masturbatórias e Pornografia

Após o desenvolvimento do tema da fantasia em Freud, pensaremos especificamente nas fantasias masturbatórias e como elas se conectam (quase que diretamente) à pornografia. No capítulo anterior, vimos como as fantasias se formam e algumas possibilidades de destino. Agora veremos que os temas da cena primária, da fantasia de sedução e da fantasia de castração

– que se entrelaçam com o Complexo de Édipo – são visualmente encenados na pornografia de modo geral: filmes, fotos, enredos, etc.

Ribeiro Neto e Ceccarelli, no artigo *Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais*, escrevem: “A excitação sexual que a pornografia encontra tem semelhanças com a questão da masturbação: embora essa atividade sexual possa ser realizada sem a presença de outro, esse outro dá suporte às fantasias masturbatórias” (RIBEIRO NETO; CECCARELLI, 2015, p. 17). A relação entre fantasia e pornografia, é atravessada pelas fantasias masturbatórias.

Os vídeos buscados em sites pornográficos são encenações, ora mais ora menos disfarçadas, das fantasias masturbatórias já pensadas (consciente ou inconscientemente). Essas ideias são corroboradas pela pesquisa do cientista de dados Stephens-Davidowitz:

A primeira vez que obtive acesso aos dados do Pornhub, descobri uma revelação que me pareceu pelo menos um tanto freudiana. Na verdade, ela está entre as coisas mais surpreendentes que encontrei durante minhas investigações sobre os dados: um número chocante de pessoas que visitam sites pornô populares busca imagens de incesto. (STEPHENS-DAVIDOWITZ, 2018, p. 50)

Sendo um pouco mais específico, ao analisar as buscas mais comuns no *PornHub*, um dos sites de vídeos pornôs mais populares do mundo, dentre os 100 resultados mais procurados, 16 são de temática incestuosa; dentre eles: “irmão e irmã”, “madrasta fodendo enteado”, “mãe e filho”, “mãe fode filho” e “irmão e irmã de verdade” (STEPHENS-DAVIDOWITZ, 2018, p. 50). Outros termos, dentre os 100 mais procurados, são: “teen”, “threesome”, “blowjob”, “nanny”, “teacher”, “cheerleader” e “milf”. Esses outros termos, por mais que não estejam diretamente relacionados com o incesto, também têm como base o Complexo de Édipo, assim como a maioria dos vídeos pornôs, em sua vastidão.

O psicanalista Robert Stoller utilizou a psicanálise para pensar a constituição da vida erótica e o desenvolvimento da excitação sexual. A temática das fantasias eróticas ganhou um destaque especial no livro *Observando a imaginação erótica* (1998), em que Stoller as relaciona à pornografia. Ele desenvolveu uma pesquisa sobre pornografia tentando entender seu papel na vida erótica dos seres humanos.

Ao relacionar a pornografia à temática da fantasia, ele discorre sobre o que provoca a excitação sexual nos espectadores e quais fantasias são buscadas na pornografia. Ele conclui que a pornografia coloca em cena uma fantasia já existente. A pornografia “teatraliza” as

fantasias sexuais já contidas no indivíduo, que se esforçam para as manter reprimidas. Isso explica a perseguição, as severas críticas sociais e a vergonha ao tratar do tema. A pornografia elabora uma eroticidade já existente nas fantasias masturbatórias da pessoa. Nas palavras de Stoller:

A pornografia é um devaneio publicado. A perversão é um devaneio executado. A pornografia é uma *forme frustrée* de uma perversão. Quando alguém está à procura de excitação, a pornografia tem a vantagem de ser um devaneio confiável: é visível, pode ser examinada repetidas vezes e – por ser produzida para a venda – temos a garantia de que representa um gênero, que é o devaneio preferido de inúmeras pessoas (ou seu produtor perderia dinheiro). (STOLLER, 1998, pp. 33-34)

A pornografia é uma expressão do reprimido, que ganha representação em ato. Essa expressão é construída, como mostrado nas construções das fantasias em Freud, de modo bastante complexo no sentido “equalizacional”. A excitação sexual será formada equalizando “opinião, inclinações, estilos, forma, neuroses, interpretações, fantasias, significados, gosto.” (STOLLER, 1998, p. 57). Ou seja, as fantasias masturbatórias são formadas através da harmonização de diversos fatores, e posteriormente são buscadas na pornografia:

Uma ereção, do pênis ou do clitóris, está tão carregada de fantasias quanto um bacalhau com ovas. Por fantasias refiro-me a significados, roteiros, interpretações, contos, mitos, memórias, crenças, melodramas, construídos como um enredo de peça teatral com esmero e requinte, não importa quão casual e espontâneo pareça o resultado. Nessa história – que pode assumir a forma de um devaneio como método habitual de ação de alguém para encontros eróticos, de estilos de vestuário e outros adornos, de escolha de objeto erótico e de preferência na pornografia (em suma, de toda e qualquer manifestação de desejo erótico) -, continuarei insistindo em que *cada detalhe conta*. (STOLLER, 1998, p. 62)

As fantasias sexuais, que às vezes só ganham consciência nos atos masturbatórios, são confirmadas na pornografia. Entretanto, reciprocamente, a pornografia também pode comunicar algo. Ela pode ser pensada na exploração cultural de uma massa, em que vários indivíduos preferem algum tipo de vídeo específico. Como os vídeos mais procurados nos sites pornográficos em determinada região.

O analista tem a oportunidade de estudar essa fantasia sexual, e de desvendar suas origens. As descobertas feitas meramente a partir da análise, conforme sugeri em outro

local, podem ser confirmadas, de forma maciça, pela pornografia. A pornografia consiste em comunicar a fantasia sexual de um grupo de pessoas interligadas pela mesma dinâmica. Raramente a fantasia pode deixar de assumir algum tipo de forma cognitiva, podendo ser conscientemente manifestada apenas no ritual que se utiliza para a masturbação. (STOLLER, 1975/2018, p. 200/201)

Observando a imaginação erótica

Aprofundando nas fantasias masturbatórias para além da expressão do reprimido, Stoller, logo no prefácio de livro *Observando a imaginação erótica*, indica suas principais ideias:

Nos devaneios de pessoas perversas, especialmente aquelas histórias concretizadas em pornografia, posso perceber a elaboração de um roteiro cujo principal propósito é solucionar traumas da infância, conflitos e frustrações através da conversão das antigas experiências dolorosas em triunfos (fantasiados) presentes. Na construção desses devaneios, o paciente utiliza também mistério, segredos, riscos, vingança e desumanização (fetichização) de seus objetos. Em todas essas qualidades, o ódio é uma presença manifesta ou latente. Mas tendo encontrado tais fatores nas perversões e suas pornografias, percebi que as mesmas dinâmicas estavam presentes nas pornografias da vida cotidiana e na excitação erótica dos pacientes não-perversos que tratei por anos. Assim, eu estava agora estudando a excitação erótica normativa. (STOLLER, 1998, p. 7)

Stoller teoriza que o ódio no erotismo é comum a quase todas as pessoas, estando presente nas fantasias sexuais e, por consequência, na pornografia. Esse ódio (consciente ou inconsciente) cria fantasias com o desejo de “ferir, *por meio da humilhação*, o objeto erótico” (STOLLER, 1998, p. 7). A humilhação é “um estímulo para criar o microponto e como uma presença oculta no momento erótico. Por humilhação, refiro-me ao mecanismo de vingança dentro do roteiro que produz a excitação – humilhar outrem como retribuição por ter sido humilhado.” (STOLLER, 1998, p. 8).

Stoller ressalta que “não é essa dinâmica que diferencia as perversões das perversões menores – aqueles estados que outros chamam de comportamento normal ou normativo -, (...).” (STOLLER, 1998, p. 7). O ódio e a vingança nas fantasias masturbatórias é cotidiano, pertence a quase todos os indivíduos.

De início, a generalização das ideias de Stoller causa suspeita. É difícil conceber que o ódio/humilhação está em *quase todas* as fantasias masturbatórias. Entretanto, no decorrer da leitura, essas ideias vão se tornando plausíveis. E o que realmente auxilia, na aderência dessas teorias, é constatar a humilhação sempre presente nos filmes pornográficos. Por vezes, o ódio e a humilhação aparecem somente como um “pano de fundo”. E, outras vezes, eles não são direcionados ao outro, mas a si mesmo: “o desejo de ferir, magoar, ser cruel, degradar, *humilhar* alguém (incluindo, em níveis menos conscientes, o desejo de ferir a si próprio).” (STOLLER, 1998, p. 19).

Através dessa teorização, a definição de perversão, nas palavras de Stoller:

Perversão, a forma erótica do ódio, é uma fantasia, em geral realizada, mas ocasionalmente restrita a um devaneio (ou autoproduzida ou preparada por outrem – isto é, pornografia). É uma aberração habitual, preferida, necessária à plena satisfação, movida sobretudo por hostilidade. Por *hostilidade* refiro-me a um estado no qual se deseja ferir um objeto; isso o diferencia de *agressão*, que em geral implica apenas força. A hostilidade na perversão assume forma numa fantasia de vingança oculta nas ações que constituem a perversão e serve para converter um trauma de infância num triunfo adulto. (STOLLER, 1998, p. 20)

Na citação acima, é conceituada a perversão, porém, Stoller afirma: “discordo de Freud e de toda a literatura analítica, na qual a perversão é considerada uma forma de comportamento diferente da neurose, motivada por uma constelação diferente de pulsões e defesas, e servindo a propósitos diferentes.” (STOLLER, 1998, p. 20). Essa passagem é importante pelo aspecto comum e cotidiano (neurótico) contido nas perversões na teoria de Stoller. Porém, ele mesmo se pergunta:

(...) há uma diferença essencial entre a pessoa que realiza uma perversão, uma que evita realizá-la mas necessita fantasiá-la (através de devaneio ou pornografia), a fim de se satisfazer bem, e uma que não precisa ou prefere não realizá-la, mas que, não obstante, ao ter a possibilidade de fazê-lo, fica excitada? Dizer que a diferença é uma questão de grau não ajuda muito até sabermos que fatores determinam tais diferenças de grau. (STOLLER, 1998, p. 20/21)

Stoller conclui: “Se minhas definições o confundem porque implicam que todo mundo é eroticamente aberrante e a maioria das pessoas, a maior parte do tempo, é pelo menos um pouco perversa, assim seja.” (STOLLER, 1998, p. 21).

Prosseguindo a teorização, Stoller une o desenvolvido até o momento à pornografia:

Considero, portanto, toda pornografia pequenas perversões, bem como provavelmente todos os devaneios: uma concepção típica de mente muito estreita. Isso não quer dizer que acredito que a masturbação faça mal, apenas que ela é temperada com um pouco de maldade. Os teóricos modernos do sexo dizem que a culpa na masturbação é induzida pela sociedade (incluindo os pais). Embora concordando, acrescento que, se pudéssemos perguntar às pessoas exatamente qual é seu enredo ao se masturbarem ou exatamente o que elas fazem, chegaríamos mais perto da razão pela qual se sentem culpadas. (STOLLER, 1998, p. 21/22)

Essa passagem é extremamente interessante, pois Stoller não menciona a culpa pelas fantasias masturbatórias serem estruturadas no complexo de Édipo. O que é dito é que a raiva seria o fator desencadeante da culpa. Entretanto, a ideia de haver uma culpa pelo ódio pode ser integrada ao Complexo de Édipo, pois além de haver o amor a um dos pais, há o ódio pelo outro. Ou seja, a partir dessa ideia vemos uma ampliação do pensamento freudiano da culpa pelas fantasias masturbatórias estruturadas na vivência edípica, pois elas não incluem somente o fator do desejo incestuoso, mas também a raiva a uma das figuras parentais.

A característica constante da hostilidade nas fantasias masturbatórias e na pornografia é abordada e exemplificada ao longo do livro de Stoller. Ela é demonstrada através de revistas pornográficas, exibicionismo, escopofilia, travestismo, entre outros fetiches. A hostilidade aparece às vezes de modo explícito, e às vezes de modo invisível, como a malícia, o divertimento, a surpresa.

Outro aspecto abordado por Stoller, é o do roteiro das fantasias masturbatórias transformarem “um trauma de infância num triunfo adulto.” (STOLLER, 1998, p. 20). Especificamente, as fantasias masturbatórias são:

(...) - uma tentativa de curar os efeitos de – traumas, frustrações, conflitos e outras condições dolorosas com as quais a pessoa não pode lidar sem mudar seu desenvolvimento. A manifestação visível da cura é o enredo da história da perversão – o elenco de personagens com seus papéis determinados, ação,

argumentos. O roteiro é então representando como um devaneio, na pornografia escolhida ou no mundo real. (STOLLER, 1998, p. 20)

Vemos que as fantasias masturbatórias são também defesas, culminando em um movimento paradoxal. Ela “*parece ser* audaciosa. A pessoa parece assumir um risco ao se aproximar do velho perigo.” (STOLLER, 1998, p. 41). E, ao mesmo tempo: “Ela é também, de outro ponto de vista, covarde: como outros devaneios, finge enfrentar as questões, mas na verdade é usada para evitar a intimidade com os outros e consigo mesmo. A perversão, com todo o seu masoquismo, é a recusa de sofrer.” (STOLLER, 1998, p. 41).

Na fantasia masturbatória, devaneia-se com cenas traumáticas, com humilhações sofridas, e, ao mesmo tempo, tenta-se resolvê-las, achar uma solução vitoriosa para os fatos ocorridos. Na pornografia, isso se evidencia nos enredos dos vídeos, por exemplo: encenações de sexo escondido, transar com a mãe de um amigo, etc.; cenas sempre finalizam em triunfo e orgasmo. Essas fantasias podem ser interpretadas como resoluções vitoriosas do complexo de Édipo.

Outra defesa, que é resolvida nas fantasias masturbatórias e na pornografia é contra a angústia de castração. Como visto no subcapítulo anterior, a castração é o inimigo número um da masturbação, então essa é a defesa mais importante.

Para Stoller, a humilhação se relaciona diretamente com a castração. Ele escreve que no caso dos homens: “Nosso primeiro humilhador é uma mulher.” (STOLLER, 1998, p. 48/49). Entretanto, Stoller vê a ansiedade de castração muito além de uma questão anatômica: “(...), vejo a ansiedade de castração como um nome inapropriado brando para uma ameaça que é mais bem expressa em termos de identidade; pois a humilhação é acerca da ‘ansiedade da existência’, ameaça à identidade de gênero nuclear.” (STOLLER, 1998, p. 33). Para Stoller, a identidade é anterior a questões anatômicas e o que se teme perder é a masculinidade:

A ansiedade de castração contribui para essa evitação [a partir dos cinco anos os homens evitam ver a nudez plena da mulher], mas entenderemos melhor se lembrarmos que a identidade fica atrás da anatomia. Isto é, os homens não receiam a perda dos genitais *per se* (ansiedade de castração) tanto quanto receiam perder sua masculinidade e – ainda mais fundamental – seu senso de virilidade. (STOLLER, 1998, p. 49)

Esse desenvolvimento teórico culmina na ideia de que as fantasias masturbatórias fazem uma roteirização equalizada, balanceando prazer e triunfo contra a castração. É uma fantasia da qual se sai vitorioso, e que depois é encenada na pornografia:

O trauma em cada roteiro de perversão – quer a história seja contada como um devaneio, quer como pornografia, quer como *performance* na realidade – é convertido em triunfo. Os agressores de épocas anteriores são derrotados, desfeitos, incapazes de persistir em seu ataque. Agora, cada novo episódio do trauma é construído de tal modo que a vítima não é derrotada, embora a experiência seja consumada com o uso dos mesmos elementos fundamentais que antes levaram ao desastre. Agora a vítima é o vencedor, e o trauma, um triunfo, o otimismo louco de uma ereção plena. Se a história for bem construída, a pessoa sente-se sem culpa e sem ansiedade [conscientemente]. Nessa repetição brilhante subjaz a idéia de que os antigos agressores foram frustrados e, dessa forma, humilhados – e a humilhação é a experiência fundamental trocada nesses episódios. Ao humilhar, a pessoa se vinga de ter sido humilhada. (STOLLER, 1998, p. 45)

A pornografia é, então, uma reparação, na qual a vítima se torna o vencedor. E, por causa da castração, ela é mais forte nos homens. Isso explica, pelo menos em parte, porque a pornografia é majoritariamente assistida e feita para o público masculino, e também o fato da maioria dos vídeos serem depreciativos com as mulheres, sendo comumente subjugadas e humilhadas em filmes pornô. É uma defesa contra a perda da identidade masculina:

A pornografia masculina – (...) – não retrata as relações entre as pessoas, não descreve desejos pela intimidade emocional, não enfoca afeição e amor. (...). Os homens preocupam-se mais com o êxito do desempenho erótico do que as mulheres e ligam sua potência à masculinidade muito mais do que as mulheres ligam a sua feminilidade. Em quase todas as culturas das quais ouvi falar, as definições de masculinidade tendem a uma direção machista, em que a condição masculina é o medo de ser feminino e é expressa pela capacidade de ser cruel, não comprometido, perigoso fisicamente, não terno e desinteressado da mulher (a pessoa como um todo), em cujos órgãos reprodutivos - uma terra complexa de mistério e miasma – o homem deve supostamente mergulhar. (STOLLER, 1998, p. 48)

Stoller finaliza sua teorização ressaltando que a questão da hostilidade na excitação sexual é: “quando presente, é com frequência um sussurro, não um rugido, e apenas uma parte,

não o todo.” (STOLLER, 1998, p. 55). E que não rejeita, apesar de não se aprofundar, nas “respostas afetivas positivas” (STOLLER, 1998, p. 55). Essas afirmações aparecem como respostas às críticas feitas ao fato de suas ideias apontarem a eroticidade sempre com uma conotação maldosa, visando sempre fazer o mal ao outro.

Perversão - A forma erótica do ódio

Outro livro de Stoller em que aparece o tema da pornografia é *Perversão - A forma erótica do ódio* (2018). Nele, Stoller aprofunda o fato da maioria da pornografia ser direcionada ao público masculino heterossexual:

Contudo, essas pornografias diversificadas têm em comum a evocação de um perigo que é superado (humilhação, angústia, medo, frustração). Neste sentido, toda pornografia provavelmente contenha a psicodinâmica das perversões. Eu defendo a tese de que não existe pornografia que não seja perversa, ou seja, conteúdo sexualmente excitante em que a hostilidade não seja empregada como finalidade. A maior parte das produções pornográficas é endereçada a um público heterossexual, masculino, e como existe uma clientela tão grande, e uma quantidade tão grande dessa pornografia de segundo escalão, este tipo de literatura é “normal” no sentido estatístico de agradar a muitos homens. Portanto, para a maioria dos homens, em nossa sociedade, a pornografia consiste de fotografias de mulheres nua e de atos sexuais retratando a penetração entre homens e mulheres. O fato de essas formas serem comuns, não significa que elas não surjam como soluções para conflito, angústia, frustração e raiva. (STOLLER, 1975/2018, p. 161/162)

Stoller prossegue no tema da hostilidade, diferenciando a normalidade e a perversão patológica:

Eu disse que uma dinâmica essencial na pornografia é a hostilidade. Talvez a diferença mais importante entre a pornografia mais perversa e a menos perversa (“normal”), assim como entre perversão e “normalidade” seja o grau de hostilidade (fantasias de ódio e vingança) que está contido, ou que é liberado, na atividade sexual. Podemos levantar a talvez controversa questão de saber se nos humanos (e especialmente nos homens) uma poderosa excitação sexual poderá jamais existir sem que a brutalidade também esteja presente (seja ela mínima, reprimida, distorcida por formação reativa, atenuada, ou flagrante, nos casos mais patológicos). (...). Será possível que, na

excitação sexual não perversa, a hostilidade inconsciente seja também essencial, e não simplesmente anaclítica? (STOLLER, 1975/2018, p. 164)

Essa teorização explica o porquê a pornografia, sendo considerada machista e tendo um caráter depreciativo com relação as mulheres, é, ao mesmo tempo, assistida cada vez mais. Ela une eroticidade e hostilidade, humilhados viram exaltados, medos se tornam vitórias.

Stoller reforça que: “Existe sempre uma vítima, não importa quão disfarçada ela esteja: se não houver vítima, não é pornografia.” (STOLLER, 1975/2018, p. 134). É fácil constatar roteiros depreciando o outro (normalmente a mulher), mas a generalização de Stoller nos dificulta analisar as exceções. Vídeos onde há somente um personagem se masturbando, possuem uma vítima? Stoller responde:

(...) é possível, também, que um quê de picante seja acrescentado, pela fantasia da cena primal de uma criança que consegue levar a melhor e assistir ao que não deveria; e, talvez, um sentimento de superioridade, por fazer parte da audiência e, portanto, não estar exposta a nenhum perigo. As vítimas então são os “adultos” cuja ausência de onipotência se comprova, uma vez que não sabem que estão sendo observados. (STOLLER, 1975/2018, p. 163/164)

Stoller finaliza o tema da pornografia no livro, teorizando sobre a possível origem da hostilidade:

Será que alguém poderia fornecer exemplos de comportamentos, na excitação sexual, em que, pelos menos em humanos do sexo masculino, a hostilidade, disfarçada na fantasia, não seja parte da potência? Já nos habituamos com uma situação familiar em que a hostilidade sobrepujada é essencial para funções normais, pois sabemos que o desenvolvimento normal exige que os bebês sejam cada vez mais frustrados, a fim de possibilitar a separação, que resultará nas funções egoicas e na identidade do ego, necessárias para se lidar com o mundo externo. Este processo, que usa a frustração como ferramenta essencial, cria um reservatório de raiva inconsciente; saber lidar com esta raiva ajuda a determinar o desenvolvimento da personalidade, se bem sucedida ou se mal ajustada. A dominação, a mais gratificante das experiências, e que frequentemente acontece como um acerto de contas, uma compensação pela frustração que foi passivamente suportada, atua através da criação de fantasias, de estruturas de caráter ou de modos de atividade que, em sua forma mais primitiva, são brutais; mas que, filtradas por

um processo de sublimação, podem terminar consideravelmente destituídas de seu ódio original.

Se a hostilidade pudesse ser totalmente excluída da excitação sexual, não existiriam perversões; mas que quantidade de sexualidade amorosa poderia ser possível? As diferenças entre cada uma das perversões, e entre os diferentes tipos de perversão e o comportamento sexual mais comum, pode ser que se encontre nas diferenças específicas, em termos de frustrações e gratificações (frequentemente determinadas pela sociedade, mas aplicadas pelos pais, e especialmente pela mãe) que foram vivenciadas pelo bebê, na primeira infância, e pela criança, na infância. (STOLLER, 1975/2018, p. 164/165)

Considerando-se todo o desenvolvimento apresentado até o presente momento, é possível concluir que as fantasias masturbatórias e a pornografia merecem mais atenção por parte dos analistas, tanto teórica quanto clinicamente. Freud disse que os sonhos são a via régia para o inconsciente. A partir desses desenvolvimentos, vemos que as fantasias masturbatórias e a pornografia podem ser um atalho para o inconsciente. Nas palavras de Stoller:

(o caminho real para os processos inconscientes através dos sonhos está cheio de vias subterrâneas, desvios, sinalização imperfeita, motoristas loucos e pontos moles onde viajantes desprevenidos afundam sem deixar rastro. Devaneios, tais como a pornografia, são uma rota menos romântica com menos visões psicodélicas, mas você ficaria surpreso com sua eficácia em levar-nos até lá). (STOLLER, 1998, p. 230)

Pornografia e Defesas

Para Stoller, as fantasias masturbatórias e a pornografia têm que excitar em sua comunicação, para isso, elas não podem ser muito explícitas em relação aos desejos e medos:

Quando o criador (artista, pornógrafo, masturbador) embala bem seu produto, sua audiência (que inclui ele mesmo) é também afetada, e mais ou menos pelas mesmas razões do criador. O truque é evitar que brote demasiado *insight* em ambas as partes, pois – o mecanismo compreendido – não haveria excitação, apenas sabedoria (ou estímulos e prazeres sem adornos, ou culpa, angústia, raiva, desespero, tédio). (STOLLER, 1998, p. 74)

Ou seja, as fantasias masturbatórias e os vídeos pornográficos são feitos “simultaneamente para disfarçar e comunicar” (STOLLER, 1998, p. 74). É necessário achar um equilíbrio, pois caso ocorra muita consciência, muita clareza, a excitação sumiria. A tensão não pode provocar risco, deve haver uma segurança: “Por fatores de segurança entenda-se aos elementos na história usados para disfarçar a dinâmica subjacente que estou descrevendo, de modo que o processo que leva à vivência da excitação não seja interrompido por angústia ou culpa não planejadas.” (STOLLER, 1998, p. 75). Por exemplo, os termos Milf (Mother I Like to Fuck) ou Stepmother (madrasta) são mais procurados nos sites pornô, do que relação sexual direta entre mãe e filho. O disfarce favorece a excitação e a procura.

Stoller teorizou que as fantasias masturbatórias e a pornografia possuem uma limitação, elas estão sujeitas à força do retorno do reprimido, que em certos momentos pode ser muito explícito, rompendo a excitação. Entretanto, através dos textos de Meyer (2008) e de Galatzer-Levy (2012), podemos teorizar *que a pornografia da atualidade possibilita mais defesas do que as fantasias masturbatórias*. Ela viabiliza mais possibilidades de defesas frente as angústias e forças psíquicas, podendo aplacar uma tensão que as fantasias masturbatórias imaginadas podem não conseguir. Nas palavras de Neto e Ceccarelli:

Se o mundo fantasmático do sujeito for de difícil acesso, sentido como ameaçador ou proibido, a pornografia pode ser um expediente oportuno que, além de aliviar a tensão interna, propicia a vivência da sexualidade que inconscientemente protege tanto o sujeito quando o(a) “parceiro(a) fantasiado(a)” de moções pulsionais fantasmaticamente sentidas como incestuosas e/ou destrutivas. (RIBEIRO NETO; CECCARELLI, 2015, p. 17)

Para analisar esse pensamento, utilizei o texto *Um paradoxo vital: ódio e respeito à realidade psíquica* (2008), de Luiz Meyer. Ele desenvolve a ideia do vídeo pornográfico como modo de defesa. Porém, seu texto foi originalmente publicado em 1994, antes da explosão da pornografia na internet. Para uma abordagem mais atual, utilizei o artigo *Obscuring Desire: A Special Pattern of Male Adolescent Masturbation, Internet Pornography, and the Flight From Meaning* (2012) de Robert M. Galatzer-Levy. Nele, vemos que com a evolução da tecnologia existem ainda mais possibilidades de defesas psíquicas. Desse modo, o texto de Meyer é uma “mureta”, e o texto de Galatzer-Levy, que inclui a pornografia da internet, uma “barricada”.

Para explorarmos as defesas que as imagens pornográficas possibilitam, para além das fantasias masturbatórias, iniciamos com a pergunta: Defesas contra o quê? As respostas seriam encontradas no Complexo de castração e no Complexo de Édipo. Ou seja, defesas contra o

medo da castração, da raiva contra as figuras parentais e da culpa pelos desejos incestuosos. Através de recursos como: roteiros específicos, exaltação do pênis, controle das cenas pornográficas, des-identificações e a atriz pornô como mãe sexualizada; é possível a criação de defesas que amenizam a culpa, a raiva e o medo.

Complexo de castração

Na revisão teórica do tema da masturbação, ao longo da obra de Freud, vê-se que no período final ela é muito relacionada a castração. A teoria freudiana diz que o menino abandona o Édipo por medo da castração. Ele renuncia ao prazer em favor de manter o seu pênis (FREUD, 1924/2011, p. 206). Na fase adulta, a angústia de castração retorna, culminando sempre no entrelaçamento de prazer e medo.

A pornografia pode aplacar o medo da castração, que acompanha as fantasias masturbatórias? Uma resolução que contempla desejo e resistência é formulada no texto *Um paradoxo vital: ódio e respeito à realidade psíquica* (2008), de Luiz Meyer. Nele, Meyer indaga sobre o roteiro comum encontrada na pornografia:

A coisa progride dentro do que seria o esperado e, após certo tempo, aparece um *close* da penetração, cuja movimentação progressiva sugere a iminência do orgasmo. Porém, nesse momento, o coito é interrompido. O pênis é retirado enquanto a parceira é deslocada para um plano secundário ou usada apenas como suporte físico; e o ator, como que se dirigindo à câmera, masturba-se um pouco, ou nem isso, sendo então mostrada a ejaculação. (MEYER, 2008, p. 213)

Por que o desfecho final da cena é sempre feito desse modo? Por que raramente se ejacula na penetração? Meyer, já no início do texto, teoriza que os propósitos desse roteiro contínuo são: “a) desqualificar a relação sexual genital, apresentada como forma de prazer desvalorizada; b) erigir o pênis como único detentor do meio para obtenção do gozo, conferindo-lhe portanto o primado da sexualidade (...).” (MEYER, 2008, p. 213/214)

A sequência roteirizada continuamente, pretende “mostrar o triunfo sobre o medo da castração” (MEYER, 2008, p. 214). Para Freud (1925;1927), o complexo de castração surge quando o menino tem a visão do genital feminino desprovido de um pênis. No menino, há inicialmente a fantasia de que todos os seres humanos possuem o mesmo genital, o primado do pênis. Ao olhar o genital feminino, o menino conclui que ela foi castrada. Na dedução do menino, a castração ocorreu por uma punição, por um castigo. Diante da crença, de que as

mulheres possuíam um pênis, mas o perderam. Desperta-se no menino o medo de que ele também venha a perder o seu próprio genital. Frente à angústia dessa conclusão, tem-se a recusa (*Verleugnung*) e o descrédito dessa possibilidade. Ao crescer, por meio do retorno do reprimido, a angústia de castração sempre reaparece, mostrando-nos que “a angústia masculina é o avesso do prazer de fantasiar. Com efeito, não existe prazer edipiano sem a contraparte: a angústia de desejar e de ser punido por isso” (NASIO, 2007, p. 34).

Ao assistir ao vídeo pornô, “o espectador engajado num desafio edipiano, do qual o filme é suporte, espectador que está identificado projetivamente com o ator (...)” (MEYER, 2008, p. 214). Culmina-se na reafirmação da defesa da castração através da exibição constante do pênis sem danos.

Também por esse motivo a visão do sexo feminino, nas palavras de Meyer: “(...) dá origem a uma angústia intensa e aciona um movimento para a recusa dessa percepção, o que é feito através da criação de um substituto – o fetiche – que mantém a crença na existência do pênis na mulher e funciona como “prova” que propicia triunfo e proteção contra a castração”. (MEYER, 2008, p. 214)

Mas qual seria esse fetiche? No *close* que isola os genitais na tela, “perde-se a noção de quem tem o quê, do que é de quem” (MEYER, 2008, p. 214), e na recusa da castração conclui-se que no roteiro da cena “ao espectador aterrorizado é oferecida uma solução feticista na qual, singularmente, o pênis surge como fetiche de si mesmo” (MEYER, 2008, p. 214). O roteiro visa então a uma exaltação e idealização de tornar o pênis o único genital e “destruir a percepção da existência da diferença sexual” (MEYER, 2008, p. 215).

Outra defesa contida no roteiro e no ato de assistir filmes pornográficos é no lapso da “cena primitiva ou primária” (FREUD, 1918/2010). Nela, a relação sexual dos pais é um enigma, uma lacuna preenchida pelas fantasias que tentam sanar o sentimento de incompreensão. O *não-saber* se alastra a sentimentos de incapacidade, impotência, insuficiência, inadequação e frustração. E “o complexo de castração é acentuado por esse sentimento de ignorância” (KLEIN, 1928 apud MEYER, 2008, p. 216)

Essas sensações são aplacadas pelo *saber* exposto no filme pornô:

(...), o pênis hipervalorizado surge como uma afirmação de um saber dominado (...). Mas não é só isso: afirma simultaneamente sua capacidade de regular o prazer orgástico, de não se deixar levar pela excitação, de submetê-la a um tempo próprio, de estar livre da imposição feminina e de ser o único a ter prazer. (MEYER, 2008, p. 216)

O filme pornográfico, para além de um roteiro previsível, traz um controle. Mesmo que ocorram reviravoltas no enredo, o filme pode ser pausado, adiantado, rebobinado; ou seja, é uma situação controlada. O próprio coito interrompido, comum no roteiro, demonstra esse controle – além de aprofundar a identificação projetiva com o espectador, que provavelmente estará se masturbando no momento.

A anulação da diferença sexual e a reverência ao primado sexual do pênis, mostrando-o como unívoco, afirma uma defesa a um evento de extrema importância na constituição do sujeito: “Sobre a sexualidade e seu papel fundante na identidade do sujeito nada haveria a indagar uma vez que tudo está ali, à mostra: o pênis é o senhor e único; é ‘em si’.” (MEYER, 2008, p. 219).

Meyer demonstra que a pornografia auxilia na defesa contra a angústia de castração, ela cria mais uma muralha de contenção, para a exploração do desejo. Reforçando uma solução que equaciona e harmoniza desejo e repressão: “Seu papel mercantil não é, como poderia se pensar à primeira vista, o de produzir a excitação sexual, mas o de propor um engodo sob forma idealizada, um texto pré-fixado, ilusório, que, ao prometer uma satisfação sempre alcançável, funciona como proteção onipotente” (MEYER, 2008, p. 221). Talvez por isso a pornografia seja mais popular entre os homens.²³

Concluimos que a pornografia pode ser uma defesa frente ao complexo de castração, possibilitando ao indivíduo melhor suportar seus desejos eróticos. A fantasia gera prazer e angústia, em contrapartida, a pornografia pode equacionar prazer e castração em medidas mais harmoniosas, fornecendo, através de defesas, um equilíbrio que o fantasiar não consegue proporcionar. Isso acontece não só pelo roteiro, mas também por outros fatores que possibilitam

²³ Enquanto Meyer trabalha a questão do pênis relacionado a castração, Stoller conclui que a castração não se relaciona somente ao pênis, mas à masculinidade: “(...), ao introduzir a questão da ameaça à masculinidade ou à feminilidade da pessoa, (...): o medo de que a noção de pertencimento a um determinado sexo, já constituída, possa ser destruída. Nos círculos analíticos, chamamos a isto “angústia de castração”; mas o termo é muito estreito, pois a pessoa teme mais do que a perda de seus genitais. Significa, antes, que se a pessoa perder seus genitais, isto poderá significar uma perda mais profunda: a pessoa não pertencerá mais à classe masculina, convicção que está enraizada no âmago de seu ser.” (STOLLER, 1975/2018, p. 145). Stoller explora o pênis enquanto identidade. O medo nesse caso não é de perder o pênis, mas de deixar de ser homem: “(...), vejo a ansiedade de castração como um nome inapropriado brando para uma ameaça que é mais bem expressa em termos de identidade; pois a humilhação é acerca da “ansiedade da existência”, ameaça à identidade de gênero nuclear.” (STOLLER, 1998, p. 33).

esse sucesso. Esses fatores foram citados ao longo do texto, são *o controle e a identificação*, e serão explorados mais à frente.

Pensando no desenvolvimento teórico de Meyer, também podemos lembrar Stoller em que a pornografia é uma vitória perante à castração. Unindo as duas concepções, a pornografia seria uma defesa e uma tentativa de avanço. Um escudo e uma espada ao mesmo tempo.

Annie Reich explorou essa duplicidade no seu artigo *The Discussion of 1912 on Masturbation and Our Present-Day Views*. Ela escreveu sobre a masturbação ser uma defesa à regressão e, ao mesmo tempo, uma tentativa de vencer a castração e prosseguir na fase fálica.

Nesse artigo, falando especificamente sobre o *Debate de 1912*²⁴, ela escreveu como foi ressaltado a importância da masturbação genital por alguns autores:

A importância central da masturbação infantil e da luta contra ela, para todo o desenvolvimento posterior, recebeu o devido peso na Discussão; especialmente por Federn e Tausk. Esse último destacou que após a repressão dos conteúdos genitais ocorre uma regressão das fantasias à pré-genitalidade. As teorias sexuais de crianças pequenas, que muitas vezes apresentam uma forte coloração pré-genital, são fantasias de masturbação modificadas. Federn, contudo, enfatizou que, às vezes, a persistência da masturbação genital preserva a criança da regressão para esforços pré-genitais e sádicos e previne o desenvolvimento de patologias graves. Aqui, Federn insinuou a importância de preservar o nível de desenvolvimento genital. (REICH, 1951, p. 87/88, tradução nossa)²⁵

Esse pensamento original é de extrema importância porque mostra a masturbação genital como uma tentativa de manter o desenvolvimento perante às forças da regressão. A masturbação se torna uma defesa mantendo a genitalidade, e afastando substitutos da masturbação, como fetiche ou sintomas compulsivos (pré-genitais), causados pela regressão.

Annie Reich continua:

Hoje sabemos que nos anos que se seguem, mais frequentemente na puberdade, pode haver um retorno da atividade pré-genital da fantasia à masturbação

²⁴ *O debate sobre a masturbação* (FREUD, 1912/2010).

²⁵ No original: “The pivotal importance of infantile masturbation and of the struggle against it, for the whole later development, was given due weight in the Discussion; particularly by Federn and Tausk. The later pointed out that after the repression of genital contents, there occurs a regression of the fantasies to pregenitality. The sexual theories of little children, which often show a strongly pregenital colorization, are such modified masturbation fantasies. Federn, however, emphasized that sometimes the persistence of genital masturbation preserves the child from regression to pregenital and sadistic strivings, and prevents the development of serious pathology. Here Federn implied the importance of preserving the genital level of development.”

genital. Mas essas atividades aparentemente genitais ainda são frequentemente acompanhadas por fantasias pré-genitais inconscientes. As peculiaridades do método de masturbação muitas vezes revelam o núcleo pré-genital da atividade. A reação de culpa do ego é muitas vezes intensificada nesses casos, pois consiste na fusão do medo da punição pela atividade genital (ansiedade de castração) com ansiedades anteriores e arcaicas. Para dar um exemplo: em uma paciente, a masturbação era acompanhada de “limpeza” dos órgãos genitais; isto é, pela remoção de secreção genital ou resíduo de sangue menstrual, que era examinado e cheirado como um substituto de colocá-lo na boca. As fantasias ocultas anale orais são óbvias. (REICH, 1951, p. 88, tradução nossa)²⁶

Nesse trecho, Reich mostra uma harmonização da masturbação unindo pré-genitalidade e genitalidade através dos métodos de masturbação e das fantasias masturbatórias. Frente ao medo da castração pode ocorrer uma regressão. A masturbação se une a prazeres pré-genitais impedindo uma regressão total. Devemos pensar que, com a pornografia, esse movimento continua. O ato masturbatório acompanhado da pornografia pode ser uma forma de se defender da regressão. Uma forma de defesa e ao mesmo tempo uma tentativa de avanço.

Será que essa análise serve para o roteiro pornográfico analisado por Meyer, em que a ejaculação no final dos filmes é feita na boca da atriz pornô? Seria essa, uma forma não só uma defesa do medo da castração, mas também uma tentativa de a superar?

Pornografia na internet

Seguiremos na análise das possibilidades de defesas propiciadas pela pornografia, mas com uma atualização. Na teorização de Stoller, as fantasias masturbatórias e a pornografia se relacionavam diretamente. Em suas ideias, ele pensava na pornografia em suas várias modalidades: livros, revistas, estátuas, filmes, etc., entretanto, Stoller faleceu em 1991, não vivenciando as novas tecnologias que se seguiram. A teorização de Meyer é feita em 1994, na qual ele priorizava os vídeos pornográficos, não se referindo a outras modalidades. Em Meyer,

²⁶ No original: “Today we know that in later years, most often in puberty, there may be a return from the pregenital activity of fantasy back to genital masturbation. But these apparently genital activities are frequently found to be still accompanied by unconscious, pregenital fantasies. Peculiarities of the method of masturbation often reveal the pregenital core of the activity. The ego reaction of guilt is often intensified in these cases, as it consists of a fusion of the fear of punishment for genital activity (castration anxiety) with earlier, archaic anxieties. To give an example: in a woman patient, masturbation was accompanied by “cleansing” of the genitals; i.e., by removal of genital discharge or residue of menstrual blood, which was looked at and smelled as a substitute for putting it in the mouth. The underlying anal and oral fantasy is obvious.”

uma distância se abre entre as fantasias masturbatórias e a pornografia, com a ideia de o vídeo pornô ser uma defesa mais eficaz contra a castração do que as fantasias masturbatórias. No artigo de Robert M. Galatzer-Levy, de 2012, ele trata especificamente dos vídeos pornôs encontrados na internet, que podem ser assistidos no computador ou no celular. Galatzer-Levy teoriza que a pornografia na internet aumenta as possibilidades de defesas. Nesse caso, a separação entre fantasias masturbatórias e a pornografia aumentam, pois as ferramentas proporcionadas pela internet possibilitam um maior distanciamento:

A ansiedade quase universal associada à masturbação, manifestada em sentimentos conscientes de vergonha, medo de ser apanhado, desaprovação moral e humor condenatório adolescente quase universal, é mais bem entendida como uma resposta à percepção de que o ato físico da masturbação é normalmente acompanhado por fantasias vívidas. Essas fantasias são normalmente explicadas de forma consciente como parte de uma tentativa mais ou menos deliberada de aumentar a excitação sexual, mas a queixa não-incomum de coisas indesejáveis que vêm à mente do masturbador e um sentimento comum de ser incapaz de controlar a fantasia da masturbação sugerem que a situação é, de fato, muito mais complexa do que a simples seleção de imaginações eróticas como uma ajuda para a estimulação sexual. O fato de estar sexualmente excitado desloca o funcionamento mental não só para uma maior atenção aos assuntos sexuais, mas também em termos de pensamento sobre o que é desejável. (...).

A pornografia na internet pode ter uma função diferente na vida de alguns rapazes adolescentes. Ela pode ser usada para apagar a evidência dos seus desejos sexuais particulares, (...). (GALATZER-LEVY, 2012, p. 487, tradução nossa)²⁷

A pornografia na internet possibilita mais ferramentas de defesas do que antigamente. Ou seja, frente as novas tecnologias, surgem também mais modos de proteção dos desejos

²⁷ No original: “The nearly universal anxiety associated with masturbation manifest in conscious feelings of shame, fear of being caught, moral disapprobation, and near-universal adolescent condemnatory humor is best understood as a response to the awareness that the physical act of masturbation is ordinarily accompanied by vivid fantasies. These fantasies are ordinarily consciously explained as part of a more-or-less deliberate attempt to increase sexual arousal, but the not-uncommon complaint of things coming into the masturbator’s mind that are unwelcome and a common sense of being unable to control the masturbation fantasy suggest that the situation is, in fact, far more complex than the simple selection of erotic imaginings as an aid to sexual stimulation. The fact of being sexually aroused shifts mental functioning not only to more attention to sexual matters, but also in terms of thinking about what is desirable. (...).

Internet pornography may serve a different function in the lives of some adolescent boys. It may be used to erase evidence of their particular sexual desires, (...).”

sexuais. Ocorre a possibilidade de o desejo ficar mais obscurecido, suprimindo possíveis angústias que viriam da conscientização dele. (GALATZER-LEVY, 2012, p. 485).

Antigamente, a pornografia não era tão abundante e acessível. Como foi mencionado na Introdução, Ribeiro Neto (2017, p.18), conclui que três fatores são advindos da pornografia na internet: *a facilidade de produção, o aumento da quantidade de vídeos e a facilidade de acesso*. Claudia Spadazzi adiciona o fator do *anonimato* à equação (2023, p. 20). Esses fatores são cruciais para explicar como se formou a pornografia digital.

Dentre os fatores apresentados, *a facilidade de acesso, o anonimato e o aumento da quantidade de vídeos encontrados na internet*, possibilitam mais defesas do que era possível antigamente. Através desses três fatores novas possibilidades de defesas surgem ou se exacerbam. As opções de defesas que serão trabalhadas a seguir são: *o controle, a desidentificação e a cisão feminina*.

Veremos que, através dessas defesas, a pornografia na internet da atualidade consegue criar uma distância na conscientização dos próprios desejos eróticos. No caso da pornografia antes da internet ou das fantasias masturbatórias, isso seria mais difícil de se fazer. Ou seja, a internet possibilitou uma maior obscuração do próprio desejo. Nas palavras de Galatzer-Levy:

Sendo uma espécie de mundo à parte, a pornografia (...) protege contra os perigos duplos de se confessar uma fantasia erótica criada pelo próprio e, na medida em que é considerada como existindo num mundo semelhante a outros dramas televisivos e cinematográficos, o jovem é protegido da percepção de que pode realizar as suas fantasias. (GALATZER-LEVY, 2012, p. 485/486, tradução nossa)²⁸

Controle

Uma das defesas que se intensifica na atualidade é o controle. Stoller define que: “A excitação é incerteza; a certeza traz prazer, dor ou nenhuma resposta, mas não excitação.” (STOLLER, 1998, p. 67). Porém, essa excitação precisa estar na medida certa. Muita incerteza cria “medo/terror/pânico” (STOLLER, 1998, p. 67) e certeza demais cria “aborrecimento” (STOLLER, 1998, p. 67).

²⁸ No original: “Being a kind of separate world, pornography (...) protects against the dual dangers of avowing a selfcreated erotic fantasy and, to the extent that it is regarded as existing in a world similar to other television and cinema drama, the youngster is protected from the realization that he might enact his fantasies.”

Meyer escreve que o roteiro padronizado dos filmes pornôz traz mais controle à situação. Esse controle aplaca a angústia frente ao não-saber. Desse modo, a pornografia permite a escolha do roteiro e dos personagens, sem o receio da situação “sair do controle”. Ela permite uma excitação na medida exata, protegendo das incertezas extremas da realidade. A medida perfeita entre risco e segurança. Nas palavras de Stoller:

Realidade demais é exatamente demais. Mas quando podemos controlar sua dosagem – quando podemos escrever o roteiro, contratar os atores e dirigir a representação – o campo da excitação está preparado. Fazemos isso nos devaneios, nas obras de arte, na pornografia e nos inumeráveis roteiros que se desenrolam para nós diariamente no que chamamos de realidade. (STOLLER, 1998, p. 67)

No mundo real, corre-se o risco de descontrole, enquanto na fantasia, há uma “dosagem controlada”, culminando em mais possibilidades de ocorrer uma excitação. Stoller ressalta que a excitação erótica necessita dessa encenação para se atingir a harmonia entre controle e tensão:

A excitação não é a resposta à antecipação do perigo real com o resultado ainda incerto? Depende. Para as excitações que estamos discutindo aqui (excitações estéticas), a situação é encenada – arranjada, produzida (no sentido editorial ou teatral) – pelo indivíduo. Tem-se a idéia, esboça-se o enredo, escolhe-se o elenco, escreve-se o roteiro detalhado e monta-se a produção. (STOLLER, 1998, p. 68)

E no caso específico da pornografia: “Se o tema for erótico e tiver a intenção de excitar, o produto, se editado, é pornográfico.” (STOLLER, 1998, p. 69). Ou seja, a excitação pornográfica pode ser definida como um pseudorisco, um pseudoperigo, onde, ao assistir vídeos de enredos que excitam a pessoa, não há um risco genuíno: “Por risco entenda-se a representação do risco, que é na verdade pseudorisco: o personagem principal da história corre risco, mas o devaneador, embora se identificado com o personagem principal, não corre risco algum.” (STOLLER, 1998, p. 75)

Stoller une os fatores do controle, como risco e segurança, às outras defesas desenvolvidas até o momento:

A excitação erótica, como se dá em suas formas estéticas – por exemplo, pornografia, devaneios privados, psicodramas encenados com prostitutas ou cônjuges ou outros participantes disponíveis – é criada e/ou realçada para a

maioria das pessoas quando se produziu um roteiro no qual a incerteza do desfecho é retratada, quando o perigo é possível e deve-se trabalhar no sentido de impedir um mau desfecho. Esse trabalho – mecanismos estéticos – consiste em roteirizar tais elementos em maior ou menor quantidade: fatores de segurança, mistério, segredos, risco, ilusão, reversão de trauma ou frustração para triunfo, vingança e desumanização/fetichização (STOLLER, 1998, p. 75)

Vemos que o controle, na atualidade, se exacerba. Na atualidade, é possível que o espectador defina *o que quer assistir*, devido ao enorme cardápio pornográfico existente; *quando quer assistir*, devido à facilidade de acesso da pornografia digital contemporânea e *sem ninguém ficar sabendo*, devido ao anonimato. Consequentemente, ao atualizarmos suas teorias, pornografia e fantasias masturbatórias se distanciam, sendo possível na pornografia na internet, ter mais controle. Há ainda nos resta a pergunta: Até qual ponto o controle na atualidade pode se exacerbar sem que a excitação se perca?

(Des)Identificação

Outro tema abordado por Meyer na pornografia é o da identificação (MEYER, 2008, p. 214). Ele também, ao ser atualizado, possibilita uma exacerbação dessa defesa, principalmente pelo fator atual do anonimato. Há alguns anos atrás, era necessário ir a uma locadora ou banca de jornal para comprar ou alugar uma fita VHS ou DVD. Era necessário, minimamente, implicar-se nesse processo, pois, além do gasto financeiro, não havia possibilidade de anonimato; a compra ou locação teria que inevitavelmente passar por outras pessoas. Atualmente, isso não é mais necessário.

Mesmo em sua época, Stoller já criticava a negação da identificação:

O que me incomoda é menos o fato de teatralizarmos nossas excitações do que o de negarmos que o fazemos. Negamos que somos responsáveis por nossos enredos, crenças, roteiros. Desse modo, alegamos ser inocentes ou ao menos ignorantes; não sabemos, dizemos, o que estamos fazendo (STOLLER, 1998, p. 73)

A negação da responsabilidade se trata da recusa da identificação, que pode ser usada como defesa. Utiliza-se o fato de ser outro que atua as fantasias sexuais e não a própria pessoa. Há uma identificação nesse processo, mas ela pode ser recusada.

Pensando mais profundamente, para além do reprimido, temos a cisão e a identificação projetiva. Na identificação projetiva: “(a) o sujeito *des*-identifica um aspecto de si mesmo e (b) transloca este aspecto *des*-identificado para o (a imagem do) objeto, que então se torna *identificado* com ele na opinião do *sujeito que projeta*” (GROTSTEIN, 2017, p. 419).

Nesse processo defensivo e evacuatório, o insuportável é projetado para o mundo externo, é externalizado; porém Grotstein ressalta que “não pode haver projeção sem intercâmbios obrigatórios de identificação” (GROTSTEIN, 2017, p. 421). Algo do sujeito é projetado e, em sequência, identificado, vinculando-se ao objeto ou fantasia. Nas palavras de Grotstein:

A identificação projetiva (...) constitui exclusivamente uma *fantasia intrapsíquica inconsciente* na qual o sujeito que projeta acredita onipotentemente que cindiu inconscientemente algum ou vários aspectos subjetivos de si que ele então acredita que ocupam e controlam o objeto e que, deste ponto em diante, caracterizam a natureza percebida do objeto, e não mais o *self*. Embora o sujeito recuse a propriedade dos aspectos cindidos (*des-identificados*), esses mesmos aspectos cindidos e projetados – agora associados ao (identificados com) o objeto – *não* recusam *sua* conexão com o sujeito. (GROTSTEIN, 2017, p. 422)

Por meio da cisão da identificação projetiva, a pessoa pode assistir outra pessoa atuando suas próprias fantasias sexuais sem a consciência e a angústia lhe afligirem. Nessa situação, *a pessoa assiste a vídeos nos sites pornográficos, porém recusa inconscientemente serem suas fantasias sexuais.*

Na identificação projetiva, existem algumas possibilidades de que o sujeito (inconscientemente) acredita que projeta. Dentre essas possibilidades, das quais podemos relacioná-las a pornografia, são: 1) “aspectos bons ou maus do self subjetivo, os quais incluem boas e/ou más emoções e bons e/ou maus objetos internos” (GROTSTEIN, 2017, p. 437); a identificação projetiva dos aspectos maus, se relacionam à agressividade na pornografia. 2) “modos de relacionamento (sadismo, masoquismo, voyeurismo, exibicionismo e assim por diante)” (GROTSTEIN, 2017, p. 437), juntamente as expectativas onipotentes e a obrigação de concordância do objeto ao seu determinado papel. Nesse caso, a concordância da posição submissa da mulher no sadismo e a onipotência masculina constante na pornografia se relacionam a essa possibilidade de identificação projetiva. 3) Por último, o objeto que recebe a projeção é revestido com a qualidade da “intencionalidade” (GROTSTEIN, 2017, p. 437), tem-

se uma vontade que é incapaz no próprio sujeito. A pessoa pensa: “Quem quer é o sujeito do vídeo pornô, e não eu.”

Também na identificação projetiva há a ideia de um retorno das partes desidentificadas. Há uma “necessidade inconsciente paralela do sujeito de atingir a integração” (GROTSTEIN, 2017, p. 423). Ao mesmo tempo que se evacuam as partes insustentáveis de si, existe a tentativa de introjetá-las no Eu novamente.

Conclui-se que, na identificação projetiva é possível ter prazer sem se angustiar pela identificação de uma cena. Dessa maneira, a pessoa que assiste a vídeos pornográficos, oscilará dentro de *um espectro entre a identificação (mais próxima do consciente) e a recusa e desidentificação com a cena pornográfica assistida (identificação projetiva)*.

Na pornografia digital, um dos aspectos que potencializa essa defesa é o anonimato. A possibilidade de não se expor para se conseguir um vídeo permite mais facilmente uma desidentificação, pois não envolve gastos financeiros e atravessamento de outras pessoas, como o atendente da locadora de vídeo ou da banca de jornal. Nas palavras de Galatzer-Levy:

Dito de forma mais simples, se, enquanto se envolve na fantasia, uma pessoa puder dizer a si própria que o artefato cultural com que se envolveu não é realmente sua escolha, é possível se distanciar ainda mais da sua própria fantasia.

A pornografia na internet é um artefato cultural cujo significado pessoal pode ser facilmente negado. Grande parte do seu conteúdo é concebido para minimizar a referência a fantasias complexas, limitando, de fato, a atenção aos órgãos genitais ou partes do corpo em funcionamento, em detrimento de qualquer narrativa significativa ou de um conteúdo de fantasia mais elaborado. (GALATZER-LEVY, 2012, p. 492, tradução nossa)²⁹

Até o momento, trabalhamos a desidentificação como defesa. Porém nos perguntamos, contra o que ela se defende? Os espectadores assistem aos vídeos pornográficos e em alguns casos haverá uma identificação consciente com os atores e com a cena pornô. Em outros haverá uma identificação projetiva inconsciente que pode culminar numa recusa de identificação com a cena. *A desidentificação pode ser uma defesa em relação a culpa e/ou em relação ao medo*

²⁹ No original: “Put more simply, if, while engaging in fantasy, a person can say to himself that the cultural artifact he has engaged is not really of his choice, he can further distance himself from his own fantasy.

Internet pornography is a cultural artifact the personal meaning of which can be readily disavowed. Much of its content is designed to minimize reference to complex fantasy to, in effect, limit attention to functioning genitalia or body parts at the expense of any meaningful narrative or more elaborated fantasy content.”

da castração. Em relação à culpa, a desidentificação aplacaria a angústia pelos desejos edípicos incestuosos. Haveria uma recusa de introjetar os desejos expostos no vídeo pornográfico com o qual o espectador se identifica.

No caso da desidentificação relacionada ao medo da castração, temos como um exemplo o paradoxo dos transgêneros no Brasil:

O Brasil ficou no décimo lugar entre os países que mais acessaram o Pornhub em 2017, e segue sendo uma das nações que mais busca por vídeos com travestis, sendo que esse tipo de busca, por aqui, é 84% maior do que no restante do mundo. Vale lembrar que o nosso país é um dos que mais matam travestis e pessoas transexuais no globo, enquanto é o país que mais consome pornografia com pessoas não cisgêneras. (CANALTECH, 2018, não paginado)

No site *Pornhub.com*, em 2022, “brasileira” foi o segundo termo mais procurado e “Brazilian” foi a segunda categoria mais visitada (mostrando a identificação na procura dos vídeos pornográficos). A primeira categoria mais procurada foi “Transgender”, mostrando como a citação anterior, apesar de ser de 2017, ainda é atual (PORNHUB, 2022).

No texto *A cisão do Eu no processo de defesa* (1938), Freud aponta a cisão do Eu como uma das defesas contra a castração. Nesse caso, ocorre um paradoxo em que duas realidades podem ocorrer concomitantemente:

O Eu da criança, então, estaria a serviço de uma forte exigência instintual que está acostumado a satisfazer, e repentinamente é assustado por uma experiência que lhe ensina que a continuação desta satisfação terá por consequência um perigo real intolerável [castração]. Então ele deve decidir: ou reconhece o perigo real, curva-se diante dele e renuncia à satisfação instintual, ou recusa a realidade, querendo crer que não há razão para temor, a fim de poder prosseguir com a satisfação. (...). Mas a criança não faz nenhuma dessas duas coisas, ou melhor, faz ambas simultaneamente, o que resulta no mesmo. (...). Por um lado, rejeita a realidade, com o auxílio de determinados mecanismos, e não aceita nenhuma proibição; por outro lado, reconhece o perigo da realidade, admite a angústia diante dele como sintoma de sofrimento e procura então defender-se. (...). Os dois partidos em luta receberam o seu quinhão; o instinto pode manter sua satisfação, e à realidade se tributa o devido respeito. Mas sabemos que tudo tem seu preço, (...). O êxito foi alcançado à custa de uma fissura no Eu que não se curará jamais, e que aumentará com o tempo. As duas reações opostas ao conflito prosseguem existindo como núcleo de uma cisão do Eu. (FREUD, 1938/2018, p. 346/347)

A ameaça de castração nesse caso é recusada e a criança pode se masturbar sem medo. Conclui-se que a simultaneidade do Brasil ser o país que mais assiste pornografia transgênero e um dos que mais mata pessoas transgênero, só é possível através de uma cisão no Eu e de um processo de desidentificação.

Cisão feminina: a atriz pornô

O texto *Um tipo especial de escolha de objeto no homem* (1910) é o primeiro de uma trilogia intitulada *Contribuições à psicologia do amor*. Nele, Freud discorreu sobre as escolhas de objetos amorosos do homem, baseadas na dissolução do complexo de Édipo, que reinam no imaginário masculino.

Uma dessas fantasias é o “amor à prostituta”:

Esta (...) condição diz que a mulher casta e insuspeita nunca exerce o fascínio que a transforma em objeto amoroso, mas apenas a mulher de alguma má fama, sobre cuja fidelidade e constância paira certa dúvida. Essa última característica pode variar numa gama significativa, da ligeira sombra na reputação de uma esposa inclinada ao flerte até a conduta abertamente poligâmica de uma *cocotte* ou artista do amor, mas a algo desse gênero não renunciam os que se enquadram nesse tipo. (FREUD, 1910/2013, p. 336/337).

No segundo texto da trilogia *Contribuições à psicologia do amor*, intitulado *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa* (1912), Freud escreve que é comum na vida amorosa do homem civilizado: “Não se juntaram duas correntes cuja união é imprescindível para uma atitude inteiramente normal no amor, duas correntes que podemos caracterizar como *a terna e a sensual*.” (FREUD, 1912/2013, p. 349)

A corrente terna é a dos primeiros anos da infância. É nela que ocorre a “*escolha de objeto infantil primária*.” (FREUD, 1912/2013, p. 349). A corrente sensual surge na puberdade, enquanto o objeto infantil primário continua a ser libidinalmente investido. “Mas, como vai de encontro aos obstáculos erguidos nesse meio-tempo pela barreira do incesto, envidará esforços para logo transitar desses objetos [primários], impróprios na realidade, para outros, desconhecidos, com os quais seja possível uma vida sexual real.” (FREUD, 1912/2013, p. 350).

Os novos objetos serão procurados através do molde edipiano:

Esses novos objetos ainda serão escolhidos segundo o modelo (a *imago*) daqueles infantis, mas com o tempo atrairão para si a ternura que se ligava aos primeiros. O homem deixará pai e mãe — conforme o preceito bíblico — e se apegará à mulher; ternura e sensualidade ficarão unidas. (FREUD, 1912/2013, p. 350)

Entretanto, se por alguma razão o desenvolvimento libidinal não ocorrer: “A libido se afasta da realidade, é tomada pela fantasia (introversão), reforça as imagens dos primeiros objetos sexuais, fixa-se neles.” (FREUD, 1912/2013, p. 351). Sendo essa fixação inconsciente.

Freud escreve que a masturbação contribui para essa fixação, isolando e dificultando a passagem a novos objetos:

Nada muda nesse estado de coisas, se então é realizado na fantasia o que malogrou na realidade, se nas situações fantasiosas conducentes à satisfação onanista os objetos sexuais originais são substituídos por outros. As fantasias se tomam, com essa substituição, capazes de chegar à consciência, e nenhum progresso se efetua na real alocação da libido. (FREUD, 1912/2013, p. 351)

Temos então uma fixação edípica nos primeiros objetos, que impossibilitam uma mudança libidinal. O resultado desse não-desenvolvimento será que: “Desse modo pode ocorrer que toda a sensualidade de um jovem seja ligada no inconsciente a objetos incestuosos, ou, como também podemos dizer, seja fixada em fantasias inconscientes incestuosas.” (FREUD, 1912/2013, p. 351).

Freud escreve que, nesses casos, ocorre uma resolução que equaliza as pulsões e as defesas psíquicas. Sucede-se uma cisão do objeto em relação à corrente terna e à corrente sensual. Freud afirma que: “A vida amorosa de tais pessoas fica cindida em duas direções, que a arte personifica em amor celestial e amor terreno (ou animal). Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar.” (FREUD, 1912/2013, p. 352).

Em ambos os objetos haverá resquícios do objeto primário. Na corrente terna, eles podem ser conscientes, porém, na corrente sensual, eles são inconscientes, evitando qualquer relação com os objetos incestuosos. Também na corrente sensual, outra característica que ocorre é de o objeto ser depreciado: “(...), o principal meio de que alguém se vale nesta cisão amorosa é a *depreciação* psíquica do objeto sexual, enquanto é reservada para o objeto incestuoso [corrente terna] e seus representantes a superestimação que normalmente cabe ao objeto sexual.” (FREUD, 1912/2013, p. 353).

Na cisão, o objeto da corrente terna é exaltado e superestimado, enquanto o objeto da corrente sensual é depreciado. Através da depreciação: “Tão logo é atendida a condição da depreciação, a sensualidade pode manifestar-se livremente, com significativa atividade sexual e elevado prazer.” (FREUD, 1912/2013, p. 353)

Esse desenvolvimento é uma complementação ao pensamento já exposto anteriormente sobre o “amor à prostituta”. Freud refinou essa teoria ao longo de dois anos, trabalhando melhor o tema do complexo de Édipo:

Agora vêm a ser compreensíveis, nos seus motivos, as fantasias de garotos mencionadas na primeira “Contribuição”, que rebaixam a mãe ao nível de mulher fácil. Constituem esforços de, ao menos na fantasia, fechar o abismo entre as duas correntes da vida amorosa, de ganhar a mãe como objeto de sensualidade, pela depreciação. (FREUD, 1912/2013, p. 353)

De modo semelhante à prostituta, a atriz pornô também é a personificação da mulher de má fama. Elas são sexualizadas por si só. A atriz pornô pode ser colocada como representante da corrente sensual. Elas são escolhidas e assistidas, possuindo características do objeto primário que residem no inconsciente do espectador. Atualizando essa análise para a pornografia digital: a relação do espectador com a atriz pornô pode se estreitar, sendo possível ele sempre buscar a mesma atriz e acompanhar seus lançamentos mais recentes. Já tive relatos de analisandos que buscavam sempre a mesma atriz pornô, concernindo a elas (de modo inconsciente), a possibilidade da mãe sexualizada. O aumento do “cardápio pornográfico” e o fácil acesso ao catálogo de atrizes favorece essa defesa, frente à dissolução do complexo de Édipo. Nos sites pornôs atuais, juntamente ao cardápio de vídeos, há também o catálogo de atrizes pornôs, classificadas das mais procuradas às menos. Isso facilita o espectador desenvolver uma obsessão com uma atriz pornô específica.

A fixação do espectador com uma atriz pornô é perfeitamente explicada através dessa teorização freudiana. Por meio de uma fixação no objeto incestuoso, na atriz pornô, personifica-se o objeto exclusivamente sexual, a ser desejado, depreciado, masturbado e procurada repetidamente. Em relação à atriz pornô:

Daí vem, então, sua necessidade de um objeto sexual depreciado, de uma mulher eticamente inferior, a que ele não precise atribuir escrúpulos estéticos, que não o conheça nem possa julgá-lo em suas outras relações sociais. A uma mulher assim ele prefere dedicar sua energia sexual, ainda que sua ternura pertença a outra, de nível mais alto. (FREUD, 1912/2013, p.356)

O filme *Pleasure* (2021) exemplifica a teorização acima. O filme mostra a trajetória de Bella Cherry, que inicia na carreira pornográfica e quer se tornar uma atriz pornô de sucesso. O filme mostra como a indústria pornográfica molda a atriz pornô dentro de uma personagem machista e sexualizada, a qual é constantemente depreciada.

A atriz pornô como mãe sexualizada se estabelece como defesa frente aos desejos incestuosos inconscientes, desse modo é possível manifestar a libido sem angústia ou culpa. Ela é uma personagem que não tem nenhuma idealização além da sexualidade. É uma saída (masculina) frente ao complexo de Édipo. Essa elaboração, leva à anulação do sentimento de culpa constituído pelos desejos incestuosos.

Stoller escreve que esse aspecto se encontra também na cultura. Os homens “estimulam” essa caracterização para além da pornografia: “(...), em nossa cultura, os homens fetichizam – desumanizam – as mulheres para serem eroticamente estimuladas.” (STOLLER, 1998, p. 84)

Expandindo a reflexão sobre as defesas, para além da culpa, relembremos o desenvolvimento teórico de Stoller em que as fantasias masturbatórias são resoluções frente à frustração e aos traumas. As dores vividas moldam as fantasias masturbatórias em roteiros de vingança contra as pessoas que lhes causaram dores, traumas e frustrações. No caso dos meninos, essa pessoa é normalmente a mãe. Stoller amplia a teorização de Freud feita acima, incluindo que a fetichização da mulher é uma forma de vingança frente aos traumas vividos. Dentre esses traumas, inclui-se a ameaça de castração.

Na criação fantasista de uma mulher que é reduzida à sexualidade está contida também uma vingança: “A desumanização [da mulher] é vingança, um ato triunfante oferecido pelos homens, na maioria das sociedades, como prova de masculinidade, uma anulação de um senso de vitimação e fraqueza em face da categoria de objetos (por exemplo, mulheres) que se deseja.” (STOLLER, 1998, p. 84).

Na depreciação do feminino: “Ou ignoramos nossa consciência de que as pessoas são seres humanos como nós e focalizamos apenas certas partes anatômicas ou aspectos parciais de sua personalidade, ou voltamos inteiramente as costas aos seres humanos e desejamos o não-humano, como peças de roupas.” (STOLLER, 1998, p. 84). Ou seja, ocorre uma coisificação, uma fetichização da mulher, no caso da idealização da atriz pornô. Há uma redução a um objeto unicamente sexual, no qual é possível se vingar da castração. Nas palavras de Stoller:

Examinando a pornografia, encontramos desumanização, fetichização e reinvenção. Nela, escolhem-se aspectos da sexualidade nos quais são focalizados os temas essenciais das dinâmicas perversas; por exemplo: nas formas mais suaves da pornografia heterossexual masculina, as fotografias de nus. Ela reduz a mulher verdadeira a uma criatura bidimensional, congelada, indefesa, incrustada na página, de tal modo que ela não pode se defender ou revidar, como, no mundo real, poderia. Mesmo no caso de exibir uma imagem perigosa, o perigo se anula por seu encarceramento no papel. Ela pode ser insultada, suja, forçada a agir conforme o desejo do espectador e permanecer ali, sem reclamar, sorrindo, ou até em atitude fálica — o que seja necessário — mas imóvel. E ela não está ali somente se exibindo, passível de ser hostilizada por qualquer tipo de fantasia; ela é, também, idealizada. Ela não causa mágoas; satisfaz o espectador e é esteticamente perfeita (caso não o seja, outra fotografia é escolhida); ela é retocada, restaura-se indefinidamente, não clama por vingança, é absolutamente cooperativa e guarda os segredos; não custa nada, em termos de tempo ou dinheiro, não precisa ser compreendida, não tem necessidades próprias: é ideal. (STOLLER, 1975/2018, p. 223/224)

Na idealização da atriz pornô, ela é quem suporta ou até mesmo gosta de ser hostilizada. Stoller conclui que: “A pornografia é, para os homens, sua vingança contra as mulheres.” (STOLLER, 1998, p. 101). Essa ideia é exemplificada pela pornografia (antiga e atual), que, em sua grande maioria, é depreciativa em relação às mulheres.

Conclui-se que a idealização da atriz pornô, ocorrida através de uma cisão feminina, é uma defesa contra a culpa pelos desejos incestuosos, como teorizado por Freud na figura da prostituta. É também uma defesa contra o medo da castração, sendo a atriz pornô, uma figura na qual pode-se despejar a hostilidade como uma vingança/vitória pelos traumas e frustrações vividos na infância. Essas defesas são mais fáceis de ocorrerem atualmente, com a pornografia digital. A extensa quantidade de vídeos e o fácil acesso estreitam a vinculação entre o espectador e a atriz pornô. Antigamente, havia uma quantidade limitada de vídeos a que se tinha acesso, desse modo, “vincular-se” a uma atriz pornô era mais difícil. Sempre houve símbolos sexuais de destaque como Rita Cadillac e Gretchen, entretanto, agora é possível assistir a inúmeros vídeos de uma atriz pornô específica, além de segui-la no *instagram*. Esses adventos da tecnologia permitem que ocorra mais facilmente a personificação de um objeto sexual.

4. MASTURBAÇÃO NEURASTÊNICA E PORNOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, retornaremos à vinculação da masturbação com a neurastenia. Iniciaremos com o livro de Paulo Ritter intitulado *Neuroses atuais e patologias da atualidade* (2017). Nele, Ritter correlaciona a neurastenia às patologias contemporâneas, pois em ambas há um empobrecimento simbólico. Através dessa trajetória teórica, explicita-se que existe um tipo de masturbação que conceituaremos de *masturbação neurastênica*, que visa somente uma descarga, um alívio frente à angústia e à impossibilidade de representar. Esse tipo de masturbação é diferente da *masturbação voluptuosa*, que inclui fantasias e que foi trabalhada no capítulo anterior.

A atualização da neurastenia e a conceituação da masturbação neurastênica exigirá que atualizemos também a relação com a pornografia. Pensar a pornografia na contemporaneidade nos questiona sobre os excessos e como eles ecoam na masturbação. Esse caminho nos mostra que, se inicialmente a questão era: O que a pornografia tem causado na formação da subjetividade? Uma pergunta anterior se forma ao longo da construção teórica desse capítulo: Por que a pornografia está cada vez mais abundante e se ramificando?

Neurastenia e Contemporaneidade

Na primeira parte do desenvolvimento do tema da masturbação, Freud se dedicou à neurastenia e ao vício. A neurastenia é uma das neuroses atuais, definida no *Vocabulário de Psicanálise* como:

Tipo de neurose que Freud distingue das psiconeuroses:

- a) A origem das neuroses atuais não deve ser procurada nos conflitos infantis, mas no presente;
- b) Nelas, os sintomas não são uma expressão simbólica e superdeterminada, mas resultam diretamente da ausência ou da inadequação da satisfação sexual. Freud inclui inicialmente nas neuroses atuais a neurose de angústia e a neurastenia, e propôs posteriormente incluir também a hipocondria. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 299)

Nas neuroses atuais não há simbolismo, o sintoma é um resultado direto de uma “ausência ou da inadequação da satisfação sexual”. Dentre as neuroses atuais, há a neurastenia,

que “sempre pode ser reportada a um estado do sistema nervoso como o que é adquirido pela masturbação excessiva ou decorre espontaneamente de emissões frequentes” (FREUD, 1898/1996, p. 258). Ou seja, na neurastenia, a masturbação é uma expressão direta e não-simbólica, que causa uma fadiga física quando praticada em excesso, porém o paradoxo da situação é que, ao mesmo tempo que ela causa fadiga, é a única forma de descarga libidinal possível, pois não existe a possibilidade de simbolização, portanto, de deslocamento ou sublimação.

No Brasil, o tema das neuroses atuais começou a ser explorado a partir de 1990 (FERRAZ; RITTER, 2022, p. 9). Desde então, sua produção teórica cresce cada vez mais. Os estudos das neuroses atuais são, em sua grande maioria, feitos pela correlação com as patologias contemporâneas:

Dessa forma, já é lugar comum articular as neuroses atuais – neurastenia, neurose de angústia e hipocondria –, nas quais haveria dificuldades na esfera das representações psíquicas, com o que se passa no campo da clínica na atualidade, já que o mal-estar contemporâneo se apresentaria, sobretudo, em organizações subjetivas resistentes à simbolização. (FERRAZ; RITTER, 2022, p. 9)

A contemporaneidade das neuroses atuais é investigada no livro *Neuroses atuais e patologias da atualidade* (2017). Nele, Paulo Ritter explora as problemáticas clínicas contemporâneas e as relaciona às neuroses atuais. Ele explica que as problemáticas clínicas da contemporaneidade se relacionam com a dificuldade de representar, como o núcleo das neuroses atuais se trata da mesma dificuldade, é possível construir uma relação direta entre ambas. Pode-se dizer que o livro de Ritter atualiza as neuroses atuais.

Patologias da atualidade

Iniciaremos a trajetória com o desenvolvimento das patologias da atualidade. Logo no início de seu livro *Neuroses atuais e patologias da atualidade*, Ritter escreve:

A expressão “patologias atuais” há muitos anos consolidou-se nos debates psicanalíticos, fato que seguramente reflete a mudança que se processou no registro da clínica nas últimas décadas. A mudança em questão diz respeito à demanda que hoje chega aos consultórios de psicanálise, composta muitas vezes por quadros que não se pautam mais pelos funcionamentos neuróticos

tradicionais. O que se configurava como “cura-tipo” nos primórdios da psicanálise – tratamento segundo o método tradicional com base na transferência e na interpretação, na associação livre e na atenção flutuante -, hoje não parece mais ser tão frequente. (RITTER, 2017, p. 19)

Os termos subjetividades contemporâneas, mal-estar da atualidade, novas patologias, patologias atuais, casos limites, borderline, etc. estão sendo cada vez mais mencionados nos estudos psicanalíticos: “Nas últimas décadas, a partir dos anos 1970, assistimos à proliferação de estudos e publicações referentes aos quadros identificados como *borderline* e estados limites” (RITTER, 2017, p. 20). Essas “expressões indicam que no mínimo haveria certa especificidade no sofrimento psíquico contemporâneo” (RITTER, 2017, p. 20)

É difícil condensar uma problemática tão ampla, mas Ritter, através de uma historicização teórica, conclui que atualmente existem duas grandes orientações que desenvolveram teorias sobre as problemáticas contemporâneas. Uma é a orientação anglo-saxônica:

De um lado, a orientação anglo-saxônica, que concebe os quadros *borderline* como uma estrutura clínica específica e relativamente estável, com etiologia e sintomatologia próprias, situadas justamente na fronteira entre a neurose e a psicose. É o caso de Kernberg, que utiliza o termo *borderline* para designar uma estrutura absolutamente singular da personalidade, inconfundível, e situada entre a neurose e a psicose, com sintomas de ambas. (RITTER, 2017, p. 25)

A outra orientação é a francesa:

Do outro lado, há a orientação dominante entre os autores franceses, que não correlacionam esses quadros a nenhuma estrutura específica, pois acreditam que apresentam características que podem ser encontradas em várias outras configurações. Justamente por isso, esses autores utilizam os termos *estados limites* e *situações limites*, que põem em evidência o possível caráter transitório desses quadros. [Jacques] André, por exemplo, chama a atenção para o fato de que um estado limite não significa em absoluto um funcionamento fixo, estrutural e imutável, mas algo que pode estar presente em certos momentos da vida de qualquer sujeito, sem que isso signifique que vai perdurar. (RITTER, 2017, p. 25/26)

Essas duas orientações são frutos de construções que começaram em 1938 (RITTER, 2017, p. 21) e tentam compreender esse “grande número de configurações subjetivas que não estão organizados em torno das balizas neuróticas, e nem por isso estão do lado das psicoses ou das perversões.” (RITTER, 2017, p. 26). A pesquisa por essa temática cresceu não só pela curiosidade que enfrenta a psicanálise, mas pelo crescimento de casos encontrados nos consultórios. Nas palavras de Ritter: “O que assistimos hoje é ao aumento vertiginoso desses quadros que, organizados por outros parâmetros que não os neuróticos, não cessam de desafiar a teoria e prática psicanalíticas.” (RITTER, 2017, p. 26).

Apesar de existirem essas duas orientações teorizando sobre as novas patologias, Ritter escreve que: “(...), mas é na tradição francesa que a discussão sobre os limites psíquicos é levada a outro patamar, quando o limite *em si* é transformado em conceito metapsicológico indispensável à compreensão clínica das patologias contemporâneas.” (RITTER, 2017, p. 26). No livro *A loucura privada: Psicanálise de casos-limites* (2017), André Green se dedica a exploração das problemáticas contemporâneas e da construção do conceito de limite. Através dos desenvolvimentos de Green, Ritter escreve:

(...) a constituição dos limites do aparelho psíquico, tanto internos como externos, é fundamental para a própria constituição subjetiva. Essa problemática, portanto, não diz respeito apenas ao domínio da psicopatologia, mas será relacionada à própria constituição do psiquismo, ou seja, à delimitação das fronteiras intrapsíquicas e intersubjetivas e ao estabelecimento das relações entre o mundo interno e a realidade externa. (RITTER, 2017, p. 27)

Por causa dessa construção metapsicologia, amplia-se a teorização sobre as novas patologias contemporâneas:

Exatamente por dizer respeito à constituição subjetiva, a precariedade do estabelecimento das diversas fronteiras psíquicas – entre corpo e o psiquismo, o dentro e o fora, o inconsciente e o consciente, o eu e o outro – está relacionada de forma direta com as configurações subjetivas denominadas estados limites. (RITTER, 2017, p. 27)

Desse modo, Green teoriza que nos casos-limites, ocorre uma problematização com os limites do Eu e com os limites interiores do aparelho psíquico. Ele amplia a questão

contemporânea, pois, dessa maneira, não se trata somente da relação entre o Eu e o objeto, mas também entre as próprias instâncias psíquicas (Id, Eu e Supereu). Essa construção metapsicológica retira as novas problemáticas contemporâneas do campo unicamente das psicopatologias, na qual a tradição anglo-saxônica permaneceu.

Nesse momento, é importante ressaltar que limites não são “muros” bem construídos e estabelecidos, mas “portais” que permitem transitar entre um e outro espaço, ou seja, um limite bem construído permite uma flexibilidade interna, externa e entre o interno e o externo.

Essa maleabilidade de transição é o que o possibilita a elaboração psíquica. É o que torna possível a capacidade de representar as pulsões (RITTER, 2017, p. 30). Dessa maneira, limites bem estabelecidos possibilitam o processo de elaboração psíquica e, por consequência, conseguem dosar melhor os impactos da força pulsional.

Nos períodos finais de sua obra, Green (2008) deixa de utilizar o termo *casos-limites* e passa a empregar a expressão *não-neurose*. Para aprofundarmos ainda mais em suas concepções teóricas vamos primeiramente definir a neurose:

(...), seriam aquelas subjetividades que têm um psiquismo cujos limites internos e externos estão constituídos de forma satisfatória, e no qual as intensidades pulsionais estão ligadas a um campo de representações e a objetos de satisfação. Na subjetividade neurótica, a adequada delimitação entre as diferentes instâncias psíquicas permite a passagem dos conteúdos psíquicos de uma instância a outra, bem como a diferenciação entre mundo interno e o externo e entre o eu e o outro. O recalque, como operação de defesa básica da neurose, possibilita a ligação das forças pulsionais com as representações e o advento da simbolização como operação constituinte do psiquismo, de modo que o Édipo é simbolizado e, quando elaborado, pode instituir a inscrição da diferença sexual e geracional. (RITTER, 2017, p. 31)

Entretanto, na contemporaneidade: “[a neurose] cede lugar na atualidade a realidades clínicas distintas, marcadas por configurações narcísicas frágeis e experiências traumáticas severas, nas quais as balizas neuróticas que servem de suporte à subjetividade se encontram precariamente construídas.” (RITTER, 2017, p. 31). Green denomina essas configurações da atualidade de não-neuroses.

Nas não-neuroses, ocorrem falhas nas construções narcísicas que acarretam em limites mal constituídos, resultando em dificuldades de simbolizar:

Assim, as estruturas não neuróticas são concebidas como configurações subjetivas relativamente autônomas e estáveis, cuja característica principal é o prejuízo na delimitação dos limites psíquicos, o que interfere na capacidade representacional e de simbolização do aparelho psíquico. (RITTER, 2017, p. 32)

Vemos que o destaque das não-neuroses está na dificuldade em gerar representações psíquicas; em oposição “às configurações neuróticas bem estabelecidas, em que a capacidade de simbolização do aparelho psíquico está construída e preservada.” (RITTER, 2017, p. 35)

A impossibilidade de representação causa diversas sintomatologias: “que se manifestam de inúmeras maneiras, como toxicomanias, patologias alimentares (anorexia e bulimia), somatizações, estados limites etc.” (RITTER, 2017, p. 35/36). Ritter conclui que dentre as novas patologias, tão comuns na contemporaneidade: “A dificuldade ou incapacidade de representar seria, então, o denominador comum que une as diferentes configurações psíquicas que estão por trás das novas sintomatologias.” (RITTER, 2017, p. 37). Desse modo: “(...), as estruturas não neuróticas (...) representam uma importante tentativa de aglutinar diferentes manifestações clínicas que não se pautam pelos parâmetros de funcionamento neurótico.” (RITTER, 2017, p. 32)

Sendo a pulsão uma força constante e não havendo representações psíquicas, quais seriam as consequências nas subjetividades? As representações são a maneira pela qual a pulsão se faz presente no psiquismo (RITTER, 2017, p. 39). Frente à dificuldade de simbolizar, uma forma de vazão libidinal que se torna possível é o corporal:

Nesse contexto, quando a simbolização não assume papel protetor contra os acessos pulsionais, o caminho às somatizações permanece aberto, pois não foi bloqueado pela potência da linguagem, que deveria cumprir sua função de ligação entre as pulsões e seus representantes psíquicos. (RITTER, 2017, p. 37/38)

Não ocorrendo as ligações das representações psíquicas, tem-se um excesso pulsional que necessita ser descarregado por outros meios não-representacionais. As formas de descargas “brutas” da libido para equalizar as energias pulsionais são, majoritariamente, via ato (acting out) ou via corpo (psicossomático). São formas de descarga onde a libido “transborda”, já que não consegue ser simbolizada. O transbordar desse excesso é a marca das patologias atuais: “(...), as ‘subjetividades contemporâneas’ têm o excesso pulsional como marca distintiva, que

se expressa atualmente de modo privilegiado nos registros do corpo, da ação e do sentimento.” (RITTER, 2017, p. 39)

Sem as representações psíquicas, o corpo pode se tornar um meio de descarga. Uma descarga bruta sem simbolismo. O excesso pulsional transborda no corpo pela falta de representações psíquicas: “Assim, a alta incidência dos quadros psicossomáticos, da síndrome da fadiga crônica e da síndrome do pânico é citada pelo autor [Joel Birman] para evidenciar como o corpo passou a ser o registro mais eminente em que se enuncia o mal-estar contemporâneo.” (RITTER, 2017, p. 39)

Além das formas de descarga citadas acima, através do corpo, outra forma de descarga se dá pelos atos:

Da mesma maneira, as perturbações que incidem no registro da ação mostram a outra via pela qual o mal-estar se expressa, pois se o corpo não serve como via de escoamento da tensão, o ato é outra via possível. É por isso, entre outras razões, que os quadros marcados pela hiperatividade, sobretudo entre crianças, e pela impulsividade são tão comuns hoje em dia, assim como as compulsões em suas diversas e inauditas formas. Estas, marcadas pela compulsão à repetição, revelam a precariedade dos mecanismos de simbolização diante da repetição que se impõe ao sujeito. (RITTER, 2017, p. 40)

Sem a possibilidade de simbolização para descarregar a pulsão, a expulsão via ato também pode ser uma forma de descarga frente ao transbordamento pulsional:

Este é a contrapartida externa da exclusão somática e tem o objetivo igualmente defensivo de expulsar da esfera psíquica a tensão não elaborada. A expulsão pelo ato – acting out – tem o mesmo valor da realidade psíquica, com a diferença de que sua função transformadora da realidade e sua função comunicativa se perdem diante do objetivo maior da expulsão. (RITTER, 2017, p. 43)

Conclui-se que o desconforto ou angústia causado pelo acúmulo de tensão precisa ser descarregado. “É a impossibilidade da tramitação das excitações pelas vias associativas das representações que forçam caminho pelas vias extrarrepresentativas do corpo e da ação”. (RITTER, 2017, p. 43)

A descarga pela via do ato

Nesta parte, discutiremos o tipo de descarga libidinal via ato. Retornando ao desenvolvimento feito acima, de que na atualidade existe um crescimento de novas patologias:

(...), não seria conveniente fechar os olhos ao fato de que nos últimos anos houve uma explosão de casos que não podem ser enquadrados nessa tríade [neurose, psicose e perversão]. Se não são quadros inteiramente novos, apresentam-se na atualidade de maneira maciça, crescente e com notável intensidade. (RITTER, 2017, p. 46)

Dentre os modos de descarga das patologias atuais, em que ocorre uma dificuldade de simbolizar, uma das possibilidades é pela via do ato. Nas palavras de Ritter: “Falar em patologias atuais, portanto, é falar em configurações subjetivas que se intensificaram na contemporaneidade e que têm como características principais os mecanismos de passagens ao ato.” (RITTER, 2017, p. 46/47)

As “patologias do ato” funcionam da seguinte forma:

A presença regular desse fenômeno é explicada pelo fato de que essas configurações são reguladas por uma “economia do trauma”, por um excesso de excitação que põe em risco a integridade do aparelho psíquico, de modo que, na tentativa de manter seu equilíbrio, o psiquismo tende a responder com uma ação compulsiva e repetitiva. (RITTER, 2017, p. 47)

Frente à impossibilidade de uma cadeia associativa de representações psíquicas, o excesso pode resultar em uma descarga pulsional via ato. Isso corresponde a um “curto-circuito” no trabalho psíquico:

Essa ideia de uma cadeia de elementos psíquicos que conduz gradualmente a excitação em direção à simbolização está fundamentada em um trabalho de Green. Segundo esse autor, tal cadeia psíquica é composta pelos seguintes elementos: soma – pulsão – afeto (representante psíquico da pulsão) – representação de coisas – representação de palavras – pensamento reflexivo. Cada um desses elementos conserva e, ao mesmo tempo, transforma o elemento precedente, de modo que o trabalho psíquico é constituído pela passagem das excitações por esses diversos pontos. Nessa visão, o ato é o que gera uma espécie de curto-circuito na cadeia, em um ponto ou em outro, o que evidentemente dificulta o trabalho psíquico de ligação das excitações. (RITTER, 2017, p. 49)

Conclui-se que: “As passagens ao ato, características das patologias atuais, seriam o efeito da interrupção da cadeia psíquica logo nos elementos iniciais, em que houve pouco tempo para a instauração dos processos de elaboração psíquica, (...)” (RITTER, 2017, p. 51/52).

Fazendo uma junção prévia das patologias contemporâneas e das neuroses atuais, em ambos os casos ocorre uma impossibilidade de simbolização. Nas patologias contemporâneas, o transbordamento ocorre via psicossomática ou uma expulsão via ato; e nas neuroses atuais ocorriam problemáticas sexuais. Ritter une essas ideias através do transbordamento da sexualidade:

A autora [Maria Helena Fernandes] mostra como Freud, desde seus textos iniciais, ao enfatizar a distinção entre as psiconeuroses de defesa e as neuroses atuais, abriu caminho para o que ela definiu como “corpo do transbordamento”. É um registro do corpo vinculado ao curto-circuito dos processos de simbolização, que está na base das passagens ao ato, e que se articula também ao “transbordamento da sexualidade” verificado nas neuroses atuais (RITTER, 2017, p. 52)

As descargas das patologias da atualidade, via psicossomática ou via ato, podem ser relacionadas às sintomatologias das neuroses atuais, em que ocorrem uma descarga corporal pelo transbordamento da sexualidade.

Especificamente no caso da neurastenia, na teoria freudiana ela está relacionada à masturbação excessiva. Porém, em Ritter, vemos que ela é uma forma de defesa. A masturbação descrita por Freud nos casos de neurastenia é na verdade uma forma de transbordamento da sexualidade por uma via de descarga pelo ato. Ou seja, nesses casos, a masturbação é utilizada como defesa perante as exigências pulsionais e a dificuldade de simbolização. A masturbação especificamente como modo de descarga via ato, sem vínculo simbólico, é conceituada nesta dissertação como *masturbação neurastênica*, e será aprofundada no capítulo seguinte.

Neurastenia

Convém fazer agora um breve retorno ao tema da neurastenia, apesar de ele já ter sido bem aprofundado ao longo do desenvolvimento da masturbação na teoria freudiana. A neurastenia é uma das neuroses atuais, cujo termo aparece pela primeira vez no texto *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898). Ritter escreve que Freud teve duas preocupações

centrais nesse texto: “o papel central da sexualidade no desencadeamento de todas as neuroses e a importância do diagnóstico diferencial entre as neuroses atuais e as psiconeuroses.” (RITTER, 2017, p. 57)

Apesar da etiologia das neuroses ser sempre a sexualidade, no caso das neuroses atuais, trata-se de problemáticas sexuais vividos na fase adulta. Já, no caso das psiconeuroses, elas são relativas a uma sexualidade vivida na infância. Nas palavras de Freud: “Portanto, etiologia sexual em todos os casos de neurose, mas nas neurastenias ela do tipo atual, e nas psiconeuroses, fatores de natureza infantil” (FREUD, 1898/2023, p. 239)

A neurastenia seria causada pela masturbação excessiva, ou por poluções frequentes, e seus sintomas seriam: “pressão intracraniana, tendência a fadiga, dispepsia, constipação, problemas na coluna etc.” (FREUD, 1898/2023, p. 240). Não foi Freud que inventou o termo neurastenia. Ele foi introduzido pelo norte-americano George Miller Beard (1839 – 1883) e “tinha essencialmente o significado de falta de força nervosa, característica das pessoas com ‘nervos’ muito vulneráveis.” (RITTER, 2017, p. 60). A ausência de força nervosa ocasionava em uma debilidade que culminava em uma série de sintomas:

A neurastenia, nessa concepção, se centrava na fadiga física de origem nervosa e apresentava sintomas absolutamente variáveis e múltiplos, tais como dores de cabeça, dores difusas pelo corpo, distúrbios digestivos (dispepsia, flatulência e constipação), parestesias, perda ou diminuição do apetite sexual etc. Os sintomas apareciam e desapareciam de maneira bizarra e podiam substituir-se uns aos outros, sendo determinados pelas irritações reflexas não só nos nervos motores e sensitivos, mas também nos nervos simpáticos e vasomotores. (RITTER, 2017, p. 61)

Ainda sobre a origem da neurastenia, “(...), é digno de nota que Beard tenha salientado antes de Freud que práticas sexuais nocivas, sobretudo a masturbação excessiva, estariam na origem da debilidade cerebral causadora da neurastenia.” (RITTER, 2017, p. 62). De fato, a relação entre neurastenia e sexualidade já era comum aos médicos da época: “Podemos, assim, afirmar que Freud se utiliza da ideia, disseminada nos meios médicos de sua época, de que a neurastenia era a expressão de um esgotamento da energia sexual devido a práticas sexuais anormais.” (RITTER, 2017, p. 62/63)

Entretanto, Freud utiliza essa teoria não somente para pensar que a masturbação gera a neurastenia, ele a relaciona com a “insuficiência psíquica” (FREUD 1895/2023, p. 113). Isto é, à falta de trabalho psíquico que culmina na incapacidade de deslocar a pulsão sexual

masturbatória para outra atividade prazerosa. Conclui-se que, a impossibilidade de simbolização na neurastenia não permite transferir a atividade masturbatória para outra atividade substitutiva.

Através desse desdobramento teórico, em uma carta a Fliess, de 22 de dezembro de 1897, Freud diz que a masturbação é o vício primário, e que todos os outros vícios são substitutos dele. Desse modo, caso a masturbação seja reprimida, ela poderia levar à busca de vícios substitutivos. Ou, não havendo sucedâneos simbólicos, a masturbação pode se manter de forma compulsiva, tornando o indivíduo um neurastênico. Nas palavras de Freud: “Despontou em mim a descoberta intuitiva de que a masturbação é o grande hábito, o ‘vício primário’, e de que é apenas como substitutos e sucedâneos dela que os outros vícios – o álcool, a morfina, o fumo e coisas parecidas – passam a existir” (MASSON, 1986, p. 288). A masturbação é *primária*. Ela é o primeiro modo de descarga e, caso não ocorra uma simbolização que permita a substituição, resulta-se em uma compulsão à masturbação.

A relação entre neuroses atuais e psiconeuroses, no período inicial do pensamento de Freud, era de pensa-las como oposições. Posteriormente, ele escreveu que as neuroses atuais são o núcleo das psiconeuroses. As neuroses atuais são uma força-motriz pura e, caso ocorresse o processo de simbolização, culminar-se-ia nas psiconeuroses. Na metáfora de Freud, o grão de areia seria a neurose atual e a pérola seria a psiconeurose:

Minha concepção é ainda aquela a que cheguei mais de quinze anos atrás: de que as duas neuroses atuais — neurastenia e neurose de angústia (...) — demonstram complacência somática pelas psiconeuroses, fornecem o material excitatório que é então selecionado e travestido psiquicamente, de modo que, falando em termos gerais, o núcleo do sintoma psiconeurótico — o grão de areia no centro da pérola — é constituído por uma manifestação sexual somática. (FREUD, 1912/2010, pp. 246/247)

Nessa passagem, as psiconeuroses e as neuroses atuais deixam de serem antagônicas e passam a se correlacionar. Ritter escreve que: “(...), ao mesmo tempo em que se esforçava para criar e manter a distinção, Freud também estabelecia uma relação estreita entre as neuroses atuais e as outras neuroses.” (RITTER, 2017, p. 85)

Em uma das últimas menções ao tema da neurastenia, Freud a entrelaça ainda mais às psiconeuroses. Em seu texto “*Autobiografia*” (1925), ele escreve:

Se hoje lanço um olhar a meus resultados de então [sobre as neuroses atuais], vejo-os como as primeiras, cruas esquematizações de algo provavelmente muito mais complicado. Mas no conjunto me parecem corretos ainda hoje. Eu bem gostaria de ter submetido ao exame psicanalítico outros casos de neurastenia juvenil pura; infelizmente não houve ocasião para isso. Para evitar incompreensões, quero enfatizar que está longe de mim negar a existência do conflito psíquico e dos complexos neuróticos na neurastenia. Afirmo apenas que os sintomas desses doentes não são determinados psiquicamente nem podem ser removidos pela análise, que têm de ser vistos como conseqüências tóxicas diretas do quimismo sexual perturbado. (FREUD, 1925/2011, p. 101)

Ressaltamos nesse trecho a ideia de que Freud, anos depois de suas teorizações, não nega “a existência do conflito psíquico e dos complexos neuróticos na neurastenia”, fortalecendo ainda mais as correlações entre neuroses atuais e psiconeuroses. Mesmo em casos de neurastenia, onde ocorre a masturbação excessiva com a finalidade de descarga causada pela impossibilidade de representação, pode ocorrer concomitantemente conflitos e complexos, como encontrados nas psiconeuroses.

Concluindo, na neurastenia vemos que, ao utilizar a metáfora do grão de areia no centro da pérola, Freud monta uma linha de evolução. Ele relaciona as neuroses atuais ao percurso de desenvolvimento das psiconeuroses, caso ocorra uma impossibilidade de simbolização. Através dessa teorização, Ritter conclui essa parte com uma indagação:

Se as neuroses atuais e as psiconeuroses apresentam uma relação de interação, na qual aquelas evidenciam a estagnação dos processos de simbolização para o sujeito, não seria aceitável supor que as patologias da atualidade ocupam hoje, na psicanálise, o lugar ocupado anteriormente pelas neuroses atuais do discurso freudiano? (RITTER, 2017, p. 93)

Confluências entre a neurastenia e as patologias da atualidade

Exploraremos agora as confluências entre as patologias da atualidade e a neurastenia. Na primeira parte vimos que:

(...) grande parte dos quadros identificados como patologias da atualidade apresentam dificuldades significativas nos processos psíquicos de simbolização, o que me levou a destacar os mecanismos de descarga da

excitação pulsional pela via corporal e pela via da ação, em que há precariedade no trabalho de elaboração psíquica. (RITTER, 2017, p. 95)

No caso da neurastenia: “(...), após a construção de uma cartografia das neuroses atuais na obra freudiana, salientei que a noção de *ausência de elaboração* desempenha papel crucial no seu entendimento.” (RITTER, 2017, p. 95).

Através de ambas as construções, Ritter inicia a confluência mostrando que: “A partir dessas correlações, foi possível inferir que as neuroses atuais apresentam impressionantes semelhanças, (...), com quadros que se apresentam com crescente frequência na clínica atual.” (RITTER, 2017, p. 95)

A masturbação causa a neurastenia, porém, isso ocorre por causa da incapacidade de elaboração psíquica, que impede a simbolização. Entretanto, Freud nunca conseguiu explicar o motivo dessa impossibilidade:

O que Freud afirma (...), é que por algum motivo a conexão psíquica oferecida à tensão física é insuficiente, e que a *falta de algo* nos fatores psíquicos impede a *ligação psíquica* da tensão. Em nenhum momento, nem então nem depois, será esclarecido em que consiste essa ausência, esse algo que falta, já que os instrumentos teóricos da época não lhe permitiam o aprofundamento da questão, nem ele voltou a esse ponto posteriormente, pelo menos em relação às neuroses atuais. (RITTER, 2017, p. 97)

Posteriormente a Freud, os desenvolvimentos teóricos feitos, relacionam a incapacidade de elaboração psíquica ao desenvolvimento do narcisismo: “A precariedade narcísica diz respeito, portanto, à dificuldade do processo de elaboração psíquica, já que a qualidade desse processo pressupõe que o eu e os demais territórios psíquicos estejam bem delimitados.” (RITTER, 2017, p. 99). Dessa maneira, a fragilidade narcísica é um dos principais determinantes da dificuldade de simbolização, tanto das neuroses atuais quanto nas patologias da atualidade:

Laplanche e Pontalis afirmam que o termo “atual” nas neuroses atuais exprime, entre outros sentidos, a ausência da *mediação* encontrada na formação dos sintomas das psiconeuroses. Ora, se a função de mediação e de ligação no aparelho psíquico é realizada sobretudo pelo eu, uma estruturação narcísica precária terá reflexos evidentes nessas tarefas. (RITTER, 2017, p. 105)

Como “as noções de ligação e elaboração são estreitamente próximas” (RITTER, 2017, p. 124), pode-se concluir que uma estrutura narcísica fortificada, possibilita meios de ligação em que a energia libidinal flui por meio de representações.

Uma estrutura narcísica bem constituída é aquela com limites bem estabelecidos que permitem ligações representativas entre os espaços psíquicos. É aquela que consegue ligar mediante a simbolização:

Assim, são várias as articulações que podemos conceber entre as neuroses atuais – pensadas como quadros em que a ausência de elaboração é marcante – e a noção de narcisismo, com todas as suas derivações teóricas. (...), não constitui novidade essa articulação, nem em relação às neuroses atuais nem em relação às patologias contemporâneas, aliás, também denominadas patologias narcísicas. (RITTER, 2017, p. 105)

Dessa maneira, Ritter constata que: “Assim, recorrer ao narcisismo, ou melhor, à falha na constituição narcísica, para explicar o que ocorre nas patologias contemporâneas, já é lugar-comum” (RITTER, 2017, p. 107). A novidade se encontra então em utilizar a falha na constituição narcísica para explicar as neuroses atuais.

A precariedade narcísica é um dos pilares responsáveis pela dificuldade de ligação/formação simbólica. Quando isso não ocorre, culmina-se em um excesso pulsional, que se encontra tanto nas neuroses atuais quanto nas patologias da atualidade:

Assim, o *excesso*, (...), é um ponto de articulação precioso entre as neuroses atuais e as patologias da atualidade, pois permite levar em consideração os registros que estão aquém das representações e que se manifestam pela descarga no corpo ou na ação, tão frequentes nestes quadros. (RITTER, 2017, p. 120)

O excesso pulsional é gerado pela incapacidade de elaboração psíquica, porém Ritter indaga:

Vimos de várias maneiras como as patologias contemporâneas apresentam dificuldades importantes na atividade representacional, e como as neuroses atuais são caracterizadas fundamentalmente pela ausência de elaboração psíquica – (...). Porém, em que consiste exatamente a elaboração psíquica? O que é elaborado? Qual é o trabalho efetuado pelo aparelho psíquico? Quais são

as relações entre a elaboração psíquica e as representações? (RITTER, 2017, p. 120/121)

Para aprofundar na ideia de elaboração psíquica, iniciemos com sua definição no *Vocabulário de Psicanálise*:

Expressão utilizada por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 143)

Os trabalhos de Freud, feitos a partir de 1920, sobretudo a segunda tópica, mostram que a representação é um resultado da elaboração psíquica. Anteriormente, isso não era bem estabelecido: “Se no primeiro dualismo pulsional a representação é uma espécie de dado imediato, quase uma propriedade inata do psiquismo, no segundo ela é o resultado de um *trabalho*, o de ligação da força pulsional com os representantes psíquicos.” (RITTER, 2017, P. 131). Essas mudanças também ocorrem com o desenvolvimento da segunda tópica:

De fato, a segunda tópica abre espaço para que a força e a dimensão quantitativa da pulsão sejam inseridas no isso, de modo a exigir do psiquismo a produção de sentido pela via de elaboração psíquica. O que está na base dessa concepção é a autonomia da força pulsional em relação ao campo dos representantes psíquicos, (...). (RITTER, 2017, p. 130/131)

Através desses desenvolvimentos, vemos que a passagem da excitação às representações exige uma série de ligações e elaborações a serem feitas. Caso essas elaborações não aconteçam: “(...), uma excitação que se manifesta no registro somático pode circundar todo o espaço psíquico e ser descarregada pela via do ato, sem elaboração.” (RITTER, 2017, P. 131)

Como a pulsão é constante, a exigência de elaborações não cessa:

Se a força da pulsão o coloca em movimento, a resistência de seus diferentes filtros obriga os representantes e as representações ao trabalho contínuo de ligação entre si, constituindo os diferentes registros das representações animadas pela energia pulsional. Como o excesso é inesgotável – está sempre sendo produzido -, também o é o trabalho de elaboração. (RITTER, 2017, P. 131)

Esses desenvolvimentos teóricos sobre o excesso e sua constante necessidade de descarga são de extrema importância: “um ponto fundamental no mal-estar contemporâneo é a presença do excesso na constituição sintomática dos sujeitos, dimensão que estava presente justamente nas neuroses atuais.” (RITTER, 2017, P. 131/132). Apesar de exacerbado na atualidade, já havia em Freud teorias sobre as possibilidades de se lidar com os excessos pulsionais: “Assim, valorizar a neurose atual tem o intuito de apresentar na obra freudiana uma sintomatologia mais ligada à *descarga*, que se atualiza no corpo, afastada das operações de elaboração psíquica.” (RITTER, 2017, P. 132)

Em resumo, a representação é uma forma de descarga pulsional, caso ela não seja possível outros caminhos subjetivos se formaram para que a descarga ocorra. Além do corpo, outro modo de descarga é via ato e podemos considerar a masturbação como esse ato. Seria uma forma de descarga de energia “que não passaria necessariamente pela representação.” (RITTER, 2017, P. 133). Trata-se de um modo de defesa mais primitivo frente ao excesso pulsional e sua necessidade de descarga:

Em ambas [neuroses atuais e patologias da atualidade] também encontramos atuando mecanismos psíquicos mais elementares, próximos do registro corporal e da ação, o que mostra a precariedade dos seus mecanismos de elaboração psíquica. É claro que há vários níveis de elaboração, como vimos, mas é indiscutível que a elaboração que passa pelo registro das representações está seriamente prejudicada nesses quadros. (RITTER, 2017, p. 144)

Na conclusão de seu livro, Ritter escreve sobre as dificuldades que essas patologias impõem. Dificuldades que reverberam na cultura e na clínica, exigindo modos de descarga:

Assim, as neuroses atuais e as patologias da atualidade, através do século que as separa, representam os impasses que se impõem aos sujeitos no trabalho de elaboração do excesso que os constitui, tarefa que se coloca para todos, porém com especial radicalidade para esses modos de subjetivação. (RITTER, 2017, p. 146)

Esse trecho final também é importante para ressaltar a parte que Ritter escreve: “tarefa que se coloca para todos”. Com isso, ele amplia a tarefa da descarga para todos os sujeitos. Todos temos excessos e suas necessidades de descargas. Em muitos casos, como foi visto, isso pode se tornar mais radical, porém a tarefa das descargas pulsionais não-elaboradas se encontram em todos seres humanos.

A partir dessa análise, podemos pensar na masturbação como descarga para os excessos pulsionais, como algo que vai além das patologias e se aplica a quase todos os seres humanos? Podemos considerar que quase todo homem, mesmo em casos de psiconeuroses, recorre eventualmente à masturbação (podendo estar acompanhada da pornografia) para descargas pulsionais excessivas? Podemos cogitar que o alto número de acesso à pornografia seria para alívios frente a esses excessos? Para pensarmos em respostas, devemos primeiramente conceituar a masturbação que teria como propósito somente a descarga frente a excessos pulsionais não-simbolizados.

Masturbação neurastênica

Neste ponto, é importante fazer uma diferenciação. A masturbação no caso das psiconeuroses é carregada de simbolismos e fantasias, já a masturbação nas neuroses atuais são evacuações brutas sem representação simbólica com o único propósito de causar descarga e alívio. Proponho chamar essa masturbação de *masturbação neurastênica*.

A masturbação neurastênica tem unicamente a finalidade de descarga, fruto de uma dificuldade de representar. Ela é um modo de descarga primário, como definiu Freud, e um modo de descarga via ato, como definiu Ritter. Diferentemente da masturbação voluptuosa, que é acompanhada de uma excitação sexual, de fantasias e representações; a masturbação neurastênica tem especificamente a finalidade de alívio frente a um acúmulo libidinal, uma descarga bruta com um fantasiar empobrecido ou inexistente, em que a excitação sexual é secundária.

A masturbação neurastênica é um recurso utilizado caso haja necessidade de alívio. Isso se comprova em uma pesquisa que evidencia que os homens, em geral, não se masturbam só para aliviar a tensão sexual, mas também por estarem entediados (METRÓPOLES, 2021).

A formulação do conceito de masturbação neurastênica, se relaciona diretamente à pornografia. Do mesmo modo que a neurastenia foi atualizada acima, para iniciarmos essa relação é necessário atualizar a pornografia também.

Pornografia na contemporaneidade

A etimologia da palavra “pornografia” vem do grego “(…)‘pornographos’, que significava literalmente ‘escritos sobre prostitutas’(…)” (MORAES; LAPEIZ, 1984, p. 109). O *Dicionário Michaelis* define pornografia por:

1. Qualquer coisa (arte, literatura etc.) que vise explorar o sexo de maneira vulgar e obscena: “D. Quita fala então ‘nas indecências de nossa época’. Está escandalizada e alarmada ante a licenciosidade dos tempos modernos, a rebeldia da juventude, e a expansão da pornografia em revistas, livros, filmes, peças de teatro” (EV).
2. Tratado acerca da prostituição.
3. Coleção de pinturas ou gravuras obscenas.
4. Caráter obsceno de uma publicação.
5. atentado ou violação ao pudor, ao recato; devassidão, imoralidade, libertinagem. (MICHAELIS, 2022, não paginado)

Ao aprofundarmos ainda mais a definição, a maior parte dos escritos sobre pornografia tem como desafio diferenciá-la do erotismo. Ou seja, o que é erotismo e o que é pornografia? Otto Maria Carpeaux, no prefácio do livro *O mundo do sexo*, de Henry Miller, conclui que essa diferença é um problema jurídico. Essa definição deve ficar a cargo dos tribunais, e, desse modo, sempre teremos o “cada caso é um caso” (CARPEAUX, 2007). O escritor francês Alain Robbe-Grillet diz: “Pornografia é o erotismo dos outros” (MORAES; LAPEIZ, 1984, p. 109). Lucia Castello Branco apresenta algumas definições que dizem que “a pornografia *está* para o sexo explícito *assim como* o erotismo *está* para o sexo implícito” (BRANCO, 1984, p. 72). Outros preferem eliminar essa diferenciação: “Por certo, a dificuldade de se estabelecer as diferenças entre o que seria ‘erótico’ ou ‘pornográfico’ - reafirmada pelos historiadores, que preferem empregar os dois termos indistintamente - (...)” (MORAES, 2003, p. 129).

Essas são algumas diferenciações, das quais já se gastou “rios de tinta” e que muitas vezes termina com a mesma resposta: “É uma questão subjetiva”. Ou, nas palavras de Stoller: “A pornografia é aquele produto manufaturado com a *intenção* de produzir excitação erótica. A pornografia é pornográfica quando excita. Nem toda pornografia, portanto, é pornografia para todos” (STOLLER, 1998, p. 27).

Essas definições foram construídas em uma época anterior à explosão da pornografia na internet. Na atualidade, essa diferenciação precisa ser ampliada e repensada, pois, com a potência da internet, a pornografia atualmente possui algumas diferenciações específicas.

Como mencionado anteriormente, através das teorizações de Ribeiro Neto (2017) e Spadazzi (2023), quatro fatores são advindos da pornografia na internet: *facilidade de produção, aumento da quantidade de vídeos, facilidade de acesso, anonimato*. Esses quatro fatores culminam em: 35% de todos os *downloads* no mundo são de conteúdo pornográfico; 25% das pesquisas feitas na internet são relacionadas à pornografia e 28 mil usuários por

segundo assistem a vídeos pornográficos na internet (THE WEEK, 2015). O site *PornHub.com* recebe em média de 115 milhões de visitas por dia e possui 103 categorias de vídeos pornográficos (PORNHUB, 2022). Especificamente no Brasil, há 22 milhões de pessoas que assumem serem consumidoras de pornografia, sendo 24% mulheres e 76% homens, e que na grande maioria dos casos, tem menos de 35 anos (MURARO, 2018). Ou seja, assistir pornografia é “uma prática que, atualmente, é considerada parte da cultura contemporânea, (...)” (SPADAZZI, 2023, p. 28).

Esses fatores são cruciais para explicar como se formou a pornografia digital. Essas diferenças mostram uma mudança cultural que implica na necessidade de se repensar a pornografia. Se antes a dificuldade era diferenciar o erotismo da pornografia, atualmente a questão que se destaca é: qual a diferença da pornografia de um passado recente à pornografia da atualidade? Através dos quatro fatores gerados pela digitalização da pornografia, a resposta é que a pornografia contemporânea é marcada pelo *excesso*. O excesso é visto na quantidade, pois atualmente há um imenso “cardápio pornográfico” à disposição e de fácil acesso; e também é visto na qualidade, com vídeos feitos em zooms de alta definição, hiper-realistas, não deixando lacunas.

O filósofo Byung-Chul Han reconceitua a pornografia para torna-la compatível com a atualidade. De acordo com Han, na contemporaneidade, a proximidade entre erotismo e pornografia não existe mais. Para ele, atualmente, a pornografia é “o exato contraposto de eros. Ela aniquila a sexualidade” (HAN, 2017, p. 55).

Não existe uma eroticidade contida na pornografia atualmente. Ela elimina a eroticidade, tratando-se de uma performance mecânica sem pulsão de vida, como autômatos. (HAN, 2017, p. 59). Enquanto eros é algo que expande, a pornografia é algo que enclausura em si mesmo.

Han diz que eros permite uma abertura, deixa lacunas nas quais há uma possibilidade de devanear: “O erótico não está desprovido de mistério” (HAN, 2017, p. 60). Eros permite uma expansão, uma entrada para o outro na relação, já a “nudez exibida ao olhar, sem mistério e sem expressão, aproxima-se da nudez pornográfica” (HAN, 2017, p. 60). Não existe uma comunicação erótica na pornografia atual, nas palavras de Han: “O rosto desnudado, reduzido unicamente a sua expositividade, desprovido de mistério e expressão, é obsceno e pornográfico” (HAN, 2017, p. 61). De modo que: “O obsceno na pornografia não reside no excesso de sexo, mas no fato de não ter sexo” (HAN, 2017, p. 55).

A hiperexposição na pornografia impede o desenvolvimento do fantasiar, pois “a fantasia habita um espaço *indefinido*” (HAN, 2017, p. 68). Como exemplo, Han cita o livro

Madame Bovary, de Gustave Flaubert, onde há um “retraimento visual para incitar a fantasia erótica.” (HAN, 2017, p. 69). Há uma lacuna visual que permite o fantasiar:

O coche perambula sem rumo e sem paragem pela cidade, enquanto eles se amam apaixonadamente escondidos atrás das cortinas abaixadas. Flaubert cita com detalhes praças, pontes e bulevares por onde circula e por onde passa o coche: Quatremares, Sotteville, Jardim botânico etc., mas nada se pode ver dos amantes. (HAN, 2017, p. 69/70)

Na pornografia atual não há lacunas, não há espaços indefinidos, pelo contrário: nos *closes*, há uma extrema exposição. Ou, nas palavras de Han, uma hipervisibilidade: “A hipervisibilidade não pode ser acrescida e não se coaduna com a força da imaginação. Assim, a pornografia destrói a informação visual, e como que maximiza a fantasia erótica” (HAN, 2017, p. 69). Como consequência, não há descobertas. O caminhar pelo desconhecido é anulado.

Na exploração da temática da pornografia contemporânea, Han conclui: “A crise atual da arte e também da literatura pode ser reduzida à crise da fantasia, (...)” (HAN, 2017, p. 74). Na teorização de Han, a pornografia, em sua atualização, é concebida como algo ruim. Destacando-se o fato dela impedir o fantasiar. No entanto é necessário ampliar o tema, é preciso pensar também em suas ambivalências. Apesar da internet possibilitar sua expansão, por que ela é tão consumida? E como ela se relaciona ao ato de fantasiar?

Os Excessos e o Fantasiar

Han escreveu sobre como a pornografia impede o fantasiar. Nesse momento, questionamos: a pornografia digital pode, por seu excesso, dificultar a capacidade de criar fantasias sexuais, ou as pessoas já estão tendo dificuldade para fantasiar e necessitam da pornografia por causa desse déficit?

Iniciaremos a exploração dessas questões, examinando a maneira como se forma a capacidade (ou incapacidade) de fantasiar.

(In)capacidade de fantasiar

O que possibilita a capacidade de fantasiar? Retornando à metáfora de Freud, como um grão de areia se torna pérola? Freud não respondeu a essa questão, então para respondê-la, utilizaremos os desenvolvimentos conceituais do psicanalista Thomas Ogden (2020).

Ogden aponta que nas teorias psicanalíticas contemporâneas há uma diferenciação entre psicanálise epistemológica e psicanálise ontológica. Na psicanálise epistemológica, tem-se como preocupação a interpretação do simbólico: Freud interpretava os sonhos e Klein interpretava o brincar. Já na psicanálise ontológica, observa-se a capacidade de simbolizar: Bion explorou a capacidade de sonhar e Winnicott investigou a capacidade de brincar – sendo “sonhar” e/ou “brincar” conceitos relativos à capacidade de simbolizar e de fantasiar. (OGDEN, 2020). Em resumo, Freud e Klein interpretavam as fantasias e, Bion e Winnicott exploraram a capacidade de fantasiar.

Aprofundaremos nas concepções de Bion e Winnicott, pensando na divisão feita por Ogden. Ao desenvolver a ideia de uma psicanálise ontológica, que se dedica a formação do sujeito, Ogden teoriza que a simbolização tem uma função subjetivante, tornando o sujeito “quem ele é”. Ou seja, não se trata de desvelar algum conhecimento encoberto pelo simbólico (psicanálise epistemológica), mas de criar, construir, uma capacidade de simbolizar, de fantasiar (psicanálise ontológica). Na metáfora freudiana, a capacidade de o grão de areia se tornar pérola.

Inicialmente, vamos pensar como as pérolas se formam. A transformação ocorre pela reação das ostras a um intruso em sua concha. Desse modo, a pérola é o resultado de uma defesa do molusco a um invasor, que pode ser desde um grão de areia até um parasita. Para que essa formação ocorra, a ostra precisa ser perlífera, pois nem todas as ostras formam pérolas.

A entrada de “invasores” gera uma espécie de irritação, um processo que a ostra utiliza para se defender de um novo organismo. Essa reação visa defender o manto, um tecido muito fino que cobre todo o corpo do animal e protege seus órgãos, como coração e intestinos. A ostra cobre o grão de areia (ou invasor) com várias camadas de uma substância chamada “madrepérola” ou “nácar”. O processo leva em média 3 anos e não são todas as pérolas que têm valor comercial, apenas as que saem bem redondinhas, que são somente 2%. As pérolas mais comuns são as semirredondas, que crescem grudadas nas conchas das ostras, como se fosse uma verruga, e ficam em formato de meia esfera, o que tira dela a chance de ser vendida. Ainda há as que crescem em forma de lágrima, gota, cone ou a barroca, bem irregular. (MUNDO ESTRANHO, 2011)

Mantendo a analogia freudiana, o grão de areia seriam as neuroses atuais e a pérola seriam as psiconeuroses. A ostra é quem forma a pérola, ela é a geradora da capacidade de

simbolizar. Ogden destaca que tanto Winnicott quanto Bion ressaltam a importância da figura materna no desenvolvimento da capacidade de simbolizar do bebê; ou seja, a ostra é a figura materna.

Explorando esse pensamento em Winnicott, ele faz uma distinção entre “o *significado simbólico* do brincar e o *estado de ser envolvido* no brincar” (OGDEN, 2020, p. 26). Para ele, o desenvolvimento de um “estado de ser” do bebê, somente se torna possível por meio de um “estado de ser correspondente por parte da mãe (ou do analista)” (OGDEN, 2020, p. 29). Ou seja, as experiências serão devidamente sentidas, desenvolvidas e introjetadas caso haja o acompanhamento (vivo) da figura materna. A mãe suficientemente boa *que ampara e favorece um ambiente para a construção de um desenvolvimento de elaboração psíquico do bebê*, possibilitando que ele possa simbolizar. Em seu conceito de *holding*, Winnicott resalta essa importância do amparo e da segurança. Nas palavras de Naffah:

Talvez a forma mais completa para definir *holding* seja descrevendo a mãe como um ego-auxiliar do bebê, posta a serviço da sua sustentação no tempo e no espaço, durante um longo período de tempo em que o bebê vive fundido ao meio ambiente, tendo uma identidade totalmente evanescente e fugidia e dependendo desse cuidado materno, como forma de manter minimamente uma *continuidade-de-ser*. A mãe como elo de união, manutenção e sustentação de um conjunto de experiências fragmentárias e dispersas. (NAFFAH, 2011, p. 125)

Winnicott entende que, por meio do *holding*, as “sensações fisiológicas instintivas que atravessam o bebê” (NAFFAH, 2011, p. 125) ganham uma elaboração e são aos poucos apropriadas.

O papel de ego-auxiliar, que é feito pela figura materna, é amparar as sensações para que, através de uma contenção na descarga pulsional do bebê, elas não se tornem angústias e posteriormente traumas. Esse aspecto quantitativo é extremamente importante no *holding*, nas palavras de Roussillon: “Para simbolizar ou desenvolver uma capacidade representativa, é necessário que a quantidade de excitação a vincular pela simbolização seja relativamente moderada e que não exceda a capacidade da criança” (ROUSSILLON, 2015, p. 260).

No pensamento winnicottiano, o *holding* (que inclui o amparo, a sustentação, a contenção) seria o pilar mais importante para o desenvolvimento da capacidade de simbolizar. Por meio de uma *mãe suficientemente boa* (a ostra na metáfora freudiana), o desenvolvimento da capacidade elaborativa do bebê é feita naturalmente, desde que o *holding* seja feito de forma

com que o bebê não sofra grandes empecilhos vindos do mundo externo. A figura materna suficientemente boa é aquela “capaz de fazer com que o seio surja, como num passe de mágica, diante da sua urgência instintiva, o bebê forma a ilusão de ter criado o objeto, no momento em que dele necessitava” (NAFFAH, 2011, p. 126). Por meio dessa “mágica”, que ocorre através do *holding*, a capacidade de simbolizar é desenvolvida:

(...) a realização contínua da elaboração imaginativa – produtora de psiquismo –, por parte do bebê, necessita do *holding* materno como condição *sine qua non*, já que é graças a essa sustentação materna que essas experiências podem ganhar um mínimo de integração e de coerência, num período em que o bebê é não integrado (ou minimamente integrado). (NAFFAH, 2011, p. 126)

A criança que sofreu falhas no *holding* possuirá dificuldade de elaboração psíquica, pois a importância do amparo e da segurança, vindos da figura materna, são indispensáveis para a elaboração da capacidade imaginativa.

Para Bion, a capacidade de simbolizar se deve a *rêverie materna*. A *rêverie* (devaneio) da mãe traduz uma “experiência impensável e irrealizável” (OGDEN, 2020, p. 31) do bebê. A mãe seria uma espécie de tradutora das vivências do bebê, e é nesse movimento que se desenvolve a capacidade de elaboração psíquica, isto é, de simbolizar e fantasiar. A mãe “empresta” sua psiquê, enquanto o bebê ainda não tem a possibilidade de utilizar a dele. Caso isso não aconteça, o indivíduo não consegue sonhar/simbolizar.

Naffah utiliza a metáfora da digestão para pensar na *rêverie*. O bebê não consegue ingerir todos os nutrientes necessários, é preciso que a mãe os ingira, faça a digestão, e os transforme em leite materno, para enfim serem absorvidos pelo bebê:

Bion entende que nossas primeiras experiências, ao nascer, implicam elementos sensuais/sensoriais (...) que, para desdobrarem um componente mental, necessitam passar por um processo de elaboração, análogo à digestão, (...). Ou seja, se o bebê sente um mal-estar somático difuso e indefinido que, numa mente adulta poderia ser traduzido como medo de morrer, essa sensação obscura e apavorante, para adquirir contornos e significados mentais, para o bebê, dependerá de uma digestão a ser realizada. (NAFFAH, 2011, p. 120)

Após ser digerido, o mal-estar difuso ganha uma “forma imagética e verbal: medo de morrer (ou seja, conquistam dimensão simbólica)” (NAFFAH, 2011, p. 120). Essa digestão não pode ser feita inicialmente pela psiquê do bebê, pois ele ainda é “incapaz de realizar esse tipo

de depuração/transformação, dependendo, para tanto do adulto cuidador” (NAFFAH, 2011, p. 120).

A mente do adulto faz a digestão das sensações e dos afetos iniciais do bebê por meio da *rêverie*. Isso significa que a figura materna está aberta a experienciar o que for sentido pelo infante, para que assim possa simbolizar:

Resumindo, poderíamos dizer que ao conferir um estatuto mental às sensações somáticas do bebê, sejam elas boas ou más, calmantes ou terroríficas, a mãe possibilita que o mesmo possa reintrojetar aquilo que evacuou, mas sob forma depurada, desmaterializada, capaz – por isso mesmo – de propiciar-lhe, gradativamente, a possibilidade de sonhar, armazenar memórias e ir criando um aparelho de pensamento, (...). (NAFFAH, 2011, p. 121)

Caso esse processo não aconteça, a capacidade de simbolizar pode ser afetada, pois, numa visão bioniana, a *rêverie* materna é um pilar central para o desenvolvimento de uma capacidade de fantasiar.

Encerrando a teorização de Bion, notamos que ela difere da teorização de Winnicott, pois: “diferentemente de Bion, [Winnicott] pensa que o bebê é, *por si mesmo*, capaz de realizar essa função [de simbolizar] desde o nascimento, primeiramente de maneira bastante rudimentar, e de forma cada vez mais complexa com o passar do tempo” (NAFFAH, 2011, p. 125/126). Já Bion, teoriza que a psiquê da mãe precisa participar de forma ativa, não supondo no bebê uma autonomia em relação a capacidade de fantasiar.

Concluimos que, se o grão de areia são as neuroses atuais e as psiconeuroses são as pérolas, a ostra, que transforma grão de areia em pérola, é a figura materna. É ela que possibilita, pelo *holding* e/ou pela *rêverie materna*, a capacidade de simbolizar e fantasiar. Lembremos que somente 2% das pérolas saem redondas e têm valor comercial, assim como, somente poucas pessoas têm uma “perfeita” capacidade de simbolização, como artistas, escritores, poetas, que conseguem pôr em palavras sentimentos e sensações que beiram o indescritível. Do lado oposto à “perfeição simbolizante”, nem todas as ostras formam pérolas (são perlíferas), algumas não possuem essa característica, deixando o grão de areia sem simbolização, como uma neurose atual.

Através desse desenvolvimento, depreendemos que a (in)capacidade de fantasiar é constituída anteriormente ao consumo eventualmente excessivo de pornografia. Ela se forma no período inicial do bebê, quando o aparelho de simbolizar se constitui. Caso ocorram falhas

nessa formação, é necessário recorrer a descargas somáticas ou em ato, como foi visto nos capítulos anteriores.

É possível que os excessos da pornografia digital causem variações psíquicas, porém, no caso da dificuldade de fantasiar, ele não é o maior catalizador. Retornemos então a nossa dúvida da relação da pornografia à fantasia. Se a pornografia não dificulta o fantasiar, podemos inverter a questão e nos perguntar se ela não é um auxílio quando já existe uma dificuldade de simbolizar. Essa hipótese é interessante pois, como veremos a seguir, há um aumento nos casos de dificuldade de fantasiar.

O fantasiar e a atualidade

Na contemporaneidade há cada vez mais um consenso entre os psicanalistas que estamos em um momento em que se destaca a dificuldade de representar. A crise do fantasiar é vista nos consultórios e na cultura:

O consumo, o excesso e a rapidez são marcas do momento em que vivemos, e a corrida desenfreada para tamponar os vazios internos e a falta fundamental marcam a condição humana atual. A pós-modernidade se caracteriza pela fragilidade do símbolo, e isso pode ser aproveitado criativamente, uma vez que, desse modo, estamos menos presos numa sociedade normativa. Por outro lado, a escassez de referências já estabelecidas pode nos levar ao que Minerbo nomeia como depleção simbólica, uma espécie de anemia psíquica que conduz a tipos específicos de sofrimento. A fragilidade e volatilidade dos símbolos oferecidos dificulta a ligação pulsional, e a pulsão desligada prejudica a constituição do Eu, o que resulta em certos tipos de formações sintomáticas: as descargas psicossomáticas, a apatia, e as compulsões que visam produzir próteses identitárias, e se caracterizam pela busca de sensações, e que precisam ser diferenciadas das compulsões neuróticas clássicas, que possuem valor simbólico. (JUNQUEIRA, 2023, p. 21)

No capítulo anterior, vimos por meio de Ritter que: “(...), no entendimento do que se passa no registro da clínica atual, (...) os quadros neuróticos têm cedido lugar aos não neuróticos.” (RITTER, 2017, p. 70). Chreim também escreve sobre a insuficiência simbólica da contemporaneidade: “Em nossa clínica, (...) à precariedade das funções de simbolização têm nos inquietado.” (CHREIM, 2022, p. 91)

Minerbo, ao referir-se à contemporaneidade, escreve que: “O mal-estar na pós-modernidade, ligado à fragilidade do símbolo, é (...), consubstancial com a forma de subjetividade da época.” (MINERBO, 2019, p. 290). Dessa maneira, uma característica da pós-modernidade, é definida por Minerbo como miséria simbólica: “(...), a insuficiência/fragilidade do símbolo gera uma situação de franca miséria simbólica.” (MINERBO, 2019, p. 291). Esse empobrecimento de representações pode ser visto tanto no indivíduo quanto na cultura atualmente: “A miséria simbólica pode ser considerada tanto no nível ‘macro’ - o das grandes instituições sociais no seio das quais nos subjetivamos, (...) -, como no nível ‘micro’ - envolvendo a relação do bebê com seus objetos significativos.” (MINERBO, 2019, p. 292)

Visto que: “A miséria simbólica torna a gestão da angústia bastante problemática, (...).” (MINERBO, 2019, p. 295). Como resultado: “no mundo contemporâneo: na impossibilidade de simbolizar e de integrar as experiências, a pulsionalidade permanece em estado de desligamento. Inundado pelo excesso de energia livre, o psiquismo pode ser levado a estratégias defensivas radicais, (...)” (MINERBO, 2019, p. 290). Diante de uma insuficiência simbólica, novas defesas e novas subjetividades são formadas: “o que vem acontecendo com o aparelho psíquico e seu funcionamento no mundo contemporâneo: a insuficiência/fragilidade do símbolo vem produzindo uma espécie de ‘anemia psíquica’. Diante disso, o sujeito luta para encontrar mecanismos compensatórios, (...)” (MINERBO, 2019, p. 291)

Desde o início desse capítulo, a problemática em relação à falta de representação e a necessidade de descarga pulsional tem sido abordada. Uma forma de descarga primária via ato é a masturbação neurastênica. A masturbação, como possibilidade de descarga, também surge no texto de Minerbo, como defesa pulsional contra a miséria simbólica:

(...), e sim a comportamentos que produzem *sensações físicas*. Refiro-me a comportamentos a que o sujeito contemporâneo recorre continuamente para produzir certas *sensações corporais/ somáticas*. Estamos longe do corpo erógeno, corpo-representação que se insere em uma lógica simbólica, e reconhecido por Freud no tratamento da histeria. Aqui é a sensação física em si mesma que é buscada (...). A sensorialidade funciona como foco em torno do qual o eu se organiza e se sente vivo e existindo. A sensorialidade autoinduzida "acalma" a angústia e/ ou "preenche" o vazio.

São exemplos de comportamentos que estimulam a sensorialidade corporal/somática: o sexo compulsivo, masturbatório ou não, produzindo a sensação corporal de excitação sexual; (...) (MINERBO, 2019, p. 298)

Outro artigo que trabalha a dificuldade de simbolizar como uma marca da atualidade é o *Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna* (2004) de Joel Birman. Nesse artigo, ele escreve:

Como uma verdadeira primadona da sociedade hipermoderna as novas formas de mal-estar se apresentaram então com todo o barulho a que têm direito. Com efeito, no lugar das antigas modalidades de sofrimento centradas no conflito psíquico, nas quais se opunham os imperativos dos impulsos e os das interdições morais, o mal-estar se evidencia agora nos registros do corpo, da ação e do sentimento. (BIRMAN, 2004, p. 176)

Birman aponta que na atualidade, o conflito psíquico deu lugar a formas mais primitivas e menos simbólicas de organização. Nos consultórios e na cultura, vemos essas novas formas de funcionamento: “(...), é na prevalência dos registros do corpo, da ação e do sentimento que o mal-estar se faz patente na atualidade, sendo estes que orientam as suas descrições, nos quais se particularizam a multiplicidade das narrativas clínicas.” (BIRMAN, 2004, p. 177) ³⁰.

Em relação às possibilidades de descarga via ato, Birman escreve sobre o destaque dessa forma de descarga na atualidade: “É preciso considerar que o mal-estar [contemporâneo] incide também no registro da ação.” (BIRMAN, 2004, p. 182). A ação é uma forma de defesa comum contra os excessos pulsionais na atualidade: “pode-se dizer que as individualidades seriam possuídas pelo excesso, que as impele para a ação. Isso porque esta seria a única forma para eliminar aquele. Caso não façam isso aquelas seriam possuídas pelo excesso que as inundaria pela angústia.” (BIRMAN, 2004, p. 182).

Portanto, para Birman, a hipermodernidade caracteriza-se como a era dos excessos. Como consequência, métodos individuais e culturais são demandados para descarga desses excessos:

Podemos afirmar que, nisto tudo, é o excesso que se encontra subjacente. (...). Isso porque o excesso está no fundamento do mal-estar contemporâneo. Assim, face ao excesso, o psiquismo procura dele se livrar pela ação, para não correr o risco de ficar paralisado pela angústia. Isso porque se essa não for descarregada pela ação, o psiquismo procura se livrar daquele pelas vias corpóreas. Com efeito, o estresse, o pânico e as perturbações psicossomáticas

³⁰ Dentre as opções de problemáticas corporais recorrentes na atualidade, Birman destaca: “(...), a síndrome de fadiga crônica, mediante a qual os indivíduos se referem a um cansaço absoluto que se manifesta pela ausência de impulso vital e pela imobilidade corporal.” (BIRMAN, 2004, p. 179). Apesar do termo neurastenia não ser utilizado, trata-se da mesma sintomatologia, demonstrando a atualidade das neuroses atuais.

seriam as resultantes no corpo da incidência do excesso, quando esse não é descarregado pela ação. Seria então o excesso no psiquismo o que poderia conduzir a estas duas séries sintomáticas, isto é, as que incidem nos registros do corpo e da ação, na medida que aquele ficaria retido no corpo quando não pudesse ser eliminado pela ação. (BIRMAN, 2004, p. 185)

Portanto, caso não seja possível uma descarga via ato/ação, os excessos incidirão no corpo, ocasionando em perturbações psicossomáticas. Dessa maneira, Birman prioriza a ação como método de descarga contra a angústia na atualidade. Podemos considerar a masturbação neurastênica como um método de descarga cultural? Trabalharemos essa ideia no subcapítulo a seguir.

Na finalização do texto, Birman escreve sobre como as problemáticas da simbolização da atualidade culminam em uma escassez do pensar:

Desaparecem, no entanto, as referências ao pensamento no mal-estar na atualidade. Isso não quer dizer que as teorias psicológicas e psicopatológicas contemporâneas tenham abolido o pensamento. Porém, a sua suspensão se revela no campo do mal-estar. Isso nos evidencia algo que é fundamental na caracterização atual da subjetividade. Trata-se de algo que é surpreendente, qual seja, a suspensão do pensamento. Vale dizer, se o mal-estar se apresenta nos registros do corpo, da ação e do sentimento, isso evidencia a anulação do pensamento. (BIRMAN, 2004, p. 190)

Conclui-se que na atualidade há uma dificuldade de simbolizar, que culmina em conceituações como: crise na fantasia (HAN, 2017), miséria simbólica (MINERBO, 2019) e era dos excessos (BIRMAN, 2004). A expansão da necessidade de descarga dos excessos pulsionais resulta, conseqüentemente, em métodos de descarga que se entrelaçam com a cultura. A masturbação neurastênica, aliado à pornografia, pode ser considerada um modo de descarga via ato/ação comum na atualidade, pois se trata de uma possibilidade de descarga primária e de fácil acesso.

Masturbação neurastênica e pornografia digital

O uso da pornografia na atualidade é quase sempre acompanhado da atividade masturbatória. Essa junção é pesquisada na tese intitulada *Uso de pornografia e sua influência na satisfação com os relacionamentos amorosos* (2019) de Cynthia Perovano Camargo

Baumel. Nela, foi feito um estudo com uma amostra de 1382 brasileiros, morando em diversos estados do Brasil. Desse total, 1188 (86,0%) já utilizaram a pornografia em algum momento de suas vidas e 194 (14,0%) disseram nunca ter usado. Dentre os que utilizam a pornografia: “Quando perguntados acerca da finalidade do uso de pornografia, tanto homens (94,2%) quanto mulheres (90,0%) apresentam como maior finalidade a satisfação pessoal, para masturbação, (...)” (BAUMEL, 2019, p. 125)

Dentre as opções de materiais pornográficos existentes, o mais utilizado eram os vídeos pornográficos:

Entre os materiais utilizados, mais de 91% dos participantes, homens e mulheres, usa vídeo como fonte de material pornográfico. (...). Homens (97,7%) e mulheres (87,5%) utilizam a pornografia principalmente através de sites gratuitos na internet, como os *tubes*, para uso do pornô, acessados principalmente através de celular ou smartphone (60,3% x 55,8%) e de computador (58,4% x 35,5%). (BAUMEL, 2019, p. 125)

A importância da pesquisa acima é mostrar que a masturbação e a pornografia estão entrelaçadas. Porém, podemos aprofundar ainda mais essa relação. O quanto dessas masturbações se trata de masturbação neurastênica?

Na atualidade, há uma dificuldade de fantasiar, por isso as pessoas podem recorrer a masturbação neurastênica, por ser um método de descarga via ato primário. E, por causa da pobreza do fantasiar, a pornografia possibilita fantasias “terceirizadas”, que auxiliam na descarga masturbatória. As “fantasias prontas”, oferecidas pela pornografia, ajudam nos alívios dos excessos pulsionais. Portanto, a masturbação neurastênica se une a pornografia para produzir alívios, frente a dificuldade de simbolização e a necessidade de descargas dos excessos libidinais. A pornografia é utilizada como auxílio para uma descarga libidinal não-simbolizada. Devido a essa necessidade, ela se expande e se excede

Essa teorização pode ser comprovada pelos altos números de acessos a pornografia³¹. E também pelo fato de que não é somente a excitação sexual que leva as pessoas a assistirem pornografia. Há um aumento no número de pessoas que tem se masturbado durante o horário

³¹ Em 2015, uma pesquisa divulgada pela revista *The Week* mostrava que 35% de todos os *downloads* no mundo eram de conteúdo pornográfico; 25% das pesquisas feitas na internet estavam relacionadas à pornografia, totalizando 68 milhões por dia; e 28 mil usuários de internet assistiam a vídeos pornográficos por segundo (THE WEEK, 2015). Em 2018, o canal *Sexy Hot* apontou que no Brasil 22 milhões de pessoas se diziam consumidoras de pornografia, sendo 24% mulheres e 76% homens, na grande maioria dos casos, menores de 35 anos. (MURARO, 2018). No Brasil, em agosto de 2024, o *Xvideos* teve 536,92 milhões de acessos, o *Pornhub* teve 227,5 milhões de acessos. (SEMRUSH, 2024).

de trabalho. Tem ocorrido cada vez mais uma pausa para se aliviar, descarregar a tensão e equacionar a libido: “Os dados indicaram que o horário das 22 horas à 1 hora da manhã é o mais comum para ver pornografia, mas o segundo horário mais popular é o das 16 horas.” (BBC, 2022). Sabe-se também que a média de tempo que as pessoas permanecem em sites pornô é entre 8 e 10 minutos, e a média no Brasil é de 9 min e 30 segundos (PORNHUB, 2022). Essa pausa para masturbação não está necessariamente relacionada a uma excitação sexual, mas a uma necessidade de alívio: “os motivos mais comuns que levam as pessoas a ver pornografia são o tédio ou o desejo de distrair-se de outras emoções.” (BBC, 2022). Ou seja, não se trata de uma masturbação voluptuosa, mas de um modo de descarga rápida e acessível. A pornografia auxilia que nessa descarga, via masturbação neurastênica; onde a fantasia é empobrecida, a pornografia preenche essa lacuna.

Ainda sobre a vinculação da pornografia com a masturbação neurastênica, a psicanalista Claudia Spadazzi escreve: “Um paciente em análise comenta como assistir a vídeos pornô é seu modo de superar os estados depressivos derivados de frustrações profissionais ou sentimentais” (SPADAZZI, 2023, p. 29). Nesse caso, não se trata de uma excitação sexual, a masturbação neurastênica, acompanhada da pornografia, possibilita descargas causadas pelas frustrações.

Não há como se comprovar se a masturbação neurastênica aumentou nos últimos anos. O que de fato aumentou é a expansão da pornografia. Desde o início da minha pesquisa notei que muito se pergunta sobre os efeitos do excesso da pornografia digital, porém, na medida que o trabalho foi se desenvolvendo, conclui que a pornografia digital excessiva é uma defesa frente à incapacidade de representar. As várias “fantasias prontas” dos vídeos pornográficos suplementam a incapacidade de fantasiar. Elas preenchem o saber e a sexualidade, sobrando pouca ou nenhuma lacuna. Na hiperexposição, não há o que não-saber.

Retornando a teorização da masturbação neurastênica como uma descarga via ato, Ritter também ressalta a importância de um “gradiente” dentro dessas possibilidades. Ele utiliza o pensamento de Rene Roussillon para expandir a possibilidade de uma passagem ao ato sendo: 1) Uma simples descarga sem simbolização; 2) Um ato em busca por simbolização ou 3) Um ato no qual está contido uma simbolização, porém precariamente. Nas palavras de Ritter: “Conceber o ato em uma série que vai daqueles menos elaborado, como descarga das excitações, àquele em que a elaboração simbólica se faz presente, enriquece nossa compreensão dos fenômenos de passagens ao ato tão comuns nas patologias atuais.” (RITTER, 2017, p. 50/51). Em resumo, ocorre uma escala em que: “atos que vai da descarga, praticamente sem

elaboração alguma, até a *mise-en-scène* da cena analítica, já inserida no registro simbólico.” (RITTER, 2017, p. 51).

Esse desenvolvimento teórico, onde há uma expansão da ideia da descarga via ato, é de extrema importância em sua relação com a pornografia. A masturbação neurastênica, como ato de descarga pulsional, pode variar nessas três possibilidades (sem simbolização, busca por simbolização, simbolização precária). E a pornografia auxiliaria nos três casos: 1) Caso não haja simbolização, a pornografia forneceria uma; 2) Caso haja uma busca por simbolização, o “cardápio pornográfico” da internet na atualidade fornece inúmeras opções; e 3) Caso exista uma simbolização pré-existente e precária, a pornografia digital pode servir de auxílio para aumentá-la. Em todos esses casos, a pornografia é de grande assessoramento frente à falta de fantasias. Ela facilita/sustenta para que ocorra uma descarga pulsional via ato masturbatório.

Na era dos excessos, a masturbação neurastênica aliada à pornografia formam uma suplementação frente a falta de simbolização e a necessidade de descarga. A pornografia da contemporaneidade fornece um extenso cardápio de fantasias prontas que auxiliam na descarga da masturbação neurastênica. Sobre isso, Spadazzi escreve:

(...), enquanto a fantasia – bem como o sonho – é capaz de fornecer uma função de elaboração, a atitude passiva do espectador ao assistir à tela determina que a representação – o “devaneio publicado” de Stoller – seja pré-embalada. Dirigida por uma mão externa, tudo que a cena pode oferecer é uma tensão solipsística sendo liberada por meio de uma atuação masturbatória. (SPADAZZI, 2023, p. 30)

Conclui-se que, antigamente, a masturbação já poderia ser utilizada para descarga e equação libidinal, porém, na era da crise do fantasiar, a pornografia é demandada a suplementar a falta de representações. Os excessos da pornografia contemporânea são uma defesa frente à necessidade de descarga libidinal não-simbolizada.

Hentai

Refletindo sobre a atualidade da incapacidade de fantasiar, e no alto número de jovens garotos que utilizam a pornografia digital, concebemos a ideia de que a pornografia na atualidade é uma “terceirização” das fantasias masturbatórias. Nesse momento nos indagamos: Quais são as fantasias mais buscadas nos sites pornográficos?

Os termos e categorias mais procurados no *Pornhub*, em 2021, 2022 e 2023, foram:

Termos mais procurados no Pornhub no Brasil em 2021	Termos mais procurados no Pornhub no Brasil em 2022	Termos mais procurados no Pornhub no Brasil em 2023
1.hentai 2.brasil 3.lesbian 4.brasileira 5.milf 6.anal 7.lesbicas brasileiras 8.cosplay 9.punheta guiada (joi) 10. naruto 11.big ass 12.brazilian 13. amateur 14. gostosa (hot)	1.hentai 2.brasileira 3.milf 4.anal 5.lesbian 6.punheta guiada (JOI) 7.cosplay 8.trans 9.amador (amateur) 10.big ass 11.anime hentai 12. gay 13.gostosa (tasty) 14. boquete (blowjob)	1.hentai 2.brasileira 3.milf 4.lesbicas 5.anal 6.punheta guiada (JOI) 7.brasil 8.cosplay 9.anime 10.lesbian 11.trans 12.gostosa (tasty) 13.amador (amateur) 14.big ass
Categorias de vídeos mais visitadas no Brasil (2021)	Categorias de vídeos mais visitadas no Brasil (2022)	Categorias de vídeos mais visitadas no Brasil (2023)
1.Hentai 2.Brazilian 3.Lesbian 4.Anal 5.Amateur Fonte: https://www.pornhub.com/insights/yir-2021	1.Transgender 2.Brazilian 3.lesbian 4.Anal 5.Threesome Fonte: https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review	1.Anal 2.Brazilian 3.Transgender 4.Ebony 5.Lesbian Fonte: https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review

Esses dados mostram algumas construções já feitas até o presente momento: a identificação que ocorre na busca pelos termos “brasileira” e “brasil”; e o Complexo de Édipo contido na base das fantasias procuradas pelo termo “milf”. No entanto, por que o termo “hentai” é o mais procurado nos últimos três anos?

O *hentai* é um desenho japonês, estilo mangá (história em quadrinhos) ou anime (animação), de conteúdo pornográfico. Ele é o máximo da fantasia. Nele, há uma história, uma

trama que se desenvolve, levando a cenas sexuais recheadas de expressões e exageros. As cenas são carregadas de afetos, sentimentos e sensações. São fantasias no máximo de sua expressão.

No caso de cenas feitas por pessoas reais, as performances atualmente são sem expressões. Nas palavras de Maria Rita Kehl: “(...), a imaginação pornográfica reduz-se ao entra-e-sai acompanhado de gemidos pouco convincentes que deveriam indicar a proximidade do orgasmo.” (KEHL, 2023, p. 37). A performance dos atores e atrizes pornô é pouco expressiva, tornando os vídeos pouco cativantes:

Acontece que, nesses sites, as atrizes que encontrei fingem *mal*. Gemidos de prazer se repetem sem alteração, em *uma nota só*, do começo ao fim da cena, quando enfim um gemido prolongado indica o orgasmo, assim como uma placa na estrada indicaria ‘Você chegou a Paranapiacaba’. (KEHL, 2023, p. 37/38)

Isso causa a necessidade de procurar fantasias mais expressivas, mais envolventes. Enquanto as pessoas reais fornecem fantasias empobrecidas, o *hentai* consegue criar uma fantasia sexual no máximo de sua expressividade. Por se tratar de um desenho tudo é possível, não há perdas devido às más encenações e não há confronto com a realidade, a fantasia é soberana, tornando o *hentai* o termo mais procurado.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa se dedicou às relações entre a masturbação e a pornografia na contemporaneidade. Inicialmente, destrinchamos o tema da masturbação ao longo da obra freudiana, e entre os diversos meandros, o que me pareceu mais importante é que há dois tipos de masturbação na teoria freudiana. O primeiro é o da masturbação nas psiconeuroses, em que o autor explora a dimensão das fantasias masturbatórias, originadas a partir do desejo infantil, e nelas estão contidas representações da culpa derivada do complexo de Édipo e o medo característica do complexo de castração. O segundo tipo de masturbação é o relacionado à neurastenia (neurose atual), que é compreendida por Freud como forma de descarga primária, em função de uma precariedade da função simbolizante. Nesses casos, a masturbação é a principal possibilidade de descarga e alívio das tensões do aparelho psíquico sem a mediação dos processos secundários. Conclui-se que, na neurastenia, acontecem descargas pulsionais brutas (não-simbólicas) via ato masturbatório.

A diferença é que a masturbação típica das psiconeuroses é carregada de simbolismos e fantasias, já a masturbação na neurastenia envolve evacuações sem representação simbólica, com o único propósito de descarga e alívio, de reduzir os excessos de um psiquismo com pouca tolerância às intensidades do viver. Optei por nomear esta última como *masturbação neurastênica*, em que o fantasiar está empobrecido ou inexistente, e que guarda pouca relação com a excitação sexual *per se*. Essa masturbação está mais ligada à necessidade de se livrar da angústia, é uma “descarga pela descarga”.

Discernir estes dois tipos de masturbação nos permite compreender formas diferentes do sujeito se relacionar com a pornografia, nas quais pudemos nos aprofundar ao longo do trabalho. No segundo capítulo, discutimos que, com os avanços da tecnologia e com o advento da pornografia digital, típica da contemporaneidade, as fantasias masturbatórias e a pornografia se afastaram. Através da pornografia digital, as defesas contra a culpa, a raiva e o medo possibilitam um afastamento do mundo interno, uma repressão, que nas fantasias masturbatórias não era possível. No início desse capítulo foi explorado a formação das fantasias. Freud compreendia que as fantasias, incluindo as masturbatórias, são uma equalização de desejos e defesas. Stoller ampliou esse pensamento incluindo a ideia de que traumas, frustrações e conflitos se resolvessem na trama de um roteiro pornográfico. Além disso, o autor também compreende que o ódio e a humilhação estão contidos nas fantasias masturbatórias. Desse modo, além dos ingredientes pensados por Freud a respeito da formação

das fantasias, Stoller adiciona o triunfo e o ódio como elementos participantes a serem equalizados.

Para Stoller, fantasias masturbatórias e pornografia caminham juntas, eles têm o mesmo método de formação e funcionamento, porém o autor morreu em 1991, antes da explosão da internet, então não pode acompanhar as transformações na relação do sujeito com a pornografia. Adicionando os pensamentos de Luiz Meyer, podemos conjecturar que a relação entre as fantasias masturbatórias e a pornografia se afastam levemente com os avanços da tecnologia. Como explicamos nesta dissertação, a pornografia digital, permite mais defesas psíquicas do que as fantasias masturbatórias. Os sentimentos de culpa, raiva e medo, podem ser mais ocultados, reprimidos e distorcidos através da pornografia digital. As defesas psíquicas do controle, da desidentificação e da cisão feminina, potencializam as “muralhas” contra a culpa, o medo e a raiva, relacionados ao complexo de Édipo e ao complexo de castração.

Ao abordar esses temas na pesquisa, encontramos aberturas para novas reflexões que pretendo explorar no futuro. Por exemplo, surge a interrogação: por que o Brasil é o país que mais consome pornografia transgênero e, ao mesmo tempo, é o país que mais mata pessoas transgênero? Outra inquietação que aparece, envolve o tema da cisão feminina na atriz pornô, a partir dos desenvolvimentos teóricos da psicanalista Estela Welldon. Deixo essas aberturas, entre outras, como convites para aprofundamentos futuros.

No terceiro capítulo, houve um ampliação das perguntas que originaram este trabalho. A questão inicial era: Qual a influência da pornografia da atualidade no processo de subjetivação psíquica? À medida que o trabalho se construiu, a pergunta se inverteu: *Por que existe tanta pornografia na atualidade? Qual a razão desses excessos?*

Por causa do aumento das patologias da atualidade, que envolvem uma precariedade da função de representação, demanda-se mais da masturbação neurastênica. Por causa de seu empobrecimento na fantasia, podemos conjecturar que um dos motivos para o excesso de produção e consumo da pornografia digital serve aos propósitos das defesas ligadas à incapacidade de simbolização.

A pornografia na contemporaneidade parece ser uma consequência das defesas que surgem frente a necessidade de descargas libidinais diretas e imediatas quando não houve a possibilidade de representação. Do ponto de vista da economia psíquica, são excessos quantitativos que necessitam ser escoados e não encontram caminhos simbólicos. Frente a essa necessidade, a masturbação demandou mais possibilidades e representações da pornografia para uma equalização libidinal.

Os números grandiosos da pornografia atual, tanto de acessos quanto de produção, são uma defesa. O ato de se masturbar frequentemente, acompanhado da pornografia, é uma solução para descargas que poderiam gerar angústias. Essa forma de tentar equilibrar a libido está ligada a uma dimensão coletiva dos meios de produção e consumo, em que a pornografia digital encontrou um grande mercado e espaço de difusão na cultura contemporânea.

É importante frisar que, neste trabalho, apesar da construção do conceito de masturbação neurastênica ter sido através da compreensão da neurastenia e das patologias da atualidade, não me parece que essa forma de masturbação esteja relacionada somente a funcionamentos psíquicos de precariedade simbólica. Parece haver um aspecto cultural relacionado à masculinidade, onde homens fazem uso da pornografia e da masturbação como forma de alívio às tensões libidinais, sejam eles sujeitos neuróticos ou casos de não-neurose. A masturbação parece ser um modo de descarga cotidiano para os homens, e a pornografia só veio à auxiliar. Antes do advento da internet e das inovações tecnológicas, provavelmente a masturbação já fosse uma forma de descarga libidinal cotidiana, talvez ela já fosse usada com frequência para descarregar tensões e se livrar de possíveis angústias. Ou seja, a masturbação neurastênica não se restringe a certos casos de adoecimentos psíquicos. Porém, na medida em que a cultura contemporânea contribui para formas de subjetivação em que está prejudicada a função da fantasia, houve uma demanda por consumo de pornografia como forma de criar imagens para auxiliar a atividade masturbatória. Foi necessário criar “representações prontas”, como “fantasias terceirizadas”, para que a excitação fluísse e gerasse uma descarga mais fácil, através da masturbação.

Ficam ainda outras interrogações: em função da dificuldade de fantasiar, será que a masturbação e a pornografia digital podem gerar uma *dependência uma da outra*? Não me refiro aqui a um vício, mas à necessidade de *a masturbação sempre estar acompanhada da pornografia (digital)*. Visto que a pulsionalidade exerce uma pressão constante ao psiquismo, haverá sempre a necessidade e busca por “fantasias de apoio” (novas ou repetidas) para esta forma de descarga imediata. Desse modo, a dependência/vinculação da masturbação à pornografia pode se cristalizar? Essa situação já me apareceu no consultório uma vez. Um rapaz que sempre necessitava da pornografia para se masturbar. Certa vez seu celular e computador não estavam acessíveis e ele preferiu nem começar o ato, apesar da vontade. Nesse caso, criou-se uma dependência imagética por causa da incapacidade de fantasiar. Nas palavras dele: “Não consigo me masturbar sem assistir pornografia”. Será que essa situação é o início de muitos casos que virão? Será que essa dependência imagética se alastrará no futuro?

Embora ainda não tenhamos chegado a respostas a algumas dessas interrogações, nesta pesquisa, foi possível um aprofundamento sobre os temas da masturbação e da pornografia. O propósito dessa investigação foi o de explorar as origens e características destes fenômenos, mantendo a abertura para novas ideias e significados. A pornografia é uma explosão da atualidade que merece ser analisada. Com esse trabalho, buscou-se ir além de explicações mais superficiais sobre o aumento do consumo da pornografia que não se restringem ao fato de ela ter se tornado mais acessível. Mas considero que continua sendo um tema que exige mais investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMEL, C. P. C. *Uso de pornografia e sua influência na satisfação com os relacionamentos amorosos*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Espírito Santo, 2019.

BIRMAN, Joel. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna, In: *Cadernos de Psicanálise*, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 26, n.17, p.175-195, 2004.

BRANCO, L. C. O que é erotismo. In: *Coleção primeiros passos, volume 11*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

BRENOT, P. *Elogio a Masturbação*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.

CARPEAUX, O. M. Apresentação: literatura ou pornografia? In: *O mundo do sexo*. Henry Miller. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CECCARELLI, P. A pornografia e o ocidente. Portugal: Revista (In)visível, v. 1, p. 25-34, 2011

CHREIM, V. Por uma atualização do conceito de castração. *Jornal de Psicanálise*, vol. 55, n. 103, pp. 91-105, dez. 2022.

DUARTE, M; BOUER, J. *O guia dos curiosos: sexo*. São Paulo: Panda Books, 2008.

FERRAZ, F.; RITTER, P. *O grão de areia no centro da perola: sobre as neuroses atuais*. São Paulo: Blucher, 2022.

FERREIRA, C.A.M. *Freud e a fantasia: os filtros do desejo*. (Para ler Freud). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FRANÇA, C. P. *Disfunções sexuais (Coleção Clínica Psicanalítica)*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

FREUD, S. A cisão do Eu no processo de defesa (1938), In: *Obras Completas, Volume 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2018.

FREUD, S. A dissolução do Complexo de Édipo (1924), In: *Obras Completas, Volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896), In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. III*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos, In: *Obras Completas, volume 4: a interpretação dos sonhos (1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908), In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898), In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. III*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898), In: *Obras completas, volume 3: Primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FREUD, S. Além do princípio do prazer, In: *Obras completas, volume 14: história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, In: *Obras Completas, Volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”), In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”), In: *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Apêndice: Carta a Theodor Reik (1929). In: *Obras Completas, Volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade, In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. “Autobiografia”, In: *Obras Completas, Volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. “Batem numa criança”: Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: *Obras Completas, Volume 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Cinco lições de psicanálise, In: *Obras completas, Volume. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Compêndio de psicanálise (1938), In: *Obras Completas, Volume 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2018.

FREUD, S. Conclusões, Ideias, Problemas (1938), In: *Obras Completas, Volume 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2018.

FREUD, S. Conferências introdutórias à psicanálise, In: *Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. Considerações gerais sobre o ataque histérico (1909), In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio. In: *Obras Completas, Volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. História de uma neurose infantil (“Homem dos Lobos”), In: *Obras completas, volume 14: história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses (1906), In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. III*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise 33. A feminilidade (1933), In: *Obras Completas, Volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2010.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise 32. Angústia e instintos (1933), In: *Obras Completas, Volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2010.

FREUD, S. O debate sobre a masturbação. In: *Obras Completas, Volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen, In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. O escritor e a fantasia, In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896), In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. III*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"]. In: *Obras completas, Volume. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II), In: *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais infantis (1908), In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a "neurose de angústia" (1895). In: *Obras completas, volume 3: Primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I), In: *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GALATZER-LEVY, R. M. Obscuring Desire: A Special Pattern of Male Adolescent Masturbation, Internet Pornography, and the Flight From Meaning, In: *Psychoanalytic Inquiry: A Topical Journal for Mental Health Professionals*, 32:5, p. 480-495, 2012.

GREEN, A. *Orientações para uma Psicanálise Contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

GREEN, A. Sexualidade tem algo a ver com psicanálise?, In: *Livro anual de psicanálise, 11*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

GROTSTEIN, J. S. "...no entanto, ao mesmo tempo e em outro nível...": teoria e técnica psicanalítica na linha kleiniana/bioniana - volume 1. São Paulo: Blucher, 2017.

HAN, B. C. *Agonia de eros*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

JUNQUEIRA, C. Prefácio. As Tramas da Compulsão, In: *Atendimento psicanalítico da compulsão alimentar*. Org.: Camila Junqueira, Maria Castanheira. Série Prática Clínica. São Paulo: Zagodoni, 2023.

KEHL, Maria Rita. Isolamento e pornografia, In: *Tempo esquisito*. São Paulo: Boitempo, 2023.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário de Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOWEN, A. *Amor e Orgasmo*. 4ª Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEYER, L. Um paradoxo vital: ódio e respeito à realidade psíquica, In: *Rumor na escuta: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 2008.

MINERBO, M. *Neurose e não neurose*. 2ª Ed. São Paulo: Blucher, 2019.

MORAES, E. O efeito obscuro. Cad. Pagu [online]. 2003, n.20, págs.121-130.

MORAES, E. R.; LAPEIZ, S. M. O que é pornografia. In: *Coleção primeiros passos, volume 11*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

NAFFAH NETO, A. A função básica da mãe (e do analista) em Bion e Winnicott, com foco nos conceitos de *rêverie* e *holding*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 119-131, set. 2011.

NASIO, J.D. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OGDEN, Thomas H. Psicanálise ontológica ou “O que você quer ser quando crescer?”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 22-45, mar. 2020.

OLIVENSTEIN, C. *A Vida do Toxicômano*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

REICH, Annie. The Discussion of 1912 on Masturbation and Our Present-Day Views, In: *The Psychoanalytic Study of the Child*, 6:1, p. 80-94. 1951.

RIBEIRO NETO, A.; CECCARELLI, P. Internet e Pornografia: notas psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. Belo Horizonte: *Reverso* v. 37, n. 70, p. 15-22, out. 2015.

RIBEIRO NETO, A. *Pornografia na cultura virtual: Considerações psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Pará, 2017.

RITTER, P. *Neuroses atuais e patologias da atualidade* (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUSSILLON, René. A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 48, n. 89, p. 257-286, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 ago. 2022.

SANTI, P. L. R. *O conceito de fantasia na obra de Sigmund Freud*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

SPADAZZI, Claudia. Pornografia, psicanálise e neurociência afetiva, In: *Psicanálise e adicção*. Organizado por José Alberto Zusman, Victoria Regina Béjar. São Paulo: Blucher, 2023.

STEPHENS-DAVIDOWITS, S. *Todo mundo mente: O que a internet e os dados dizem sobre quem realmente somos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

STOLLER, R. J. *Observando a imaginação erótica*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

STOLLER, R. J. *Perversão – A forma erótica do ódio*. 2ª edição. Hedra: São Paulo, 2018.

WERMER, H.; LEVIN, S. Masturbation fantasies, In: *The Psychoanalytic Study of the Child*, 22:1, p. 315-328. 1967.

WILDE, O. O leque de Lady Windermere, In: *Teatro Completo: Volume 1*. São Paulo: Editora Landmark, 2011

Sites

BBC. *Por que algumas pessoas se arriscam vendo pornografia durante o trabalho*. 27 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-62323587>. Acesso em: 18 jul. 2024.

BEZERRA JR, B. C. *Café Filosófico CPFL. A busca pela identidade no século XXI | Benilton Bezerra Jr*. YouTube. 11 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D4jSz9BA5ME>. Acesso em: 30 out. 2024.

BEZERRA JR, B. C. *Maio de 1968. 40 anos depois. Entrevista especial com Benilton Bezerra Jr*. 9 mar. 2008. Entrevista cedida a Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/12548-maio-de-1968-40-anos-depois-entrevista-especial-com-benilton-bezerra-jr>. Acesso em: 30 out. 2024.

CANALTECH. *Pornhub divulga estatísticas de 2017 e mostra que brasileiro adora pornografia*. 9 jan. 2018. Disponível em: <https://canaltech.com.br/comportamento/pornhub-divulga-estatisticas-de-2017-e-mostra-que-brasileiro-adora-pornografia-106304/>. Acesso em: 6 jul. 2023.

MAGALHÃES A. L. *O que é OnlyFans? O que deveria ser e o que se tornou*. 26 mai. 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-onlyfans/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

METRÓPOLES. *Pesquisa aponta que homens se masturbam 2,5 vezes a mais que mulheres*. 19 ago. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/pesquisa-aponta-que-homens-se-masturbam-25-vezes-a-mais-que-mulheres>. Acesso em 18 jul. 2024.

MUNDO ESTRANHO. *Como as pérolas se formam?*. 23 ago. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-as-perolas-se-formam>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MURARO, C. *22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa*. G1, São Paulo. 17 mai. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop->

arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assuem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml. Acesso em: 06 jul. 2023.

PORNHUB. *The 2021 Year in Review*. 14 dez. 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021>. Acesso em: 6 jul. 2023.

PORNHUB. *The 2022 Year in Review*. 8 dez. 2022. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review>. Acesso em: 6 jul. 2023.

PORNHUB. *The 2023 Year in Review*. 9 dez. 2023. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SEMRUSH. Principais sites no seguinte país: Brasil (Adulto). 30 ago. 2024. Disponível em: <https://pt.semrush.com/trending-websites/br/adult>. Acesso em: 20 set. 2024.

THE WEEK. *The internet porn 'epidemic': By the numbers*. 8 jan. 2015. Disponível em: <https://theweek.com/articles/493433/internet-porn-epidemic-by-numbers>. Acesso em: 6 jul. 2023.

Filmes

PLEASURE. Direção: Ninja Thyberg. Produção: Erik Hemmendorff, Eliza Jones; Markus Walta. Suécia: SF Studios, 2021.